



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

**Importância, Comportamentos e
Operacionalização da Transição Ataque-Defesa
no Futebol inserida num contexto de jogo
colectivo**

A perspectiva de treinadores da Primeira Liga

Fernando Festa

Porto, 2009



Importância, Comportamentos e Operacionalização da Transição Ataque-Defesa no Futebol inserida num contexto de jogo colectivo

A perspectiva de treinadores da Primeira Liga

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, em Alto Rendimento – Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Professor Doutor Júlio Garganta

Fernando Jorge Ferreira Antunes Festa

Porto, 2009

Festa, F. (2009). *Importância, Comportamentos e Operacionalização da Transição Ataque-Defesa no Futebol inserida num contexto de jogo colectivo. A perspectiva de treinadores da Primeira Liga*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Palavras-chave: TÁCTICA, MODELO DE JOGO, MOMENTOS DO JOGO, TRANSIÇÃO ATAQUE-DEFESA, TREINO



Agradecimentos

Ao Professor Júlio Garganta pela paciência e correcções feitas na orientação deste trabalho.

A todos os Professores da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, em particular aos Professores do Gabinete de Futebol, por todos os conhecimentos transmitidos, por eu ver agora o Futebol com «outros olhos».

Aos treinadores José Mota, Paulo Sérgio, Ulisses Morais, Jorge Costa e Ricardo Chéu pela disponibilidade e grande contribuição para a realização do trabalho.

Aos meus pais pelo apoio e exigências colocadas ao longo de todo um percurso académico.

À Idalina por todo o apoio, paciência para ouvir, ler, criticar... e sobretudo por todo o Amor.

A todos os meus amigos, em especial, ao Pedro Ribeiro e ao Rui Machado pelos nossos debates enriquecedores e por toda a ajuda, e ao Luís Mendonça, à Rita Santoalha, à Luísa Graça, ao Quim Pedro e ao José Maia por estarem sempre presentes e por serem uns verdadeiros amigos.

A todos os meus jogadores e ex-jogadores, pelos problemas colocados, metas e desafios a ultrapassar que nos fizeram evoluir em conjunto.

A todos, MUITO OBRIGADO



Índice

1 – INTRODUÇÃO.....	3
1.1 OBJECTIVOS DO ESTUDO	4
1.2. ESTRUTURA DO TRABALHO	5
2 – REVISÃO DA LITERATURA.....	9
2.1 – O JOGO, SUA NATUREZA E COMPLEXIDADE	11
2.2 – A TÁCTICA: O SUPORTE DO JOGO COLECTIVO	15
2.3 – MODELO DE JOGO: OS MOMENTOS, OS PRINCÍPIOS, OS JOGADORES, AS DECISÕES	20
2.4 – TRANSIÇÃO ATAQUE-DEFESA	29
2.4.1 – <i>Transições: momentos de grande importância num jogo em constante evolução</i>	<i>29</i>
2.4.2 – <i>Organização ofensiva: preparação do momento da perda da bola</i>	<i>32</i>
2.4.3 – <i>Transição Ataque-Defesa: uns breves instantes, uma grande importância.....</i>	<i>42</i>
2.4.4 – <i>Organização defensiva: o interpretar do momento que se segue à transição ataque-defesa</i>	<i>51</i>
2.4.5 – <i>Operacionalização – o Treino para o Jogo – dos momentos de transição.....</i>	<i>57</i>
3 – CAMPO METODOLÓGICO.....	65
3.1. AMOSTRA	65
3.2. CONSTRUÇÃO DAS ENTREVISTAS	66
3.3. PROCEDIMENTO	67
3.4. CORPUS DE ESTUDO	68
3.5. ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	68



3.6. DELIMITAÇÃO DOS OBJECTIVOS COMO ORIENTAÇÃO DA PESQUISA	69
3.7. DEFINIÇÃO DO SISTEMA CATEGORIAL	71
3.8. JUSTIFICAÇÃO DO SISTEMA CATEGORIAL	72
3.9. DEFINIÇÃO DAS UNIDADES DE ANÁLISE	76
4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS	79
4.1. (C1) – FACTORES DE RENDIMENTO NO FUTEBOL.....	79
4.2. (C2) – MODELO DE JOGO	83
4.3. (C3) – TRANSIÇÃO ATAQUE-DEFESA	89
4.3.1. (SC3.1) – <i>Importância dos momentos de transição</i>	89
4.3.2 (SC3.2) – <i>Equilíbrio defensivo em organização ofensiva</i>	92
4.3.3. (SC3.3) – <i>Padrões comportamentais da transição ataque-defesa</i> ..	98
4.3.4 (SC3.4) – <i>Relação com a organização defensiva</i>	106
4.3.5 (SC3.5) – <i>Treino das transições</i>	108
5 – CONCLUSÕES.....	117
6 – SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS.....	123
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
ANEXOS.....	XIII
ANEXO 1 (GUIÃO DAS ENTREVISTAS).....	XIII
ANEXO 2 (ENTREVISTA A JOSÉ MOTA).....	XVII
ANEXO 3 (ENTREVISTA A RICARDO CHÉU)	XXXVII
ANEXO 4 (ENTREVISTA A PAULO SÉRGIO BRITO).....	LI
ANEXO 5 (ENTREVISTA A ULISSES MORAIS)	LVII



Índice de Figuras

Figura 1 – Estruturação de um princípio da transição ataque-defesa (Retirado de Silva, 2008).....	45
---	----





Resumo

A tática têm-se revelado como o factor de rendimento que assume uma importância de destaque uma vez que permite a congregação de todos os outros factores na construção, execução e avaliação da padronização de comportamentos que tem no processo de Treino o seu laboratório.

Assim, o Modelo de Jogo constitui-se como um referencial específico à construção de uma identidade colectiva. Os momentos de transição são vistos como momentos chave na articulação dos princípios dos Modelos de Jogo de cada treinador e assumem um carácter de protagonismo na obtenção do rendimento desportivo.

Desta forma, definiu-se para este trabalho um objectivo geral: aferir qual a importância que os treinadores da Primeira Liga Portuguesa (Liga Sagres) atribuem à definição e ao treino de padrões de comportamento da transição ataque-defesa dentro do Modelo de Jogo que preconizam para a sua equipa.

Para tal realizou-se uma pesquisa bibliográfica, juntamente com um estudo das ideias de diversos treinadores da Primeira Liga Portuguesa (Liga Sagres), recolhidas através de entrevistas.

Da análise dos resultados, onde se cruzou a informação recolhida na revisão bibliográfica com o conteúdo das entrevistas aos treinadores, foi possível concluir que: (1) o Modelo de Jogo assume-se como o aspecto central que baliza o processo de Treino; (2) A transição defensiva deve começar a ser pensada e preparada em antecipação, quando a equipa se encontra em organização ofensiva; (3) O treino das transições deverá percorrer todo o microciclo padrão de uma equipa sendo, no entanto, abordado de diferentes formas em cada um dos dias; (4) Os padrões de comportamento na transição ataque-defesa estão dependentes do local onde foi perdida a bola, do adversário que se defronta e do período do jogo a que acontecem; (5) Os princípios e sub-princípios dos momentos de transição são objecto de ensino nos processos de Treino; (6) A transição defensiva para ser eficaz deverá ser uma acção concertada de toda a equipa com pressão ao portador da bola e espaço circundante e aproximação dos jogadores mais distantes da bola.





Abstract

Tactics has revealed itself as the efficiency factor that has the most outstanding importance as it allows the assemblage of all the other factors in the construction, execution and pattern evaluation of behaviours that have as their lab of the Training Process.

Game Model has become, then, the specific reference to building a collective identity. Transition moments are considered the key moments in the joint of the principles defined by Game Model of each coach and have the role character in the sport efficiency attaining.

The main purpose of this work was, to assess the importance recognized by Premier League coaches (Sagres League) to the definition and Training Process of behavioural processes of attack-defence transitions defined in the Game Model defined for each team.

A documental research was made as well as ideas compilation of several Premier League coaches, collected by interviews.

From the result analysis achieved by the comparison of the information gathered in the documental research together with the information collected during the interview process, it could be concluded that: (1) The Game Model assumes the main aspect that beacons the Training Process. (2) Defensive transition should be thought and arranged by anticipation, when the team is still in the offensive organization. (3) Transition training process should be emphasized during all the regular microcycle of each team, being, although, this approach made in different ways in each day; (4) Behaviour patterns in attack-defence transitions are dependent on the local in which the player lost the ball possession, the opponent team and the game period in which that lost occurs. (5) Game principles and sub-principles of transition moments are trained during the Training Process; (6) Defensive transition, to be effective should be the result of a combined action of all the team pressure to the opponent player that has the ball possession, the surrounding area and the approach of more distant team members.





Résumé

La tactique s'est révélé comme un facteur essentiel qui, au niveau du rendement, assume une importance essentielle, une fois qu'elle permet la complémentarisation de tous les autres facteurs. L'entraînement est le laboratoire pour la construction, l'exécution et l'évaluation de la normalisation des comportements.

Ainsi, le modèle de jeu se présente comme une référence spécifique dans la construction d'une identité collective. Les moments de transition sont la clef de l'articulation des principaux modèles de jeu pour chaque entraîneur, permettant le protagonisme du rendement sportif.

L'objectif général de travail se définit ainsi: Evaluer l'importance du travail des entraîneurs dans la première division portugaise (Liga Sagres), définir des normes de comportement à appliquer dans les mouvements attaque-défense dans un modèle de jeu défini pour l'équipe.

Pour cela, on fait une recherche bibliographique associant une étude de l'opinion de divers entraîneurs de la première division portugaise (Liga Sagres), obtenue dans les interviews.

L'analyse des résultats, croisant les informations obtenues dans la consultation des bibliographies avec les interviews des entraîneurs, a permis arriver à la conclusion suivante: 1 – Le modèle de jeu est l'aspect central qui oriente l'entraînement; 2 – La transition défensive doit se préparer avec anticipation, pendant la procédure offensive; 3 – La répétition des transitions devra englober tout le cycle modèle d'une équipe, pouvant, néanmoins, s'adapter différemment selon les jours; 4 – Les normes de la transition attaque défense dépendent du lieu où on perd le ballon, du niveau de l'adversaire et du moment du match; 5 – Les principes et dérivés des moments de transitions sont objets d'étude dans les entraînements; 6 – La transition défensive, pour être efficace, devrait être une action commune à toute l'équipe, en pressurant le porteur du ballon et son entourage et en évitant l'approche des joueurs plus éloignés.





INTRODUÇÃO







1 – Introdução

O jogo, em particular, o Futebol tem um carácter imprevisível, aleatório ou mesmo caótico. Paulo Cunha e Silva (1995) refere mesmo que neste Desporto não existem duas situações iguais, sendo, no entanto, possível identificar um conjunto de regularidades e hipóteses que torna viável e credível o treino e toda a preparação dos jogadores.

A ciência nos seus vários domínios procura reduzir ao máximo aquilo que qualifica como accidental ou fortuito. No Futebol, após uma época quase totalmente dedicada à descodificação do esforço físico do futebolista onde a preocupação era quantificar, começa-se a focar o interesse em padrões de comportamento, numa perspectiva mais ligada à qualidade.

A complexidade de acções e funções adstritas aos futebolistas vão do simples acto de correr à forma mais complexa de pensar e decidir o jogo no momento. Assim, o Jogo torna-se, invariavelmente, complexo e segundo Morin (1990) esta complexidade não pode ser analisada parcelarmente, uma vez que isso produziria um conhecimento que iria ser sempre desprovido de ligações.

No caminho evolutivo para um caos determinista onde a ordem se instala e se equilibra com o caos, surge o Modelo de Jogo.

A adopção de um Modelo de Jogo e de treino implica definir, treinar, enraizar e aplicar um conjunto de princípios e sub-princípios que se caracterizam por regularidades de comportamentos observáveis nos vários momentos do jogo.

Ao elegermos o Futebol que queremos ver praticado pela nossa equipa devemos ter ideias bem claras sobre o que queremos nos momentos de ataque e defesa. No entanto, estes dois momentos não são estanques e nem sequer devem ser pensados separadamente.

Se queremos uma ideia de jogo coerente devemos ter a preocupação de conectar tudo. Assim, os conceitos defensivos devem estar dependentes da forma como atacamos e vice-versa. Existem, porém dois momentos que se constituem como fundamentais na ligação do jogo de uma equipa e que



também devem ter directrizes bem definidas para que o jogo se possa apresentar como contínuo e fluido. Esses momentos são as transições.

Mourinho (2003) refere-se aos momentos de alternância da posse como os momentos mais importantes no futebol actual.

As mesmas conclusões são alcançadas por muitos treinadores e amantes do futebol ao constatarem que há um acréscimo significativo na percentagem de golos obtidos nesses momentos.

Mourinho (2003), reforça a posição anteriormente vincada afirmando, relativamente à transição ataque-defesa que “o momento de perda da posse de bola é o momento crítico na organização defensiva.”

Esta é uma problemática que merece ser tratada cuidadosamente face à sua importância na decisão dos jogos mas, que segundo Leal (2003), ainda passa muito despercebida. Este treinador refere mesmo que “treina-se o ataque e a defesa, mas, muitas vezes, não se treinam as transições.”

Assim, este trabalho procurará evidenciar que os problemas resultantes da perda da posse de bola só podem ser combatidos por uma equipa com ideias claras no que se refere à definição de padrões comportamentais na transição defensiva. Importante será também a interligação destas acções com os momentos que lhe antecedem (organização ofensiva) e os que lhe sucedem (organização defensiva) e o treino exaustivo desta, como de qualquer outra fracção do «jogar» presente na competição.

1.1 Objectivos do Estudo

Face ao que expusemos procuramos uma aquisição de conhecimentos dentro do tema do nosso trabalho partindo dos seguintes objectivos:

Objectivo Geral

- Aferir qual a importância que os treinadores da Primeira Liga Portuguesa (Liga Sagres) atribuem à definição e ao treino de padrões de



comportamento da transição ataque-defesa dentro do Modelo de Jogo que preconizam para a sua equipa

Objectivos Específicos

- Perceber a importância que os treinadores atribuem às transições;
- Discernir como pretendem realizar a transição ataque-defesa e quais variáveis colocam à acção dos jogadores
- Visualizar a ligação entre os princípios implementados para a transição ataque-defesa com os princípios referentes aos restantes momentos do Modelo de Jogo;
- Identificar como os treinadores salvaguardam o equilíbrio defensivo quando as suas equipas se encontram em organização ofensiva, contribuindo para o sucesso da posterior transição defensiva;
- Perceber o foco que os aspectos característicos das transições (em particular da transição defensiva) merecem na operacionalização padronizada a que a equipa é alvo.

1.2. Estrutura do Trabalho

Com o intuito de atingir estes objectivos, realizou-se uma série de entrevistas a treinadores da Primeira Liga Portuguesa (Liga Sagres) com o desígnio de conhecer as suas ideias e concepção acerca dos princípios relacionados com a transição ataque-defesa e inseridos na forma de jogar que cada um ambiciona para a sua equipa.

A partir desta metodologia de análise, estruturou-se o trabalho em sete pontos:

No primeiro ponto, a “Introdução”, é feita a exposição do tema do trabalho, evidenciada a sua pertinência no quadro teórico actual e são definidos os objectivos que se propõe atingir.



No segundo ponto realizar-se-á uma revisão bibliográfica

No terceiro ponto deste estudo far-se-á a descrição da metodologia utilizada para analisar os conceitos pretendidos.

O quarto ponto corresponde à análise e discussão dos resultados (entrevistas realizadas aos treinadores), confrontando-as com as opiniões destacadas na revisão do estado da arte.

No quinto ponto apresentar-se-á as conclusões do trabalho.

No sexto ponto serão indexadas as referências bibliográficas que suportaram a realização do trabalho.

Por último, o sétimo ponto é constituído pelos anexos, onde consta o guião das entrevistas e a transcrição das mesmas.



REVISÃO DA LITERATURA







2 – Revisão da Literatura

“À maneira que o rio faz suas próprias
ribeiras, assim toda ideia legítima faz seus
próprios caminhos e condutos.”

Ralph Waldo Emerson, s.d.

“A história do mundo é, essencialmente,
história de ideias.”

George Wells Herbert, s.d.

O Desporto, e em particular, o Futebol, tem uma história e como arte científicável que é apresenta conceitos e ideias que vão sendo “retocados” e “substituídos” em função da evolução que o fenómeno regista.

O desenvolvimento das ciências do desporto atingiu maturidade para gerar um conjunto de conhecimentos aplicáveis ao Futebol, tendo vindo a manifestar-se um aumento do interesse na diminuição do fosso entre a teoria e a prática, e o aumento da consciência do valor da abordagem científica do Futebol (Reilly *et al*, 1997).

Encontra-se na literatura a emergência de várias correntes de treino aplicadas ao futebol, que traduzem a própria evolução da história da teoria e metodologia do treino desportivo. Fundamentalmente emergem duas tendências opostas ao nível do planeamento do treino em Futebol: uma que coloca o primado nos aspectos da “carga” e no planeamento da componente de rendimento “física” e outra, em linha oposta, que coloca o postulado no planeamento dos aspectos “táticos”, centrando-se numa determinada forma de jogar. Considera-se que a dimensão física surge agregada à dimensão tática, entendida como “guia” do processo.

O treino desportivo teve na sua origem diversos estudos elaborados para os desportos individuais. Contudo, os estudiosos ligados aos desportos



colectivos «confeccionavam» pequenas alterações e aplicavam-nos em realidades bem distintas, sem reflectirem nas consequências provocadas na evolução das modalidades colectivas (Rocha, 2000).

Ainda relativamente às metodologias e periodizações adoptadas pelos treinadores, Rui Faria (1999) refere que, mesmo actualmente, o enfoque na vertente física tem dominado, sendo atribuída mais importância à aquisição e desenvolvimento de capacidades físicas em prejuízo de uma consciente forma de jogar.

Embora tenham sempre existido pessoas e ideias contrastantes, é certo que, nunca deixaram de ser pouco representativas. Na presente década, o entendimento do jogo como fenómeno de grande complexidade e a adopção de conceitos e teorias subversivas em relação às que vinham sendo anteriormente reivindicadas pela generalidade dos autores ganhou peso no sucesso desportivo alcançado pelos seus defensores, que teve o seu expoente máximo em José Mourinho.

Com uma preocupação constante naquilo que é a realidade, na prática e uma vez que é sempre esta o objecto final dos estudos e ideias, começaram a ganhar crescente importância conceitos como “especificidade”, “organização”, “Modelo de Jogo”, entre outros, todos eles revelando intenção de analisar o Futebol por um outro prisma. No entanto, a pressão da comunidade científica “obrigou” à procura e fundamentação teórica de todas estas ideias e assim, a reboque, surgem em suporte desta corrente ciências e teorias da Complexidade, do Pensamento Sistémico, dos Fractais, da Teoria do Caos, das Neurociências, da Cibernética e autores como Morin, Capra, Cunha e Silva, Damásio, Le Moigne, Prigogine e Stacey.



2.1 – O Jogo, sua natureza e complexidade

“Um jogo de Futebol é na sua essência irregular, caótico e desorganizado. Ainda assim poderão encontrar-se com frequência regularidades e invariâncias se for correctamente observado e analisado.”

Fernando Ferreirinha, 2008

Boaventura Sousa Santos (2003) fala em crise do método científico dominante, apontando razões teóricas e sociais. O mesmo autor lança algumas acusações aos cientistas, mostrando o desagrado por alguns dogmas instaurados: “conhecer significa quantificar”; “o rigor científico afere-se pelo rigor das medições”; “as qualidades intrínsecas do objecto são desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades”; “o que não é quantificável é cientificamente irrelevante”; “o método científico assenta na redução da complexidade”; “o mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente”; “conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou” (Santos, 2003: 15).

Ainda dentro dos mesmos princípios e, no âmbito das ciências do desporto, Leal (1995) atribui à norma dos estudos a corrupção pela atomização e citando Morin (1990), esse paradigma da simplificação leva a uma ciência mutiladora.

As “reclamações” de Boaventura Sousa Santos e Francisco Sobral Leal relativas à ciência e ao método científico encontram no Futebol um objecto de estudo com as mesmas necessidades.

O Futebol insere-se num grupo de modalidades denominadas de Jogos Desportivos Colectivos, em virtude da similaridade de algumas das suas características. No entanto, são as propriedades particulares que, actualmente,



são profundamente estudadas numa lógica de conhecer e explorar a especificidade das suas componentes (Barreira, 2006).

A relação de oposição que se estabelece entre os elementos das duas equipas em confronto e a relação de cooperação entre os elementos da mesma equipa, ocorridas num contexto aleatório, são as características que, não aliando a importância das restantes, traduzem a essência do jogo de Futebol (Garganta, 2002).

Assim, o Futebol apresenta indubitavelmente um carácter aleatório, casuístico, com uma probabilidade elevada de acontecerem situações que fogem à normalidade.

Garganta (1997b) acrescenta que o Futebol depende da afirmação e actualização das escolhas e decisões dos jogadores, realizadas num ambiente de diversos constrangimentos e possibilidades. Assim, o mesmo autor classifica-o como uma construção activa pois a cada momento cada jogador responde em função da análise e interpretação que faz dos constrangimentos situacionais a que está sujeito.

O Futebol é assim entendido como um sistema aberto, o que para Santos (1989) se classifica como algo em que os agentes que actuam no seu âmbito, pelas acções desencadeadas, modificam a relação entre os diferentes sub-sistemas e, porque aprendem com isso, actuam sobre o sistema, alterando-o.

As organizações, neste caso no futebol, as equipas, formadas por variados elementos comportam-se como sistemas dinâmicos interrelacionais e sobrepostos (Gaiteiro, 2006).

Cunha e Silva (2008) vem acrescentar que se trata ainda de um fenómeno extremamente sensível às condições iniciais, isto é, trata-se de um sistema cuja evolução é imensamente difícil de perceber, se não se tiver em atenção que é feito a partir da soma de um conjunto de complexidades. E a soma de todas essas complexidades, produz uma complexidade, ainda maior.

Guilherme Oliveira (2004) afirma que, a complexidade do jogo é o jogo em si, ou seja, a interacção entre as duas equipas, as interacções entre os jogadores da mesma equipa, o jogo das previsibilidades e imprevisibilidade,



que constantemente se confrontam, a aleatoriedade dos acontecimentos, a capacidade de criação das equipas e dos diferentes jogadores, a qualidade do jogo e dos jogadores e, conseqüentemente, os problemas levantados, que proporcionam um meio complexo e caótico que, para ser perceptível, tem de ser gerado e analisado nesse envolvimento

“Complexidade trata-se de um princípio transaccional que faz com que não nos possamos deter apenas num nível do sistema sem ter em conta as articulações que ligam os diversos níveis. Isto quer dizer que ao tentar simplificar um sistema complexo, estamos, a destruir, *a priori*, aquilo que intentávamos perceber, isto é, a sua inteligibilidade.” (Cunha e Silva, 1995).

Araújo e Garganta (2002) não são alheios à enorme complexidade que o jogo de Futebol comporta, atribuindo-a aos acontecimentos, interacções e acasos que ocorrem entre os sistemas em presença. No entanto, contrabalançam que os eventos e comportamentos não são exclusivamente casuais e aleatórios. Assim, estaríamos impossibilitados de impor o nosso saber, a nossa vontade. É então pertinente criar uma certa rotina, regularidade e predictibilidade, para que o jogo não seja uma série infindável de escolhas aleatórias, cada uma delas com consequências também aleatórias. Isso faria com que a figura do treinador fosse apenas de mero observador do fenómeno em causa e prisioneiro impotente da sorte.

Catita cit. por Sousa (2005) na mesma linha de raciocínio defende que apesar de um jogo de Futebol apresentar sempre um resultado que é historicamente único e de envolver um carácter mais imprevisível, mesmo numa única partida, normalmente, ganha a melhor equipa, aquela que vai mais ao encontro dos factores – treináveis – que influenciam a vitória. Se formos mais longe e pensarmos não num jogo singular, mas num conjunto de jogos, esta latente imprevisibilidade esbate-se ainda de uma forma mais evidente.

Esta vertente treinável não pode nunca ser descurada e da mesma forma que Paulo Cunha e Silva (1995) diz que “uma equipa é um corpo complexo em qualquer dos níveis de organização, desde o subcelular, passando pela actividade motora até à intersubjectividade em campo”, também destaca a importância dos processos de treino. No entanto, esses processos



de treino devem compreender a variabilidade e incorporá-la e não exorcizá-la. O mesmo autor completa argumentando que “o elemento relacional, comunicacional, é mais importante do que as mais-valias individuais. E esse elemento só se manifesta num quadro que ultrapassa formatos impositivos.”

Tendo em conta a perspectiva de organização complexa em que está colocado o Futebol facilmente se percebe que os modelos de análise científica cartesiana, não só empobrecem a realidade quando a reduzem a partes como nem sequer são capazes de a analisar uma vez que lhes retiram o sentido concedido por todas as suas interligações. Apesar de tudo há um caminho...

Os meios de modelização contemporâneos, de metamodelização, permitem entender o comportamento desses sistemas caóticos, porque justamente não vivem angustiados na circunstância de descobrirem uma variável muito precisa, ou seja, vivem satisfeitos com a possibilidade das variáveis serem variáveis flutuantes, que albergam a criatividade. (Cunha e Silva, 2008).

Então, no Futebol, a modelação táctica do jogo permite rentabilizar a prestação dos jogadores e das equipas no ensino, no treino e na competição. Os processos de ensino e treino do Futebol ganham coerência e eficácia, se referenciados a modelos ajustados à complexidade do jogo (Garganta, 1996).



2.2 – A tática: o suporte do jogo colectivo

O que de mais forte uma equipa pode ter é jogar como uma equipa. Para mim isto é muito claro: a melhor equipa não é a que tem os melhores jogadores, mas aquela que joga como equipa.

José Mourinho cit. por Amieiro et al., 2006

O futebol conta com quatro principais factores/dimensões/componentes de rendimento: o físico, o psicológico, o técnico e o tático (Queiroz, 1986; Pinto, 1988; Garganta *et al*, 1996; Garganta, 1997; Castelo, 2002).

Para Tavares (1998) a presença destes quatro factores, é determinante, mas mais importante é conotá-los e considerá-los sempre como uma globalidade. Queiroz (1986) confirma isso mesmo, sustentando que deverá existir sempre uma indivisibilidade das componentes de rendimento desportivo.

Uma vez que o jogo é mais do que o evidente conjunto dos diversos factores que o fundamentam, uma análise e uma operacionalidade analítica não equacionará as interacções factoriais que os problemas do domínio desportivo encerram, protelando consequentemente, o rendimento das equipas e dos jogadores no jogo (Castelo, 2002).

Castelo (2002) acrescenta ainda que a evolução desportiva apresenta um carácter sistémico dado que a melhoria alcançada num dos factores constituintes irá afectar não só esse elemento como também o desempenho de todos os outros, influenciando todo o sistema.

Assim, torna-se pertinente não propriamente a necessidade do estudo de cada um dos factores isoladamente mas, sobretudo, o estudo das interacções que se constituem (Garganta e Gréhaigne, 1999)

Estas introspecções dos vários autores vêm confirmar e reforçar o que anteriormente se referiu aquando da assunção do Futebol como um fenómeno



complexo que reclama uma modelização sistémica para a sua descodificação. Desta forma, é pacífico afirmar que todos os factores/dimensões do rendimento desportivo são importantes. Mas será essa importância igualmente repartida por todos?

De acordo com Garganta (1997), embora os factores de rendimento estejam sempre presentes, alguns têm maior preponderância sobre outros.

Relativamente a metodologias de treino, o domínio pelo fisicismo é evidente. Tani (2001) confirma esta teoria reportando-se ao desporto de rendimento em geral, afirmando estar enraizada a crença de que a excelência no desempenho desportivo pode ser obtida mediante a melhoria na condição física, ideia sustentada pela Fisiologia do Exercício.

No entanto, a compreensão do Futebol como um fenómeno de relações, ligações, conexões e interacções reclama outras perspectivas.

Cruyff cit. por Barend e Van Dorp (1997) é peremptório ao afirmar que o principal é a táctica e considera que o seu conhecimento táctico era o factor que mais distanciava os jogadores.

Pensar de uma forma específica obriga à necessidade de projectar o futebol num contexto táctico. Obriga a que tenhamos um referencial e a táctica constitui-se como tal, condicionando as restantes dimensões, técnica, psicológica e física (Rocha, 2003).

A táctica terá de ser privilegiada como núcleo central de periodização (Faria, 1999), através do qual esta dimensão funcionará como guia de reflexão e acção e, como elemento vertebrador (Garganta, 1997), ou seja, como elemento coordenador, que irá privilegiar as interacções entre as diversas dimensões do rendimento.

Em concordância com Garganta, Pinto (1996) que classifica a táctica como factor integrador e simultaneamente condicionador de todos os outros.

Procurando conceptualizar a táctica Riera (1995) refere que no âmbito desportivo surgem três expressões que ajudam a definir a táctica: objectivo parcial, combate e oponente.

Táctica não significa somente uma organização em função do espaço de jogo e das missões específicas dos jogadores, esta pressupõe, em última



análise, a existência de uma concepção unitária para o desenrolar do jogo, ou por outras palavras, o tema geral sobre o qual os jogadores concordam e que lhes permite estabelecer uma linguagem comum (Castelo, 1996; Garganta, 1997).

Para José Mourinho é evidente que o papel da tática deve ser dominante. Vejamos a opinião de um dos melhores treinadores do mundo:

“Ao privilegiar a vertente tática, portanto, a organização que eu pretendo, estou a privilegiar todas as outras componentes do rendimento, pois é por necessidade do «tático» que surgem todas as outras. É a partir do trabalho tático, da operacionalização do meu Modelo de Jogo, que vou conseguir uma adaptação específica nas outras componentes. Se o nosso «tático» é singular, tudo o que dele deriva é singular também. Por isso é que eu digo que não acredito em equipas bem ou mal preparadas fisicamente, mas em equipas identificadas ou não com uma determinada matriz de jogo, adaptadas ou não a uma determinada forma de jogar. Porque a adaptação fisiológica é sempre específica, singular, de acordo com essa forma de jogar (José Mourinho, cit. por Amieiro *et al.*, 2006: 111).”

Valdano (1998) tem uma postura romântica e prefere destacar os aspectos técnicos e o talento individual, embora reconhecendo sempre o papel importante da ordem, do colectivo.

Por sua vez, os autores que atribuem à tática o papel dominante defendem que a acção técnica constitui-se como um comportamento que não é isolado, ou seja, está sempre inserido e subsequente a um determinado contexto de jogo que é interpretado pelos jogadores em função da tática (Garganta, 1997; Garganta e Pinto 1998; Castelo, 1999; Oliveira, 2004)

Oliveira (2004), apesar de defender a tática como dimensão soberana do rendimento, refere que, por si só, a «dimensão tática» não existe, evidenciando-se somente quando se manifesta através da interacção das outras três, as dimensões técnica, física e psicológica. Acrescenta ainda que não faz sentido aparecer sem que alguma destas três dimensões não faça



parte dessa interacção. Em concordância surge Frade (2006) referindo que “o tático não é físico, não é técnico, não é psicológico, não é estratégico, mas sem estes não existe.”

Mas este tático que estes autores e treinadores reclamam não pode ser um tático abstracto e deve condicionar todo o processo de preparação de uma equipa.

Mourinho cit. por Amieiro *et al.* (2006) é mais radical ao afirmar que só acredita em trabalho tático e não em tática, afirmando mesmo que esta “já acabou”, relacionando este conceito com os treinadores que apenas preparam a equipa taticamente na palestra. Uma postura de quem é um apaixonado pelo treino, e pelo ensino e aprendizagem a ele inerentes. O mesmo treinador comprova isso mesmo afirmando que “durante a semana, preparar a equipa taticamente, encontrar exercícios que potenciem aquilo que se pretende atingir... isso é que é difícil. E faz a diferença” Mourinho cit. por Amieiro *et al.* (2006: 36).

Mahlo (1997) destaca três fases principais da actividade durante o jogo: (1) percepção e análise da situação, (2) solução mental do problema e, (3) solução motora do problema. No entanto, o pensamento tático do jogador é afectado pela aquisição e elaboração das informações recolhidas e utilizadas na orientação adequada das acções motoras (Tavares, 1998). Este autor ressalva a importância do treino como «local» indutor de aprendizagem e que provoca adaptações resultando num pensamento tático. Esse pensamento tático será sempre do jogador mas existe em função do que aprendeu e apreendeu no treino.

Uma equipa de Futebol é uma micro-sociedade que tem uma cultura, que tem uma linguagem, que tem uma identidade e muitas outras coisas próprias (Sousa, 2005).

Pela singular importância da dimensão tática no processo de treino e de competição, Amieiro *et al.* (2006) atribuem-lhe a designação de supradimensão tática, fundamentando isso mesmo na necessidade de lhe subordinar todo o processo de treino. Trata-se da vivenciação/aquisição hierarquizada dos princípios de jogo, que em si mesmo irão permitir mobilizar



as restantes subdimensões, de acordo com a singularidade que o nosso futebol requisita (Amieiro *et al*, 2006).

Amieiro *et al.* (2006) não hesita em atestar que todo o processo de preparação da equipa deve estar subordinado ao “supraprincípio da especificidade.”

“A tática, com todas estas nuances, é a expressão, é a cara do Modelo de Jogo e a especificidade torna-se no veículo necessário para a sua manifestação” (Rocha, 2003: 31).



2.3 – Modelo de Jogo: os momentos, os princípios, os jogadores, as decisões

“O modelo é tudo”

Vítor Frade, 2006

O Jogo não é um fenómeno natural, é um fenómeno construído e em construção (Frade, 1985). “Na sua essência é uma manifestação táctica, que se revela numa organização, com determinada densidade de coisas, com determinadas regularidades que fazem com que, tanto a defender como a atacar, se verifique a sinergia colectiva” (Gaiteiro, 2006: 91).

Para Valdano (1998) todas as equipas necessitam de uma forma colectiva a que designa de organização, onde o jogador deve procurar o seu lugar, centrar o seu esforço e fazer exaltar dela a sua qualidade individual.

Neste contexto, Vítor Frade (2006) refere que devemos ambicionar uma abordagem «auto-hetero», isto é, os comportamentos individuais (auto) não se descontextualizam do colectivo (hetero) através dos princípios de acção da equipa. Desta forma, o processo é mais rico e enriquecedor porque se privilegia a qualidade individual apoiada no colectivo, numa determinada lógica de jogo.

A questão das competências individuais e da criatividade que pode ser inserida no jogo pelos jogadores nunca pode ser marginalizada sob pena de tornarmos os princípios em fins, ou os automatismos em mecanicismos. Caminharíamos para a «ordem dos cemitérios» que Frade (2006) contesta.

Valdano (1998) também apela ao bom senso e, apesar de não por em causa que no futebol tudo, até a criatividade se deve apoiar numa ordem, critica os treinadores obcecados nessa ordem e que com isso proíbem os jogadores de tomarem a iniciativa prejudicando o jogador criativo e o espectador que gosta de bom futebol.



Carlos Queiroz (2003) considera que as combinações no ataque, a diferença de fases onde se recupera a bola e os períodos de transição podem ser geridos por um conjunto de princípios que são a visão do treinador para esses momentos de jogo. Esses princípios esboçam e caracterizam um conjunto de elementos dos quais se tiram um perfil, um modelo, uma imagem que nos permite identificar uma equipa pelo seu modo particular de jogar, baseado nos diferentes momentos do jogo, na estrutura táctica que utiliza, nos elementos. Isto acontece, uma vez que, ao longo do tempo criam-se rotinas que são regularidades no futebol de cada equipa.

Uma equipa de futebol comporta-se como um sistema susceptível de manifestar comportamentos que, embora não pré-determináveis, são potencialmente antecipáveis. Assim, embora tendo presente que o jogo abarca sempre domínios aleatórios e imprevisíveis, é evidente a necessidade de identificar características ou indicadores de padrões de jogo, a partir da análise dos comportamentos expressos pelos jogadores no jogo (Garganta, 1997; Gaiteiro, 2006).

Gaiteiro (2006: 92) regista que “a aprendizagem organizacional diz-nos que a necessidade de invocar um Modelo de Jogo é assente em três acepções: a primeira, porque é impossível agir de forma coerente se não existir um objectivo num futuro distante; em segundo, porque o futuro na realidade existe, só que visto do aqui e agora, ele apresenta-se impreciso e obscuro, sendo que à medida que nos aproximamos, os seus contornos tornam-se mais nítidos, permitindo-nos traçar com rigor a direcção que nos conduz a esse mesmo futuro; e a terceira justificação, porque permite que os jogadores aprendam com antecedência antes de serem obrigados a agir, sustentadas em poucos dados sobre o objectivo final, possuindo um efeito aglutinador sobre a soma de jogadores a desenvolver a sua actividade em equipa, constituindo-se fonte primária de estimulação e motivação.”

Certificada a importância da elaboração de um Modelo de Jogo como será que os treinadores definirão o que é um jogo de qualidade ou uma equipa de qualidade?



Para Jesualdo Ferreira (2003) o êxito desportivo estará tão próximo quanto melhor uma equipa dominar os princípios de jogo e quanto melhores jogadores tiver (dentro desta perspectiva do domínio dos princípios de jogo).

José Mourinho (cit. por Amieiro *et al.* 2006) refere que o mais importante numa equipa é a organização de jogo, isto é, ter um determinado modelo, determinados princípios, conhecê-los bem, independentemente de jogar qualquer jogador.

Então, para quem encara o jogo segundo esta perspectiva o conceito de forma desportiva tem que estar intimamente ligado ao Modelo de Jogo e seus princípios (Faria, 1999; Mourinho 2006).

Mourinho (cit. por Amieiro *et al.* 2006: 98) acrescenta que “a interpretação de um Modelo de Jogo, não de uma forma individual mas sim colectiva, é a base de sustentação da forma da equipa e das oscilações individuais da forma de cada jogador. Por isso é que eu digo que a base de sustentação da boa ou má forma de um jogador é a organização da equipa.”

* * *

Os modelos táctico-técnicos devem descrever, de forma metódica um sistema de relações que se estabelecem entre os diferentes elementos de uma dada situação de jogo, definindo os comportamentos táctico-técnicos exigíveis aos jogadores, em função dos seus níveis de aptidão e capacidade (Queiroz, 1986).

Considerando a divisão pacificamente aceite do jogo em quatro momentos contínuos (organização defensiva, organização ofensiva, transição defesa-ataque e transição ataque-defesa) torna-se fundamental definir os princípios de jogo para cada um desses momentos. Mais importante ainda do que a noção de Modelo de Jogo são os princípios que lhe dão corpo e a articulação desses próprios princípios.

Assim, os princípios de acção elaborados para determinado Modelo de Jogo expressam o núcleo, a «matriz» da forma como o treinador pretende jogar e são-lhe específicos. Compreendendo que os princípios são as partes de um



todo específico (Modelo de Jogo), para que cada uma dessas partes seja abordada e operacionalizada, torna-se imprescindível decompor o todo através de uma articulação de sentido, sem, no entanto, beliscar o cerne do seu jogo.

Frade (2006) fala em reduzir sem empobrecer uma vez que o todo tem que estar representado nas partes e essa redução tem que ser feita sem negligenciar uma articulação de sentido entre todas as partes. Esta decomposição requer uma extrema sensibilidade por parte do treinador.

A organização funcional pretendida para a equipa condiciona o caminho a seguir, no desenvolvimento de determinados comportamentos em detrimento de outros. Isto verifica-se uma vez que os princípios de acção resultam dos objectivos do treinador para cada momento de jogo (Silva, 2008).

Assim, o modo como se pretende jogar é determinante para configurar o próprio jogo, ou seja, os princípios de jogo são condicionados pelo Modelo de Jogo. Por exemplo um treinador que tem como ideal que a sua equipa jogue com a manutenção e circulação da bola a partir do seu meio campo, irá privilegiar uma dinâmica diferente de outro treinador que tem como finalidade jogar fundamentalmente em transição defesa-ataque, após ganhar a posse de bola no seu meio campo (Silva, 2008).

Enquanto nos sistemas lineares (causa/efeito) é o passado que condiciona o processo, nos não-lineares (onde já vimos que se inclui o Futebol) é a antecipação do futuro que o condiciona (Couto, 2006); o Modelo de Jogo deve ser um «objectivo final» que não deve ser fechado, ou seja, podemos construí-lo, desconstruí-lo, reconstruí-lo (Castelo, 1994), mas que deve estar constantemente a ser visualizado, mantendo-se o “futuro como elemento causal do comportamento” (Frade, 1985).

Carvalho (2003a) partilha desta opinião afirmando que o Modelo de Jogo, é aquilo que está constantemente a visionar, é onde pretende chegar é... o futuro. Então o Modelo de Jogo dá as coordenadas para se trabalhar, para guiar e ambicionar o nível máximo de jogo que possa chegar.

Os treinadores após criarem o Modelo de Jogo, apesar de deverem contemplar pequenas remodelações, devem ser-lhe fiéis e resistirem quando



os efeitos positivos não são imediatos. Séneca (cit. por Valdano, 1998) refere que nada é mais avesso à cura do que mudar frequentemente de remédio.

Na perspectiva de Gaitero (2006) o Modelo de Jogo deve ser um modelo fractal onde na forma como é gerado fique bem explícito a sensibilidade da articulação de uns princípios com os outros. Cada princípio funda-se no respeito pela dinâmica global. A hierarquização em princípios e sub-princípios decorre da necessidade de promover uma acentuação de determinados aspectos relativamente a outros. O mesmo autor continua considerando essa hierarquização um factor de evolução porque não perde o sentido do jogar e considera a natureza sinérgica de todos os elementos que fazem parte do modelo, isto é, ao analisarmos os princípios, eles devem manter uma relação de auto-semelhança com a forma de jogar se pretende (Sousa, 2005).

Deste modo, a relação dos princípios nos vários momentos de jogo deve promover uma dinâmica de qualidade entre os jogadores. Tomando como exemplo o momento de transição defesa-ataque, se uma equipa em momento defensivo coloca todos os seus jogadores atrás da linha da bola então terá mais dificuldades em realizar a transição com passe em profundidade do que uma equipa que em momento defensivo mantém dois jogadores a dar equilíbrio ofensivo na frente. Desta forma, é facilmente inteligível que a relação dos princípios que definem os vários momentos de jogo é fundamental para criar uma dinâmica de qualidade (Silva, 2008).

Os princípios de jogo devem ser percebidos como complementares, devem evitar as incongruências que serão atritos na engrenagem e levar a sinergias positivas. Ao analisarmos o grande princípio de retirar a bola da zona de pressão na transição defesa-ataque, que pode acontecer privilegiando a segurança ou arriscando na profundidade pode-se perceber mais uma ligação que deve existir entre os princípios de um mesmo Modelo de Jogo. Se a prioridade é jogar para uma zona de segurança em detrimento da profundidade porque se pretende um jogo marcado por uma elevada posse de bola, não se exacerba as transições em profundidade com as quais se perde mais facilmente a posse de bola (Silva, 2008).



Mas mais do que serem meras ideias dos treinadores os princípios com as suas respectivas ramificações para cada um dos momentos do jogo devem ser partilhados pelos jogadores – estes devem sentir que essas ideias são as melhores e que os levam a praticar um futebol de melhor nível. No final, são eles que os expressam em campo e só um entendimento conjunto destas regras de acção pode levar ao êxito desportivo.

Em concordância, Silva (2008) refere que o desenvolvimento de um jogo particular deve nascer primeiro na cabeça dos jogadores e isso é determinante para que as decisões e interacções dos jogadores sejam antecipadas pelos colegas de acordo com os padrões de jogo que configuram os vários momentos de jogo. Nesta concepção colectiva ambiciona-se, como forma de identificar qualidade, que cinco ou seis jogadores pensem a mesma coisa ao mesmo tempo (Valdano, 1998; Mourinho, 2003).

Cunha e Antunes (2009) traçam que como caminho para este entendimento o treinador envolva a equipa na construção da estratégia. Este factor é essencial para que os jogadores compreendam as opções tomadas de uma forma uniforme. No entanto, ressaltam que o treinador tem que assegurar que o caminho percorrido e a estratégia adoptada se mantêm consistentes com as ambições do clube e dos jogadores, maximizando o potencial individual e colectivo.

Os melhores resultados são alcançados por uma equipa com uma estratégia vencedora potenciada por uma aprendizagem acelerada conseguida pelo envolvimento dos jogadores que tomam a estratégia, delineada pelos treinadores, como sua (Cunha e Antunes, 2009).

Mourinho cit. por Amieiro *et al.* (2006: 158) tem a mesma ideia e relata em função da sua experiência que “não é fácil passar da teoria à prática, sobretudo com jogadores de top, que não aceitam o que lhes é dito apenas pela autoridade de quem o diz. É preciso provar-lhes que estamos certos. Comigo, o trabalho táctico não é apenas um trabalho onde de um lado está o emissor e do outro o receptor. Eu chamo-lhe «descoberta guiada», ou seja, os jogadores vão descobrindo as coisas a partir de pistas que lhes vou dando.



Para isso, construo situações de treino que os levem por um determinado caminho...”

* * *

“Um reconhecimento: toda a acção de jogo contém incerteza. Uma necessidade: realizar estratégias de comportamento, como arte de agir em condições aleatórias e adversas”

Vítor Frade, 1985

O jogo de Futebol é um sistema extremamente complexo que não pode ser quantificado com o máximo rigor devido à sua enorme variedade de soluções. Neste sentido, deve-se considerar que existem acções que, embora não representem regularidades ou invariâncias, podem assumir, pelo seu carácter não redundante e accidental, uma importância particular na história do jogo, condicionando o rumo dos acontecimentos.

O treinador, por outro lado, apesar de não controlar tudo o que se passa no jogo, pretende que aconteçam elementos de regularidade que lhe possibilitem antever com maior segurança um leque de possibilidades e, consequentemente, defende um padrão de realização de comportamentos.

Em suma, é forçoso ter em atenção a vertente imprevisível do jogo, pois esta aleatoriedade pode condicionar o rumo do jogo. No entanto, é também necessário e fundamental a criação de um padrão, o conferir uma identidade à equipa, baseada no Modelo de Jogo que se pretende, e os princípios que lhe dão corpo, no sentido de fazer com que o jogador consiga descodificar as situações de jogo mais rapidamente e com maior eficácia, e conseguir com isso ganhar tempo de acção e reacção.

Rocha (2003) defende que o esforço específico no futebol não é idêntico para todos. A adaptação não é toda igual e varia, especificamente, de equipa para equipa, de Modelo de Jogo para Modelo de Jogo e, de acordo com a concepção individual de cada um, de treinador para treinador. O mesmo autor



conclui argumentando que a especificidade pressupõe uma adaptação oriunda de exercícios específicos de determinado Modelo de Jogo e dos seus princípios.

A pertinência desta questão parece fundamental para desenvolver um processo intencional, isto é, um processo direccionado para um determinado futebol. O Modelo de Jogo orienta o processo e no percurso para um jogar concreto, criam-se um conjunto de referências (princípios colectivos e individuais) que definem a organização da equipa e jogadores nos vários momentos de jogo. Trata-se de desenvolver um jogar específico e não um jogar qualquer (Silva, 2008).

Segundo Garganta (1997) uma informação sistematizada permite identificar os designados padrões de jogo e, por extensão, os modelos de jogo. Isso permitiria que se constituíssem como importantes utensílios, servindo como referenciais para a concretização dos objectivos e para a elaboração e avaliação das situações de ensino e treino do jogo. Assim, permitem não só articular e organizar o conhecimento, mas também verificar e corrigir a acção.

Nesta medida, a apreensão de um Modelo de Jogo torna-se profícua a partir das sínteses e do compromisso entre este e o modelo de treino (Garganta, 1997).

Pensar e criar um Modelo de Jogo tem como extensão obrigatória a ligação estreita e interdependente com o modelo de treino.

O Modelo de Jogo implica um conjunto de decisões que serão determinantes no caminho a percorrer (Oliveira, 2004), condicionando um modelo de treino, um modelo de exercícios, um modelo de jogador (Faria, 1999) funcionando como garante de uma procura permanente de evolução individual e colectiva (Oliveira, 2004).

Para Gaiteiro (2006: 96) “o modelo é a articulação de tudo, do consciente e do subconsciente. Ele proporciona uma base racional que permite canalizar a tomada de consciência, por parte de todos os jogadores, sobre os seus direitos e deveres, fundamentalmente no que diz respeito às suas funções e limites. Por outras palavras, subordinar as acções individuais às colectivas, através de uma distribuição coerente dos seus comportamentos, de forma a



assegurar a coordenação e cooperação destes, que consubstancia o aumento da rentabilidade e da eficiência da equipa.”

Em concordância, Araújo (1998) indica que o objectivo é alcançar um saber tático colectivo definindo-o como um conjunto de conhecimentos nos jogadores que permitam que se orientem preferencialmente para certas sequências de acção. Isto é, em função da situação de jogo, tendo em conta a ideia colectiva, o jogador deve revelar comportamentos adequados, evidenciando uma intenção tática anteriormente estabelecida.

Neste entendimento, a tomada de decisão não é algo casual, ou seja, apesar das particularidades do contexto, o jogador é condicionado a decidir em função do projecto de jogo da equipa e portanto, dos seus princípios. Assim, o Modelo de Jogo orienta as decisões dos jogadores, condicionando-as para um padrão de possibilidades (Silva, 2008).

Vítor Frade (2006) refere que o grande dilema da operacionalização se encontra na articulação entre os princípios, sub-princípios e sub-sub-princípios e só o facto de o treinador colocar maior ou menor ênfase num ou noutro princípio, numa ou noutra articulação entre princípios ou sub-princípios faz com que a evolução do processo seja particular.

Convergindo para esta ideia, Guilherme Oliveira (2006, cit. por Silva, 2008) refere-se ao trabalho do cozinheiro que, devido à forma que confecciona, com os mesmos ingredientes é capaz de produzir sabores diferentes. Isso também acontece no desenvolvimento do jogo pelo modo como “os princípios se inter-relacionam: mais um, menos um, mais este, mais aquele, dar mais importância a um e menos importância a outro. Isto faz com que o jogo assuma manifestações consideravelmente diferentes” (Guilherme Oliveira, 2006, cit. por Silva, 2008: 62).



2.4 – Transição Ataque-Defesa

2.4.1 – Transições: momentos de grande importância num jogo em constante evolução

“As equipas terríveis são aquelas que diminuem o tempo entre o ganhar a bola e atacar e entre o perder a bola e defender. É aqui que está o segredo do jogo actual.”

Jesualdo Ferreira, 2003

No Futebol, em função da organização de jogo, é visível a crescente valorização das fases de transição entre o ataque e a defesa. Estas são um factor preponderante na estrutura e organização colectiva e na qualidade do jogo das equipas de Futebol na actualidade. (Sousa, 2005)

O Futebol continua a ser um jogo em constante evolução, o que tem levado a que as equipas estejam, regra geral, cada vez mais bem preparadas defensivamente. Assim, as transições, por se tratarem de momentos de maior desequilíbrio, têm sido progressivamente mais exploradas.

Carvalho (2006) não hesita em afirmar que é no aproveitamento de transições intensas e fortes, bem como das bolas paradas, que ocorrem grande parte dos golos.

Olsen (1988), a partir da observação de cinquenta e dois jogos do Campeonato do Mundo de 1986 no México, verificou que 50% dos golos obtidos em situações de bola corrida resultaram de recuperações da posse de bola, sendo que dessas, 50% ocorreram no terço ofensivo do terreno de jogo.

Guilherme Oliveira (2006) também considera que muitas situações de perigo e golos acontecem nos momentos de transição e identifica o problema,



o facto das equipas não estarem equilibradas em organização ofensiva e não terem comportamentos para que a transição seja feita rapidamente e consiga reequilibrar a equipa.

Depois de destruir (defender) é necessário criar (atacar), e é esta capacidade de coordenar estes dois tempos distintos e diversos, que muitas equipas têm dificuldade em realizar (Barreto, 2003).

Para Miguel Leal (2003) as equipas que dominam melhor os aspectos relativos às transições são aquelas nas quais é possível identificar uma ideia colectiva de jogo, traduzindo-se numa inteligibilidade colectiva, que não retire a criatividade individual aos jogadores mas que a enquadre nas referências colectivas. O mesmo treinador vai ainda mais longe ao afirmar que, as equipas que melhor interpretam os momentos de transição são aquelas que dominam os jogos e, não esquecendo a inteireza patente no jogo colectivo de uma equipa, acredita que estas equipas são as que conseguem ganhar mais frequentemente.

Os treinadores, como se poderá constatar a seguir, atribuem grande importância à componente de organização colectiva do jogo. Os momentos de alternância da posse de bola constituem-se como os maiores testes à solidez colectiva de uma ideia de jogo e a manutenção de uma organização com equilíbrio nas transições é uma grande prova da consistência e inteligência de uma equipa.

Jesualdo Ferreira (2003) assegura que a capacidade que uma equipa tem de rapidamente se reorganizar é um factor de qualidade. Considera ainda que, entre duas equipas em confronto, ganha mais vezes aquela que for capaz de ser mais rápida a responder aos momentos em que se ganha ou perde a bola.

Mourinho (2003: 17) também é bastante claro: “no futebol de hoje, os dois momentos mais importantes do jogo são o momento em que se perde a bola e o momento em que se ganha a bola.” O mesmo treinador classifica o momento de perda da posse de bola como o momento chave para se defender bem argumentando que independentemente de como se defenda (homem-a-homem, individualmente ou à zona) são poucas as equipas que sofrem golos



quando estão bem posicionadas defensivamente. Assim, para este treinador, o momento de perda da posse de bola é o momento crítico na organização defensiva uma vez que, na sua opinião, a maior parte dos golos e das situações de risco acontecem em momentos de transição.

Entrando noutros domínios Rui Quinta (2003: 9) refere que “não existe ataque e defesa, mas sim ataque-defesa-ataque-defesa... isto é, existe uma relação contínua entre esses dois momentos e a nossa preocupação deverá ser também a ligação entre eles (as transições).” Já Carlos Queiroz (2005: 5) atesta que “Qualquer equipa que na fase de transição tem problemas, é imediatamente dominada mentalmente pela outra equipa. Tem um prejuízo de efeitos psicológicos trágicos.”

Com estes testemunhos é pacífico reclamar a importância defesa-ataque e ataque-defesa. No entanto, num futebol onde a organização de jogo assume grande importância, os momentos de jogo nunca podem ser considerados estanques e devem servir como pontes para os momentos que lhes antecedem e sucedem. Assim, temos que perceber que os momentos de transição são decisivos para a fluidez de todo o jogo colectivo de uma equipa, sendo que a ideia é rapidamente nos reorganizarmos para tentarmos aproveitar a desorganização temporária da equipa adversária.

Guilherme Oliveira (2003) certifica que a separação (do jogo nos seus momentos) que se possa fazer deve ser apenas evidente no plano didáctico-metodológico, como meio de facilitar o processo de estruturação e organização e análise do treino e do jogo. Na prática, em situação de treino e jogo, essa divisão não deve ser perceptível, e serve apenas de referência e orientação.

Tendo em conta os princípios específicos do jogo, os comportamentos modelares dos jogadores numa equipa que não tem a posse de bola devem ser procurar fazer o campo mais pequeno e retirar dinâmica ao jogo, e de uma forma antagónica, a equipa que tem a posse de bola deve ampliar o espaço de jogo efectivo e de garantir fluidez, continuidade, no propósito de trocar a bola e criar espaços favoráveis. Do designado jogo “escuro” para o jogo “claro” há como que uma alteração brusca no fluxo da corrente e quem melhor se



adaptar, melhor conseguirá impor o seu jogo, o que é facilmente observável em algumas equipas de topo (Garganta, 2005).

Um aspecto bastante importante que destaca Garganta & Pinto (1998) é o de que todos os jogadores devem participar nas transições, através de uma rápida e brusca mudança de atitude mental. Assim, os jogadores quando perdem a bola, devem converter-se automaticamente em defesas e quando a recuperam, em atacantes (Valdano, 2001). Carvalhal (2006) requisita dos seus jogadores essa mudança de atitude e considera tratarem-se de momentos que requerem muito trabalho, em particular a mudança de atitude ofensiva para defensiva. Estas preocupações fundamentam-se na indispensável expressão colectiva que se deve manifestar em todos os momentos do jogo.

Quando se perde e quando se ganha a posse de bola é importante que cada jogador tenha consciência que existe um tempo intermédio entre o atacar e o defender e o voltar a atacar e também aí saber o que tem de fazer, isto é, as funções que terá de desempenhar. O treinador tem a difícil tarefa de fazer entender aos seus jogadores que têm de transitar rapidamente de mentalidade e comportamentos de uns momentos para outros, isto é, as suas tarefas, independentemente das posições que ocupam na equipa, não se esgotam num dos momentos de jogo (Vásquez, 2003).

2.4.2 – Organização ofensiva: preparação do momento da perda da bola

A primeira fase do processo defensivo, de uma forma teórica e analítica, portanto o equilíbrio defensivo, é o argumento fundamental de um bom ataque.

Carlos Queiroz, 2005



Como destacado anteriormente, o jogo deve ser visto como um todo e qualquer equipa tem que ambicionar a inexistência de quebras de continuidade no seu futebol. Consequentemente, torna-se determinante um permanente raciocínio colectivo que deve estar transformado em hábitos exercitados e enraizados nos jogadores que permitam rapidamente «mudar de cassete» na constante alternância de momentos de jogo que o jogo vivencia.

A transição defesa-ataque tem de ter uma relação íntima com a organização ofensiva de determinada equipa, assim como a transição ataque-defesa tem que ter uma relação próxima com a organização defensiva. (Fernando Ferreirinha, 2008).

Cada momento deverá ter relação próxima não só com o momento que lhe sucede mas também com aquele que o antecede. Só assim o jogar harmónico de uma equipa é conseguido. Nesta medida, é necessário conceber o equilíbrio da equipa no jogo. Fala-se obviamente do equilíbrio defensivo no ataque e do equilíbrio ofensivo na defesa.

Para Lobo (2009) os cuidados e a atenção que falamos relativos ao momento de perda da posse de bola devem ser contemplados em antecipação, isto é, começam precavendo-se com a manutenção do equilíbrio defensivo a atacar. O mesmo se aplica na manutenção do equilíbrio ofensivo a defender.

O objectivo de qualquer equipa sem a posse de bola é conquistá-la e quando a tem o propósito passa a ser concretizar em golo. No entanto, devemos perceber que nem sempre é possível finalizar dessa forma, logo a equipa deve estar preparada (equilibrada) em momento de ataque para perder a posse de bola, e ao mesmo tempo, quando sem a posse de bola, estar preparada para atacar novamente (Fernando Ferreirinha, 2008).

Em concordância surge Luís Freitas Lobo (2009) ao afirmar que o mais frequente e provável de acontecer quando uma equipa detém a posse de bola é perdê-la. E como os casos de golo são raros, em função da quantidade de posses de bola que cada equipa tem, qualquer equipa que não contemple as consequências da perda da posse de bola (equilíbrio defensivo no ataque) e se



desequilíbrio na cobertura de espaços neste momento, é uma equipa mal preparada.

Carvalho (2002), tendo em conta os momentos de transição, classifica de extrema importância a equipa estar permanentemente equilibrada, quer a atacar que a defender. Carvalho (2003: 1) esclarece: “no fundo, o jogo é feito de equilíbrios. Ninguém consegue atacar bem se não tiver a equipa equilibrada para defender (se não contemplar o equilíbrio defensivo no ataque) e ninguém consegue atacar bem se, a defender, a equipa não estiver preparada para atacar (se não contemplar um equilíbrio ofensivo na defesa). Os equilíbrios são importantíssimos. Estar com a equipa permanentemente equilibrada é meio caminho andado para se poder ganhar.”

Esta preparação prévia da perda da posse de bola nunca deve desvalorizar o momento de posse de bola e deve permitir que esta seja mantida, trabalhada e dinamizada para que possa criar problemas ao adversário.

Atacar contemplando uma possível perda de bola, isto é, estar a atacar, mas, ao mesmo tempo, ter a equipa organizada e equilibrada é essencial para se poder voltar a recuperar a bola. Essa é sempre a condição essencial de quem quer atacar, ter a posse de bola. Para que isso seja possível, no equilíbrio defensivo no ataque, é fundamental o posicionamento dos jogadores. Apesar de querer que todos os jogadores participem no processo ofensivo, nem todos têm as mesmas funções, ou seja, participar no processo ofensivo também é ajustar comportamentos e posições no sentido de manter a equipa equilibrada (Rui Quinta, 2003).

Carvalho (2003) também atribui à ocupação racional dos espaços a base do que é o equilíbrio defensivo no ataque.

Jesualdo Ferreira (2003) concorda com os anteriores treinadores e afirma que defender bem é em primeiro lugar, a equipa estar bem posicionada no momento em que tem a posse de bola. E este equilíbrio posicional tem o mesmo intento voltar a recuperar a bola o mais rápido possível, como que defendendo com uma perspectiva ofensiva. Assim, para ter mais condições de sucesso deve-se criar um conjunto de mecanismos defensivos que têm o seu



início quando a equipa conquista a posse de bola e entra em organização ofensiva.

Em síntese, parece confirmar-se que o equilíbrio defensivo no ataque é fundamentalmente a existência permanente de um equilíbrio posicional no seio da equipa, através da ocupação cuidada e inteligente dos espaços no ataque, no sentido de permitir uma reacção rápida à perda da posse de bola, com vista ao domínio dos momentos de transição ataque-defesa e à rápida recuperação da posse de bola.

Esta visão tendencialmente ofensiva (na medida em que se procura sempre deter a posse de bola) é defendida por Jesualdo Ferreira (2003: 2) que atesta que “os jogadores têm de ter a consciência de que têm que defender bem para atacar mais. Portanto, quando a equipa está em posse de bola, o seu posicionamento deve ser de tal ordem que, prevendo que vai perder a bola – porque isso acontece – lhe permita um imediato ataque à bola e ao adversário. De ataque ao adversário e ataque à bola, isto é, continuar a atacar. A ideia de atacar continua, no sentido de a ganhar rapidamente. E, se a equipa não estiver preparada para este segundo ou esta fracção de segundo que acontece entre o ter a bola e o perder a bola, se não tiver capacidade para rapidamente responder a essa situação, seguramente andará muito mais tempo atrás da bola e em zonas que não interessam, por serem próximas da própria baliza.”

A recuperação rápida da bola (e o seu treino) é uma condição fundamental para que se possa colocar muita gente na zona de finalização sem que os riscos aumentem drasticamente em termos defensivos. O caminho para poder ter essa filosofia de jogo ofensiva, e não expor demasiado os jogadores a fazer longas distâncias da zona defensiva até à zona ofensiva e depois a recuperar novamente até à zona defensiva, é tornar a equipa agressiva onde esta detém mais unidade, ou seja, pressionando na zona ofensiva (Carvalho, 2003).

Existem porém alguns treinadores e comentadores que consideram que estar a preparar o momento de perda de posse de bola enquanto a equipa a detém seria incutir nos jogadores uma mentalidade derrotista e de fracasso.



Guilherme Oliveira (2003a) discorda e argumenta em sentido contrário pois, na sua opinião, a sensação de segurança, caso a equipa perca a bola (porque mais tarde ou mais cedo isso vai acontecer), fornecida pelo equilíbrio defensivo no ataque permite aos jogadores serem mais confiantes e conscientes que esse é o meio para recuperarem novamente a bola imediatamente após a perderem. Acrescenta ainda que essa constante organização e «preocupação» defensiva não são nunca castradoras e, pelo contrário, concedem à equipa condições para ser mais confiante uma vez que vai mais vezes ter sucesso nas suas acções defensivas no intento de recuperar sempre a posse de bola e quase não deixar de atacar.

Outro aspecto é destacado por José Mourinho (2003) – os jogadores – uma vez que, segundo este, existem alguns jogadores que, pelas suas características, condicionam a equipa a adoptar um tipo de comportamentos coincidentes.

Concordamos com Mourinho ao afirmar que dentro desta lógica comportamental não podemos esquecer que existem jogadores com os quais é mais fácil atingir este tipo de comportamentos, pela sua cultura táctica e sentido posicional. No entanto, não se pode deixar de referir que estas características dos jogadores não são exclusivamente inatas mas também são treináveis, isto é, podem ser modeladas através de uma exposição prolongada a um determinado contexto. Neste sentido, o treinar de determinada forma, sem equívocos, assume uma relevância extrema na forma como os jogadores vão actuar em jogo.

Ainda dentro da mesma lógica Jesualdo Ferreira (2003) diferencia os jogadores entre aqueles que participam activamente no processo ofensivo (que na sua perspectiva normalmente não ultrapassam os 50%) e aqueles que participam de uma forma muito activa no processo de recolocação e reposicionamento, para que, no momento em que a equipa perde a posse de bola, existam condições para a ganhar rapidamente. Isso é fundamentado, pelas questões de espaço, principalmente, com a questão do domínio dos princípios de jogo.



Faria (2003) perante esta perspectiva de busca constante pela posse de bola assegura que apenas um bom equilíbrio posicional no momento da perda da posse permite que a transição defensiva seja realizada com pressão imediata sobre a bola.

O equilíbrio defensivo no ataque está relacionado em primeira instância com a disposição dos jogadores no campo que transfere possibilidades de ligação entre esses jogadores no sentido de encurtarem distâncias, de diminuírem o espaço entre linhas e, a partir daí, criarem zonas de pressão junto da bola (Garganta, 2003).

2.4.2.1 – Manutenção do Equilíbrio Defensivo no Ataque: o *Modus Operandi* dos treinadores

O conhecimento torna a alma jovem e
diminui a amargura da velhice. Colhe,
pois, a sabedoria. Armazena suavidade
para o amanhã.

Leonardo da Vinci, s.d.

Bom jogo posicional, mudança de atitude no momento de perda de posse de bola, divisão dos jogadores entre os que participam activamente no ataque e os que salvaguardam o momento de perda de posse de bola e uma evoluída cultura táctica individual são todas condições para realizar uma boa transição ataque-defesa, integralmente assumidas pelos treinadores e autores que consideram importante conservar o equilíbrio defensivo mesmo quando se detém a posse de bola.

No entanto vejamos mais detalhadamente como vários treinadores implementam nas suas equipas o equilíbrio defensivo no ataque. Nomeadamente, quantos jogadores consideram ser necessários para manter esse equilíbrio, se os colocam em função dos jogadores mais avançados



adversários ou do espaço, se os jogadores são sempre os mesmos em função dos seus postos específicos ou se podem alternar, entre outros aspectos.

Guilherme Oliveira (2003a: 2) argumenta que “a equipa tem algumas preocupações em termos de organização no sentido de, por um lado, ser possível atacar como se pretende e, por outro, mal se perca a posse de bola, ter possibilidade de a recuperar com uma certa rapidez.” Para ter sucesso o mesmo treinador preconiza uma ocupação de espaços que permita manter alguma qualidade ofensiva e, em simultâneo, recuperar facilmente em situações de perda da posse de bola. A regra fundamental é o preenchimento dos espaços que têm que ser ocupados mesmo em caso de trocas posicionais. O actual treinador adjunto da selecção nacional explica (2003: 2): “se existirem, em termos ofensivos, espaços não ocupados, pode acontecer que o adversário, ao ganhar a bola, consiga fazê-la entrar em zonas onde não temos jogadores que logo de imediato a possam tentar recuperar. Estamos a falar de um conjunto de preocupações que têm a ver com uma ocupação racional dos espaços (ainda que com a possibilidade de permutas entre jogadores), ocupação essa que permite, tanto em termos ofensivos como defensivos, termos uma certa qualidade ao nível da organização de jogo.

Um dos pressupostos para se jogar bem defensivamente é a abordagem ao primeiro tempo defensivo, ou seja, a perda da posse da bola. Nesse momento é importante ter um ou dois jogadores, dos mais próximos do local onde se perdeu a posse de bola, que imediatamente sustentem o ataque do adversário e permitam um reagrupamento dos colegas e nunca procurar ser eficaz através de pressões individuais ou por ondas. Nos princípios defensivos específicos do futebol – a contenção num primeiro tempo, depois as coberturas defensivas e o fecho das linhas de passe mais importantes, e equilíbrio e a concentração espacial –, aliados com uma dinâmica que sirva os propósitos da equipa é que se encontra a resposta (Garganta, 2003).

Em organização ofensiva o primeiro interesse foca-se no ataque e no consolidar o que queremos fazer para chegar ao golo mas também devemos considerar a oscilação dos jogadores de zonas onde a probabilidade da bola ser jogada pelos seus colegas de equipa é menor, como meio de fechar esses



espaços que poderiam ser utilizados pelos adversários para contra-atacar quando recuperassem a bola. Assim, no treino, não se deve esquecer os momentos de alternância da posse de bola o que leva os jogadores a adoptarem um posicionamento que não seja fundamentado exclusivamente no momento ofensivo, mas também tendo em conta a possível perda da bola (Leal, 2003).

José Gomes (2003: 2) explica-nos detalhadamente o modo como José António Camacho concebia o equilíbrio defensivo no Benfica: “quando estamos a atacar, já devemos estar preocupados em como é que vamos defender, caso percamos a bola. E, a este nível, é fundamental a colocação dos dois médios mais recuados e dos quatro defesas. Por exemplo, se um lateral subir no terreno e ficarem só três defesas, aquilo que tem que acontecer é os dois médios mais recuados ficarem em situação de cobertura e os três defesas ficarem mais recuados, para que os cinco, numa situação de contenção e concentração, consigam parar um contra-ataque.” Para o ex-treinador adjunto do Benfica, o objectivo da colocação dos jogadores é estar em superioridade posicional e temporal (mais até do que em superioridade numérica) no momento de perda da posse de bola e, assim, o seu posicionamento é sempre realizado em função da bola.

Essa relevância do jogo posicional é também reclamada por Rui Quinta (2003: 6), sendo que na sua perspectiva, confrontado sobre quais jogadores que participam no equilíbrio defensivo “não faz sentido colocar as coisas da seguinte forma: este médio-centro só ataca e aquele só defende. Não! Desde que se proporcione, eu quero que as acções ofensivas sejam participadas por todos, desde que de uma forma equilibrada.”

Em síntese, parece confirmar-se que o fundamental no equilíbrio defensivo no ataque é a existência permanente de um equilíbrio posicional na equipa, o qual se traduz na ocupação cuidada e inteligente dos espaços no ataque, no sentido de permitir uma reacção rápida e eficaz à perda da posse de bola. Constitui-se, no fundo, na garantia da permanente gestão colectiva do espaço e do tempo no jogo, com vista ao domínio dos momentos de perda da posse de bola (transição ataque-defesa). Desta forma, esta questão do



equilíbrio defensivo no ataque, deve exigir uma lógica de comportamento zonal pois, apenas dessa forma, a equipa se pode manter conectada.

O equilíbrio defensivo no ataque é uma gestão colectiva uma vez que, apesar de alguns jogadores, pelos postos específicos que ocupam, poderem desempenhar funções mais importantes relativamente a esta salvaguarda, esta nunca pode deixar de ser uma questão colectiva. É a equipa como um «todo» que o assegura. (Quinta, 2003; Amieiro *et al.* 2006).

Carvalho (2003: 1) surge em concordância esclarecendo que pretende “que os espaços estejam ocupados racionalmente. Nós damos uma grande margem de flexibilidade, em termos ofensivos, aos nossos jogadores e isso pressupõe que eles façam muitas trocas. Dentro das trocas que possam fazer (as quais são treinadas), quem assume posições de equilíbrio tem que estar a equilibrar a equipa. Agora, tanto pode ser um médio como, circunstancialmente, um avançado a fazer um equilíbrio, por estar, momentaneamente, nessa posição. Portanto, há sempre jogadores que estão preparados para equilibrar a equipa, mas não discriminamos que é o A, o B e o C. Alguns jogadores, pelas suas posições naturais, cumprem mais essas funções, mas, como privilegiamos muitas trocas e as situações são abertas, em função das jogadas, da posição da bola e do posicionamento do adversário e dos nossos jogadores, esse equilíbrio tem uma componente aleatória muito grande, ainda que não deixe de ser treinado e organizado.”

O equilíbrio defensivo não deve ser algo totalmente predefinido, dado que devemos contemplar o maior ou menor perigo que nos pode causar o adversário pelo número de jogadores que coloca para a sua transição ofensiva (Queiroz, 2005).

Quanto ao número de elementos a colocar Carvalho (2006) não prescinde de ter sempre superioridade numérica em relação ao adversário e para além desses jogadores, define dois jogadores a cobrirem à largura o espaço do campo, o mais aproximado possível do apoio ao ataque, numa posição que lhes permita tanto apoiar o ataque como apoiar defensivamente a equipa. Embora salvaguardando que os elementos colocados em equilíbrio defensivo dependem sempre do adversário, o actual treinador do Marítimo SC,



aponta como regra geral três defesas à largura, ocupando racionalmente o espaço e dois médios como suficiente.

No sector defensivo os centrais e um lateral equilibram a liberdade concedida ao outro lateral, não sendo uma situação muito mutável. No meio campo esse facto já não acontece com maior liberdade para se fazerem permutas, no entanto, caso exista um médio claramente ofensivo, com grande capacidade de último passe e penetração, ele nunca vai ficar numa posição de médio defensivo, aquele que assume uma postura mais posicional no equilíbrio defensivo (Carvalho, 2006).

Rui Quinta (2003: 6) tem uma opinião idêntica relativamente ao posicionamento dos jogadores do sector defensivo em organização ofensiva: “Não quero ver, por exemplo, os meus dois laterais em profundidade. Se o lateral do lado da bola participar na jogada, os dois centrais e o lateral do lado contrário ajustam ligeiramente para o corredor por onde a jogada se está a desenrolar. Isto é o quê? É contemplar a eventual perda de bola. Eu quero sempre pelo menos três homens na linha defensiva quando estamos a atacar.”

Por sua vez, Guilherme Oliveira (2003a: 2) também julga ser imprescindível manter três jogadores do sector defensivo, no entanto, não cerra a subida de um dos elementos deste sector aos laterais: “na minha equipa é impensável não existirem sempre três defesas na estrutura defensiva. Apenas permito que suba um defesa, nunca podendo subir dois ao mesmo tempo. Para além disso, certos jogadores que fazem parte da organização do meio campo têm que estar posicionados em determinados locais de forma a terem, simultaneamente, um papel ofensivo e defensivo.”

Quanto ao número de jogadores a permanecer no equilíbrio defensivo no ataque Guilherme Oliveira (2006) não atribui um número fixo, embora, prepare uma estrutura quase fixa, retirando alguma mobilidade (relativamente aos restantes companheiros de equipa) aos jogadores que participam nessa estrutura. Esses jogadores são a base de equilíbrio de toda a equipa procurando ter um jogo de posições sempre correcto e tendo como principais intervenientes os centrais, o *pivot* e um dos laterais que não sobe (Guilherme Oliveira, 2006).



2.4.3 – Transição Ataque-Defesa: uns breves instantes, uma grande importância

O jogo conhece muitos momentos ao longo de 90 minutos, mas o que supera todos os outros em matéria de correr riscos: é quando se perde a bola. O local onde isso sucede e a forma como então a equipa fica posicionada (e reage) é dos momentos taticamente mais decisivos do jogo.

Luís Freitas Lobo, 2009

A transição ataque-defesa como Guilherme Oliveira (2004) a define trata-se do momento imediato após a perda da posse de bola, o período de tempo de mudança de atitude ofensiva para defensiva, no qual se procura aproveitar a eventual e temporária desorganização do adversário para diminuir o perigo das suas pretensões na passagem para os processos ofensivos. Apesar de se tratar de um momento que abarca um reduzido hiato temporal, este carece de importância extrema na interligação existente no «jogar» de uma equipa.

Tal como constatamos anteriormente, diversos treinadores e autores (Jesualdo Ferreira, 2003; Mourinho, 2003; Garganta, 2003; Carvalhal, 2006) consideram os momentos que se seguem à perda da posse de bola, como aqueles que aportam maior risco à solidez defensiva de uma equipa. Assim, mesmo tratando-se de breves instantes, os momentos de transição, devem lhes ver conferida igual importância comparativamente com os momentos de organização. A definição de procedimentos comportamentais para a transição defensiva é, então, determinante para conceder à equipa uma fluidez de jogo



que permite superar a menor custo os problemas advindos no momento de perda da posse de bola.

O caminho para se aspirar a um jogo de qualidade nestes momentos de aparente desorganização é, definir, para eles, princípios coerentes e articulados no Modelo de Jogo criado, e a equipa, no treino, os operacionalizar correctamente (Fernando Ferreirinha, 2008).

Na busca dos padrões de acção a tomar na transição ataque-defesa, Mourinho cit. por Amieiro *et al.* (2006) preconiza uma reacção rápida à perda da posse de bola. Essa só é possível se os jogadores estiverem identificados sobre os procedimentos colectivos a tomar nesse momento.

Também Filipi (2004) cit. por Sousa (2005) ambiciona uma transição realizada muito rapidamente e aponta como meios para contrariar a rapidez e fluidez da acção adversária, uma ocupação eficaz dos espaços altamente coordenada colectivamente.

O equilíbrio é fundamental para a integridade da equipa, e é esta busca de equilíbrio que deve orientar sempre a “transição ataque-defesa”, uma vez que, como refere Silva (2004), a capacidade para as equipas se reorganizarem defensivamente após a perda da posse de bola, desempenha um papel de grande importância na acção de jogo. Desta forma, é natural a importância atribuída a uma rápida reorganização colectiva, já que o tempo é uma categoria central do jogo.

A acção defensiva deve tender para o fecho dos espaços na proximidade da bola e do jogador que a recuperou, de forma a atrasar a transição ofensiva da equipa adversária, e permitir à equipa ocupar as posições defensivas como pretende (Garganta, 1997).

Garganta (2003) acredita que, para ser eficaz deve-se ter particular atenção com o primeiro tempo defensivo, ou seja, logo após a perda da posse de bola. Aí deve-se dispor de um ou dois jogadores, que estando na zona onde se perdeu a bola e mais próximos do portador da bola, imediatamente sustentem o ataque do adversário e permitam um reagrupamento dos colegas. O que não deve acontecer é que os jogadores saiam ao adversário directo individualmente e por ondas. Isso conduziria a que esses jogadores fossem



facilmente ultrapassados a partir de simples tabelinhas e se desgastassem em demasia sem obter algum proveito para a equipa.

A acção deve ser sempre colectiva, induzindo pressão ao portador da bola e coberturas defensivas, o fechar das linhas de passe de primeira instância, o equilíbrio e a concentração espacial, criando-se uma dinâmica que sirva os desígnios da organização colectiva (Garganta, 2003).

Guilherme Oliveira (2006) identifica como erros frequentes na transição ataque-defesa: encurtar os espaços em largura e não em profundidade por parte do sector defensivo e o recuo do sector defensivo aumentando o espaço existente entre a linha da defesa e do meio campo.

Ferreirinha (2008) explica como pode ser organizado o raciocínio comportamental com um exemplo de princípio para a transição ataque-defesa – Pressão ao portador da bola e espaço circundante. Este terá como objectivos: “Aproveitar a desorganização ofensiva da equipa adversária para ganhar a posse de bola ou para a equipa se organizar defensivamente. Este princípio exigirá pressão ao portador da bola de modo a ganhar a posse de bola ou permitir pressão para a equipa entrar em organização defensiva. Será necessária uma mudança de atitude mental de ofensiva para defensiva e criar uma zona de pressão ao portador da bola e ao espaço circundante como comportamentos essenciais para tal se tornar eficaz e a equipa ficar novamente em posse de bola” (Fernando Ferreirinha, 2008: 46).

A mudança de atitude nos momentos de transição é uma acção que diversos treinadores (Guilherme Oliveira, 2003; Amieiro, 2005; Mourinho cit. por Amieiro *et al.*, 2006) também reclamam como fundamental. Carvalhal (2006: 4) afirma mesmo que esta conduta “é tão importante e decisiva para nós que a tratamos muitas vezes reduzindo-a de tal forma, ao ponto de fazermos situações sem bola (mas sempre adequadas ao que queremos) para eles treinarem esta mudança brusca.”

Marisa Silva (2008), como se pode verificar na Figura 1, fracciona e organiza em três distintos níveis (grandes princípios, sub-princípios e sub-princípios dos sub-princípios) os princípios de jogo.



Figura 1 - Estruturação de um princípio da transição ataque-defesa (Retirado de Silva, 2008)

Esta divisão por níveis permite clarificar as ideias do treinador e evidencia a articulação de sentido que deve existir dentro daquele que se assume como o «jogar» de uma equipa.

O desenvolvimento destas fracções do jogo de uma equipa, no processo de treino, provoca solicitações distintas em função do nível ou escala de organização a focar. Abordar os grandes princípios ou os sub-princípios do «jogar» conduzem a esforços diferentes em virtude do padrão predominante de acontecimentos advindos da estruturação do exercício (Silva, 2008).

O facto de se pensar zonalmente o momento da organização defensiva influencia terminantemente a eficácia do equilíbrio defensivo no ataque e também da transição ataque-defesa. Mourinho cit. por Amieiro (2005), e rotulando as transições como os momentos mais importantes do jogo, classifica como decisiva a opção por uma defesa à zona, dado que é a única forma de defender que permite, nos momentos de alternância da posse de bola, que a equipa esteja em função daquilo que pretende para esses momentos e não em função do adversário.

Nas transições defensivas existem diversas opções de procedimento que as equipas podem adoptar em função de cumprirem os seus objectivos:



dificultar a saída da bola do local onde foi recuperada, criando uma zona de pressão colectiva, tendo como intuito a recuperação da posse de bola; acção concertada de pressão dos jogadores mais próximos da bola e recuperação posicional dos jogadores mais recuados e afastados da bola que tem como objectivo atrasar o ataque adversário e permitir uma organização defensiva em terreno mais recuado da sua equipa; rápida recuperação posicional de toda a equipa para o seu meio campo defensivo para se organizar numa pressão em bloco baixo; interrupção da respectiva sequência ofensiva adversária, sem que exista mudança da posse de bola, realizando as chamadas «faltas tácticas».

Mas mesmo dentro da mesma equipa os comportamentos podem ser distintos em função dos momentos de jogo, do local onde se perde a bola e do nível do adversário que defrontam.

Leal (2003) esclarece que estas acções necessitam de ser reforçadas ao nível de situações de treino, onde esta nuance da perda da bola tenha que estar constantemente a ser analisada. Nunca deixando passar que já antes da perda da posse de bola, alguns jogadores já tenham funções de equilíbrio posicional para permitir a eficácia da transição defensiva, o mesmo treinador distingue que na sua equipa, nesse momento, os jogadores decidem entre, tentar pressionar logo o adversário, tentar empurrá-lo para determinadas zonas onde é mais fácil roubar a bola, ou por fazer uma falta.

Vejamos com que se identificam diversos treinadores.

2.4.3.1 – Transição Ataque-Defesa: o *Modus Operandi* dos treinadores

Se o conhecimento pode criar problemas, não é através da ignorância que podemos solucioná-los.

Isaac Asimov, s.d.



Nos momentos que se seguem à perda da posse de bola (transição ataque-defesa), como em todos que o jogo abarca, os treinadores devem estar bem esclarecidos sobre o que querem ver cumprido pelos jogadores. As tarefas atribuídas aos jogadores não podem ser «fechadas», devem sim conter algumas variáveis em função dos problemas situacionais que os jogadores se deparam em cada jogo e até em diferentes períodos de um mesmo jogo.

Existem zonas e momentos mais importantes do que outros para se tentar conquistar a posse de bola, em função da forma como a equipa quer, em seguida, atacar (Frade, 2006).

Frade levanta aqui a problemática da envolvimento de duas dimensões, o tempo e o espaço, que assumem importância variável, ou seja, nem todos os espaços (onde se perdeu a bola) são bons para procurar recuperar imediatamente a posse de bola e diferentes momentos e condições do jogo podem significar diferentes procedimentos por parte dos jogadores.

Vítor Pontes (2006) surge em concordância ao destacar zonas onde é a maior a importância da manutenção da posse de bola para não comprometer a integridade da equipa. Essas zonas são fundamentalmente aquelas onde podem surgir contra-ataques adversários em caso de perda da posse de bola, e como medida preventiva o mesmo treinador tenta impedir que os jogadores mais criativos (provocam mais acções de risco, movimentos individuais ou passes de maior risco), actuem nesses espaços.

Defender bem não significa jogar com mentalidade defensiva, nem jogar muito próximo da área defensiva, alicerça-se muito nas transições e na participação activa de todos os jogadores. Assim, os momentos após perda da posse de bola, para Vítor Pontes (2006: 6), devem implicar rápidas reacções por parte dos jogadores com o intuito de não deixar o adversário organizar-se e surpreender a equipa. Na transição defensiva preconiza-se que “o elemento mais próximo da bola consiga pressionar rapidamente, no sentido da nossa equipa se reorganizar e fazer com que não jogue muito recuada no terreno. Caso esse elemento mais próximo não consiga fazer isso, queremos que ele consiga fazer uma falta”



Ainda reforçando a ideia que diferentes espaços implicam diferentes reacções por parte dos jogadores, Guilherme Oliveira (2006: 12-13) refere que, apesar de gostar ter uma equipa pressionante nos momentos que se seguem à perda da posse de bola, “muitas vezes a bola é recuperada em determinados locais e não existe a possibilidade de fazer pressão, porque ou é uma pressão individual e isso não tem qualquer eficácia, ou nem há pressão individual porque a bola foi para uma zona, onde não existe praticamente nenhum jogador. Aí a equipa recolhe, fecha os espaços (entra em organização defensiva), não há pressão logo, em termos de profundidade, porque não íamos ter eficácia.”

Em termos de transição ataque-defesa, a primeira coisa é a rápida reacção de jogadores que estão fora da bola recuperarem e se colocarem em posições defensivas (Queiroz, 2005).

Também no que se refere mais à dimensão temporal, Carvalhal (2003: 1) preconiza “no momento de transição após a perda, uma tentativa imediata de recuperar a bola por parte dos jogadores mais próximos da zona onde esta se encontra. Pressionando muito o portador da bola, aumentando a pressão na zona onde ela se encontra e não permitindo que o adversário se organize. Este primeiro momento – a transição após perda da posse de bola – é aquele que entendemos ser o melhor momento para tentar recuperar a posse de bola. Depois, num segundo momento, conseguindo o adversário, com mérito, tirar a bola da zona de pressão, quero, fundamentalmente, que a equipa esteja equilibrada a defender.”

Na transição ataque-defesa é importante aproveitar esse momento de desequilíbrio ofensivo do adversário, porque normalmente a equipa adversária está fechada a defender e quando ganha a posse de bola ainda continua fechada. Assim, num primeiro momento, utiliza-se pressão imediata ao portador da bola com coberturas e pressão ao espaço circundante. Nesse primeiro momento existe um sub-princípio determinante para a eficácia dos comportamentos desejados, a mudança de atitude ofensiva para defensiva. De seguida procura-se aproximar toda a equipa na zona de pressão fechando as linhas em largura e em profundidade. Nestes momentos procurar conquistar a



posse de bola e, caso não seja possível, continuar a pressão enquanto a bola está no interior da nossa equipa. Num terceiro momento, entrámos em organização defensiva caso a equipa adversária conseguisse sair do interior da nossa equipa (Guilherme Oliveira, 2006).

O actual adjunto de Carlos Queiroz na selecção nacional (2006: 12-13) esclarece com um exemplo prático: “Quando nós fazemos transição e há pressão, quando eles vêm que a pressão ao portador da bola vai acontecer (...) digo à defesa, que deverá ter um comportamento idêntico ao do portador da bola, ou seja, também aproxima. Portanto, o sector defensivo que se encontra em posse de bola está muitas vezes com uma certa profundidade, para que, em caso de pressão por parte dos avançados adversários, consigam continuar a circulação, no entanto, nesse momento não fecham só, fecham e aproximam da zona onde se vai ganhar a posse de bola. No sentido de diminuir os espaços entre os diferentes sectores, para não haver possibilidade da bola ser jogada entre espaços.”

Guilherme Oliveira (2006) justifica a sua posição com a tentativa de evitar que o adversário jogue entre os sectores da sua equipa. Como a pressão, para este treinador, só pode ser eficaz de for interpretada de uma forma colectiva, é imperioso que os defesas acompanhem os movimentos de aproximação dos jogadores mais próximos do portador da bola. No entanto, um dos erros mais comuns é que os jogadores do sector defensivo têm tendência a fechar as linhas em largura mas não em profundidade, podendo até recuar alguns metros no momento de perda da posse de bola. Dessa forma o que acontece é precisamente o que se procurava evitar uma vez que se vai cavar um fosso entre a defesa e o meio campo e quem vai conquistar a bola nesse espaço são os avançados adversários, ao «invés» dos jogadores do nosso sector defensivo, caso os comportamentos pretendidos tivessem sido realizados.

Na mesma linha de pensamento surge Carvalhal (2006) ao destacar a importância da mudança de atitude mental no momento da transição defensiva e ao interpretar a pressão como sendo sempre uma acção onde participam todos os jogadores da equipa. Após o primeiro momento de reacção mental,



para Carvalhal (2006: 9) segue-se o “segundo aspecto importante em transição defensiva, a pressão ao portador da bola e, em terceiro lugar, ao espaço circundante ao portador da bola, cortando as linhas de passe, fundamentalmente, sempre com aproximação (para além da pressão ao portador da bola), de dois jogadores. Por isso mesmo, é que se pretende sempre para que isto tenha alguma eficácia, efectuar sempre esta transição ofensiva com pelo menos três jogadores sobre o portador da bola. Um a atacar ferozmente o portador da bola, dois em aproximação, em ajuda e a cortar linhas de passe e os restantes em aproximação para o lado da bola e diminuindo o espaço e o tempo que são fundamentais.

Aqui levanta-se um outro pressuposto que é o número de elementos que participam na pressão próxima ao portador da bola. Para este treinador o número ideal é três (para manter sempre coberturas ao jogador que faz contenção e continuar a pressão no espaço circundante ao local onde se encontra a bola), no entanto, estes elementos não podem estar «desligados» dos restantes jogadores da equipa. Este comportamento denuncia uma intenção evidente de recuperar a posse de bola e não de apenas travar a progressão adversária que sacrificaria um ou dois jogadores para pressionar o portador da bola mas, ao invés de aproximar os restantes, fazia-os recolher ao seu espaço defensivo.

A mesma forma está subentendida nas palavras de Guilherme Oliveira (2006) que organiza uma pressão ao portador da bola onde um jogador ataque o portador da bola e as coberturas estejam sempre presentes e que dificulte a saída dessa zona.

Reportando-nos para outro aspecto – o adversário – Garganta (2003: 10) refere que “existem várias situações durante o jogo em que a marcação ao adversário directo pode ter lugar. Por exemplo, numa zona mais avançada no terreno e mais pressionante, há um momento em que isso deve acontecer, que é o momento imediatamente a seguir à perda da posse da bola. Isto é, o ponto que coincide com o jogador e a bola (com o portador da bola), passa a ter um significado fundamental. E, aí, a preocupação fundamental do jogador ou dos jogadores mais próximos é permitir que a equipa equilibre a estrutura defensiva



e se reorganize defensivamente. E para o fazer, a equipa precisa de tempo (nas grandes equipas pouco, nas equipas menos boas muito), sendo que esse ou esses jogadores vão funcionar como freios do ataque adversário. Para além das situações prementes de impedimento de remate ou cruzamento, em situações de 1 contra 1, por exemplo ponta de lança versus central ou extremo versus lateral, poucos casos vejo em que a fixação no ponto, o mesmo é dizer, num indivíduo, seja tão importante como no momento da perda da posse da bola” (Garganta, 2003).

No entanto, na realidade actual, identificam-se vários comportamentos contrários aos recomendados, nos momentos de transição ataque-defesa, numa equipa que quer ser um todo, sobretudo quando se tratam de equipas de médio ou baixo valor. O que muitas vezes se verifica são jogadores que se preocupam mais com os adversários do que com os comportamentos (relativos à criação e gestão das zonas de pressão próximo do portador da bola) da sua equipa. Isto faz com que, quando se deveria observar um movimento de basculação para o lado da bola por parte de todos os jogadores, se veja porém alguns jogadores a correrem de costas para o jogo e para a bola, participando activamente em marcações directas a adversários que por vezes até se encontram do lado contrário do campo (Garganta, 2003).

2.4.4 – Organização defensiva: o interpretar do momento que se segue à transição ataque-defesa

Por princípio, sendo o futebol um jogo colectivo, só a marcação à zona, onde todos dobram, todos, tendo por princípio a relação com os espaços e não com os adversários, pode consagrar o espírito solidário, que, por definição, uma equipa deve ter. A



marcação ao homem, como plano global de jogo, subverte esta ideia.

Luís Freitas Lobo, 2009

A Transição Defensiva (ataque-defesa), nas palavras de Guilherme Oliveira (2004) compreende os breves segundos após a perda da posse de bola, quando a equipa procura uma mudança de atitude ofensiva para defensiva, e onde se pretende aproveitar a eventual e temporária desorganização ofensiva do adversário para combater o perigo das suas acções na passagem para os processos ofensivos, e em última instância recuperar a bola.

A entrada em Organização Defensiva acontece caso uma equipa não consiga recuperar a bola nas acções tomadas nos momentos de transição ataque-defesa mas consiga parar a progressão no sentido da sua baliza por parte da equipa adversária, entrando esta, por sua vez, em situação de ataque posicional (Organização Ofensiva).

“Ao atacar de uma determinada forma, também temos já, que efectuar a transição com determinado objectivo e exactamente em termos inversos. Por isso, a relação entre os momentos de organização ofensiva, defensiva e os momentos de transição é extremamente importante. Eles têm que estar permanentemente em interacção uns com os outros, caso contrário, não faz muito sentido, uma vez que, eles não existem em separado, não existe um jogo só de transições” (Guilherme Oliveira, 2006: 3).

Dada a esta propriedade unitária que se deve constituir o «jogar» de uma equipa, a íntima relação existente entre os diferentes momentos condiciona as acções tomadas. Assim, o sucesso nas partes (momentos) do jogo está muito dependente das conexões entre esses momentos.

Tomando em consideração esta postura, os comportamentos realizados nas transições exercem grande influência no interpretar da Organização Defensiva e naquilo que no seio de uma equipa se classifica como defender bem.



No entender de José Mourinho (2003: 3) defender bem “é uma mistura de pouco em termos de quantidade de tempo, mesclado com o momento da perda da posse de bola, os segundos imediatos à perda da posse de bola.”

Relativamente às diferentes formas de interpretar o momento de Organização Defensiva, Amieiro (2005) diferencia a defesa homem-a-homem (na qual um jogador acompanha um adversário directo sempre que a sua equipa se encontre em situação defensiva), a defesa individual ou defesa individual zonal (na qual um jogador é responsável por uma determinada zona onde qualquer jogador que se desloque para esse espaço é marcado individualmente) e a defesa à zona (na qual os jogadores fundamentam a sua acção na ocupação dos espaços considerados mais importantes, preocupando-se fundamentalmente com a posição da bola, dos seus colegas e, só depois, dos adversários).

Adoptando uma defesa ao homem, a eficácia dos momentos de transição estará comprometida uma vez que o posicionamento dos jogadores não será o ideal, será sempre condicionado pelo adversário. Nesse registo, a transição ataque-defesa para os jogadores que perderam a posse de bola consistirá na procura dos adversários que lhes cabe marcar e facilitam a progressão, a organização da equipa adversária e descara o fecho de espaços importantes e mesmo a recuperação da bola, caso esta não esteja na posse do jogador pelo qual estão responsáveis de marcar (Luís Freitas Lobo, 2009).

Jorge Castelo (1996) esclarece que a relação geométrica inerente a qualquer sistema de jogo que uma equipa utilize, impossibilita a restrição e vigília do espaço total do jogo. Dessa forma é importante atribuírem-se importâncias distintas a diferentes zonas com o intuito de travar o ataque adversário sendo indispensável para uma ocupação racional do espaço de jogo que exista coerência na movimentação da equipa.

Para José Mourinho (cit. por Amieiro *et al.*, 2006) uma equipa que em organização defensiva opte pela defesa individual terá que ser sempre uma equipa de transição rápida quando conquista a posse de bola pela sua necessidade de esticar o jogo nesse momento. É completa que uma equipa que ambiciona assumir mais as despesas do jogo, jogando mais tempo em



ataque posicional e por isso que pretenda ter mais tempo de posse de bola, tem que ser uma equipa que está sempre bem posicionada, e isso, só é possível quando se defende zonalmente.

Nestas opiniões fica bem evidenciado o grande valor atribuído à equipa como um sistema unitário e não uma soma de jogadores independentes entre eles. Assim, quem seja defensor da existência, no seio de uma equipa, de alguns padrões de comportamento a seguir em cada momento de jogo tem que, em Organização Defensiva, adoptar uma defesa zonal pois só dessa forma é possível que a equipa não perca a sua identidade e tire também proveito dos momentos de alternância da posse de bola.

Amieiro *et al.* (2006) são muito claros e afirmam que apenas jogando à zona no momento defensivo se pode ambicionar a que o equilíbrio defensivo no ataque subsista nas transições ataque-defesa. E justificam considerando que nem um maior número de jogadores salvaguardando o equilíbrio defensivo no ataque garante a eficácia da transição defensiva numa equipa que defenda individualmente ou homem-a-homem uma vez que os jogadores, nesse momento, deixam de ocupar espaços importantes para o equilíbrio da equipa e passam a preocupar-se exclusivamente com as suas referências defensivas individuais. Assim, a equipa acaba por ficar desequilibrada posicionalmente em transição e perde qualquer identidade colectiva que pretenda assumir.

* * *

Alguns treinadores, pela sua filosofia e entendimento do jogo acabam por, apesar de treinarem com igual detalhe e importância a Organização Defensiva, vê-la como um momento «ponte» para a Organização Ofensiva, no fundo, procuram defender bem para atacar mais e melhor. Este facto acontece, não por algum descuido e desprezo pelos momentos em que a equipa não tem a posse de bola, mas sim pela grande concepção ofensiva que os treinadores querem transpor para a sua equipa, procurando mais tempo de posse de bola, mais domínio do jogo e, conseqüentemente, indo ao encontro dos gostos dos



jogadores que preferem sempre ter a bola em seu poder em vez de a verem no adversário.

Para José Mourinho (2003: 4) “o conceito de transição é ainda mais decisivo numa equipa com uma filosofia muito atacante.” Isto é, uma equipa que pense o jogo dessa forma e que não consiga ter uma transição ataque-defesa muito rápida e forte muito provavelmente será uma equipa com muitos problemas defensivos.

Também Frade (2006) e Costa cit. por Amieiro (2005) destacam a importância da qualidade da transição ataque-defesa como necessidade numa equipa de mentalidade ofensiva.

Com a «zona» existe também a preocupação de ter a equipa organizada para atacar. O intuito é conquistar a posse de bola de uma forma inteligente e colectiva e que possibilite, de seguida, atacar mais eficazmente dado que os jogadores estão posicionados em locais conhecidos pelos colegas e não junto de referências individuais – adversários directos (Caneda Pérez, 1999 e Fernández, 2003 cit. por Amieiro, 2005).

Frade (2007) valoriza o ataque e considera que a defesa em zona pressiona parte de uma concepção defensiva que, por sua vez, parte de uma concepção de organização ofensiva. Este autor argumenta que o futebol de ataque é privilegiado numa equipa que defenda à zona, sobretudo se esta for feita no meio campo ofensivo e a partir de uma acção de *pressing* colectiva (não confinada exclusivamente a 2 ou 3 jogadores) que permitirá, no momento de recuperação da posse de bola, ter muitos jogadores para atacar.

Ao analisar o F. C. Porto de José Mourinho, Barreto (2003) descreve que a defesa zonal com «*pressing* alto» que o F. C. Porto utilizava era vista como um meio para atingir um fim – alcançar a posse de bola – dado que os jogadores tomam a iniciativa mesmo no momento defensivo, com acções que visam criar dificuldades ao adversário e consequentemente permitem recuperar a bola o mais rápido possível.

Nestes testemunhos podemos constatar a importância do conceito de «ataque». Este deve estar sempre presente na cabeça dos jogadores, mesmo quando não é a sua equipa que detém a posse de bola. Os jogadores, nestas



equipas, em situação defensiva não se limitam a reagir a acções do adversário tomam também comportamentos no sentido de provocar erros que possibilitem a imediata recuperação da posse de bola e, aí, continuam a atacar, mas agora a baliza adversária.

Castelo (1996), a partir da observação muitas acções ofensivas, dos cinco jogos das finais dos Campeonatos do Mundo e da Europa, no período compreendido entre 1982 e 1990, constatou que a maioria dos golos foram marcados a partir de recuperações da posse de bola na zona ofensiva e concluiu que uma boa estratégia defensiva consubstancia-se em subir no terreno de jogo e pressionar os adversários para que a recuperação da posse de bola seja o mais perto possível da baliza destes. Isso permitirá ainda, na opinião do autor, aumentar significativamente a eficiência da etapa de finalização do processo ofensivo

Ainda dentro da mesma problemática, Garganta (1997) refere que se pretende que o ataque fique sem tempo para agir e pensar o jogo. Mourinho (2003) destaca o momento de perda da posse de bola como o momento-chave para se defender bem e Bonizzoni (1988) afirma que, nesse momento, é importante que os jogadores realizem uma pressão imediata e constante sobre a equipa adversária para recuperar a bola o mais perto possível da baliza adversária.

Para Mourinho (2003), esta questão do *pressing* defensivo é, no entanto, dependente das características individuais (físicas e mentais) dos jogadores. O actual treinador do Inter de Milão (2003) não tem dúvidas ao afirmar que a qualidade e eficácia da pressão está dependente de se ter ou não alguns jogadores uma vez que nem todos conseguem ter uma concentração e atitude mental no jogo que permita realizarem uma pressão e transição em terreno adiantado.



2.4.5 – Operacionalização – o Treino para o Jogo – dos momentos de transição

Com o treino e a intervenção do treinador é possível apetrechar os jogadores menos dotados de «ferramentas» táctico-técnicas apreciáveis e, mais importante, eficazes.”

Jesualdo Ferreira, 2005

No centro de qualquer teoria e metodologia de um desporto está sempre o processo de treino. Esse processo de treino (modelado em função do «jogar» que se pretende atingir) tem no treinador o seu criador e condutor e tem como objectivo último alcançar o que, no seio da equipa, se considera ser o «jogar bem».

O treino será sempre um meio que tem como ponto fundamental o processo de transmissão, ensino/aprendizagem e assimilação de conhecimento e informação.

Segundo Garganta e Pinto (1998), a aposta no entendimento e no ensino do jogo é o caminho a seguir para a evolução do Futebol.

O melhor aliado dos jogadores para evoluir é o treino. Este deve servir sempre para se aprender (como reforçar comportamentos, como esconder ou ultrapassar fragilidades, como se preparar especificamente para determinado jogo) e, conseqüentemente, o treino, da perspectiva do treinador tem que ser ensinar (Paulo Sousa, 2006).

Garganta (2004) é claro e destaca que embora se procure esmiuçar inúmeros factores influentes no sucesso, em Futebol, o treino não foi nem nunca deixará de ser o meio mais importante de preparação dos jogadores para a competição.



O treino deve, desta forma, servir para que os treinadores dotem a sua equipa das características e particularidades que permitam chegar ao jogo sendo eficazes e atingindo o jogo que, no interior da equipa, seja ambicionado e classificado como «jogar bem».

Cruyff (2002) tem uma visão muito ligada à estética e considera que «jogar bem» consiste em executar bem todos os movimentos. Outros autores como Mourinho (2003), Guilherme Oliveira (2004), Amieiro (2005), Frade (2006) valorizam a importância que a dimensão táctica (sendo-lhe subjacente os aspectos físicos, técnicos e psicológicos) deve assumir no treino.

Guilherme Oliveira (2004) esclarece melhor a sua opinião referindo que a ideia de jogo do treinador é um aspecto determinante na organização de uma equipa de Futebol. Consequentemente, o processo treino será conduzido nesse sentido e quanto melhor o treinador souber como pretende jogar e quais os comportamentos que deseja pelos seus jogadores mais facilmente poderá estruturar, organizar, realizar e controlar o treino.

O caminho a seguir é a especificidade. A partir dela podemos proceder a uma filtragem e selecção de comportamentos consonantes com a nossa concepção de jogo e criar condições no treino para a criação de hábitos de acordo com a nossa ideia de jogo. Desenvolvendo capacidades cognitivas específicas estamos a realizar uma preparação específica (Rocha, 2003).

Também Castelo (1994) reclama um processo de intervenção (treino) específico, decorrente da reflexão metódica e organizada da análise competitiva do conteúdo do jogo, ajustando-se e adaptando-se a essa realidade.

Um outro aspecto, não menos importante, trata-se da comunicação e *feedback* treinador-jogador. Jesualdo Ferreira (2005) assegura mesmo que se o treino deve ser entendido como um processo de ensino e aprendizagem de uma forma de jogar. Essa é uma tarefa aliciante para o treinador que na sua busca de uma cultura comportamental específica consegue despertar a inteligência funcional de muitos jogadores.

A essência do treino nasce mesmo no jogo e é fundamental que os treinadores não «percam de vista» a competição como objectivo último. Nesse



sentido, “a grande vantagem das melhores equipas e dos melhores treinadores é a capacidade que têm de gerir o detalhe sem perder de vista o jogo, porque, muitas vezes, quando tentamos gerir o detalhe, fazemo-lo de tal forma que perdemos sistematicamente de vista o jogo e então trabalhamos defesa, trabalhamos ataque, trabalhamos transição (ataque-defesa ou defesa-ataque), mas não treinamos a ligação, o nexo entre tudo isso. E assim sendo, na maior parte das vezes esse tipo de trabalho não vai desaguar no mar que pretendemos, ou seja, não tem transfere para os comportamentos na competição” (Garganta, 2003: 1).

Vemos, com estes testemunhos, que o treino é encarado como o laboratório onde fazem testes para administrar uma correcta dosagem de conteúdos aos jogadores para aplicar na competição. E quanto ao treino dos aspectos relacionados com as transições, será sempre focado? Com que tipo de exercícios? Existem pontos-chave que merecem particular cuidado no treino das transições? As transições são treinadas preferencialmente em algum dia particular do microciclo de treino?

A dosagem para cada domínio de treino (transições, posse de bola, finalizações, trabalho defensivo), na opinião de Carlos Queiroz (2005), varia e o que determina a variação do número de minutos por cada tema, tem que ver com a identificação dos problemas do jogo anterior. Assim, a lógica é idêntica para todos os momentos e comportamentos do jogo colectivo, podendo numa ou outra semana uns prevalecerem sobre os outros em função dos erros registados no último jogo.

Como facilmente se percebe, a eficácia nestes momentos de transição está intimamente relacionada com o modo como a equipa está organizada antes dos mesmos.

Guilherme Oliveira (2006) adopta uma postura mais unitária do treino dos momentos nos exercícios, argumentando a importância da sua ligação. Para este autor o treino só de transição não existe e exemplifica que se pretende treinar transição ataque-defesa, coloca a sua equipa anteriormente no momento ofensivo, para depois haver a transição ataque-defesa e ter os comportamentos pretendidos.



O treino dos «momentos de ligação» é de grande importância mas para que seja possível requisita uma prévia concepção dos princípios para os momentos do jogo. Para um treinador, a construção dessas partes do «jogar», decretando princípios que sirvam de referencial aos jogadores em cada momento do jogo, constitui-se também como um guia para conceber, organizar e controlar o treino (Garganta, 2003).

Carvalho (2006), considera mais difícil de trabalhar a transição defensiva pois os jogadores gostam de ter a posse de bola e quando a conquistam é-lhes cativante partir para o ataque – apenas se precisa de indicar os melhores caminhos. No entanto, no momento de perda da posse de bola os jogadores não têm a mesma facilidade em reagir para recuperar de novo a bola.

“Um dos pontos fundamentais ao nível das transições centra-se na atitude mental necessária para realizar os comportamentos relevantes nas várias situações de forma eficaz. Apesar das diferenças de atitude mental e os comportamentos consequentes necessários para os diferentes momentos de transição, torna-se imprescindível perceber que é o treinador que deverá fazer emergir, ao mesmo nível, um conjunto de “qualidades psicológicas” não abstractas mas contextualizadas, específicas da sua forma de jogar, para tornar eficaz a sua equipa nos vários momentos de jogo e, em especial, nos momentos de fronteira e transição, logo de maior propensão para a desorganização e consequentemente de maior dificuldade” (Fernando Ferreirinha, 2008: 45).

Carvalho (2006) defende que relativamente ao treino da transição ataque-defesa deve ser concedida particular atenção ao momento de perda da posse de bola. Acrescenta ainda que quanto a este momento devem ser trabalhadas exaustivamente as diversas hipóteses comportamentais para que o jogador decida e reaja mais rapidamente neste momento, e, a partir daí, treinar também a organização defensiva.

Quanto à operacionalização do trabalho de transições Guilherme Oliveira (2006) diz-nos que não destaca um dia para transições, outro para organização ofensiva, outro para organização defensiva... o que acontece é



uma divisão diferente, ao nível dos princípios. Assim, um dia trabalha mais grandes princípios, noutro mais sub-princípios, trabalho por sectores mais num dia, trabalho colectivo mais noutro, tudo de encontro aos padrões de acção pretendidos para a equipa, mas as transições e qualquer outro momento são treinados todos os dias, embora não com a mesma densidade de dia para dia.

Carvalho (2006), embora também refira que os exercícios que solicitam acções inseridas nas transições percorram toda a semana, indica a quarta-feira (num microciclo normal domingo-domingo) como o dia maioritário em termos destas solicitações. Este treinador (2006: 8) justifica-o pela «intensidade elevada» patente no treino das transições e treina-as “em espaços reduzidos, em situações com menos unidades, com mais contactos com bola, mais situações de jogadas em pequenos espaços, portanto, estes momentos (de transição) são constantes, de perder, ganhar a bola, talvez neste dia seja onde mais se manifesta em termos de quantidade este tipo de manifestações em exercícios de acordo com a nossa forma de jogar.” Quanto aos restantes dias Carvalho (2006: 8) refere que na quinta-feira os aspectos relativos às transições “não se manifestam (treinamos em espaços mais alargados), com tanta frequência, digamos assim, mas manifestam-se em termos qualitativos, porque treinamos com mais jogadores. À sexta-feira, estão presentes os momentos de transição, talvez dentro daquela matriz mais direccionada para a velocidade, mas eles aparecem. Ao sábado, também surgem, embora muitíssimo menos”.





CAMPO METODOLÓGICO







3 – Campo Metodológico

Partiu-se para este trabalho com o intuito de compreender a abordagem ao nível conceptual e de operacionalização de um momento fundamental no Futebol actual, a transição ataque-defesa. Para um melhor entendimento deste fenómeno optou-se por uma metodologia que se explica de seguida.

3.1. Amostra

No que diz respeito aos intervenientes na recolha de dados, procurou-se a disponibilidade de opiniões de treinadores ao mais alto nível do futebol nacional – treinadores no activo na época 2009/2010 na Liga Sagres.

Assim, foram entrevistados os seguintes treinadores:

- José Mota – Treinador do Leixões Sport Clube;
- Paulo Sérgio – Treinador do Vitória Sport Clube;
- Ulisses Morais – Treinador do Futebol Clube Paços de Ferreira
- Ricardo Chéu – Treinador Adjunto do Sporting Clube Olhanense

A decisão por realizar o trabalho com estes treinadores baseou-se fundamentalmente pelo facto de estes estarem a disputar o principal campeonato em Portugal e, confrontando-se por consequência, com jogadores e adversários de maior qualidade e que colocam exigências num elevado grau de complexidade.

Teve-se ainda como intenção colher informações de treinadores que ainda não tivessem sido alvo de variados estudos dentro da área temática do trabalho aqui apresentado. Assim, pensou-se contribuir melhor para a descodificação do panorama ideológico dos treinadores do mais alto escalão do futebol português e, em simultâneo, isso permitiu a comparação as ideias dos entrevistados com aquelas de outros treinadores que já divulgaram conhecimentos nesta área e que até constituíram parte da revisão bibliográfica.



O treinador adjunto do S. C. Olhanense foi escolhido na impossibilidade de entrevistar o técnico principal e por estar perfeitamente identificado com as ideias e métodos em vigor no clube que representa.

3.2. Construção das Entrevistas

Ao construir o instrumento de recolha de dados, teve-se especial atenção e preocupação para que se adapte aos objectivos do trabalho. Assim, optou-se pela realização de inquéritos onde se pensa que os treinadores podem expressar melhor as suas ideias.

A entrevista é um meio que permite ao investigador aferir a perspectiva dos seus sujeitos-alvo relativamente aos temas em foco no estudo (Bogdan & Biklen, 1994). Na mesma linha de pensamento Lessard-Hébert, Goyette & Boutin (1994) referem que a entrevista é uma técnica não apenas útil e complementar à observação participante, mas principalmente permite absorver as crenças, as opiniões e as ideias dos entrevistados.

Em investigação qualitativa as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas: como estratégia dominante para a recolha dos dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, a análise de documentos e outras técnicas (Bogdan & Biklen, 1994). Neste caso o instrumento utilizado foi unicamente a entrevista pois foi considerado que, mesmo só através das ideias do treinador, se pode perceber a forma como pensa e como executa.

Neste estudo o guião temático para as entrevistas foi um pouco alargado para melhor contextualizar as ideias específicas ao tema central – importância, comportamentos e operacionalização da transição ataque-defesa – na sua visão global do jogo. Procurou-se também abordar as questões de vários pontos de vista para identificar com pormenor todos os dados que se pretendia saber.



Bogdan e Biklen (1994) e Lessard-Hébert *et al.* (1994) avançam com classificações distintas para as entrevistas. Os primeiros autores afirmam que as entrevistas podem ser consideradas qualitativas, entrevistas muito abertas, estruturadas, não-estruturadas, semiestruturadas ou de grupo ao passo que os segundos classificam-nas como orientadas para a resposta, orientadas para a informação, de tipo sismográfico, do tipo fenomenológico, não-directiva, clínica, individual e de grupo.

Assim, neste estudo, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada e orientada para a informação. Com o guião criado procurou-se definir com detalhe os temas que se pretende abordar, sendo mais importante que todos os assuntos sejam focados do que manter um rigor rígido na ordem das questões.

3.3. Procedimento

Para alcançar as entrevistas com os treinadores foi necessário realizar uma serie de contactos inicialmente no sentido de aferir da sua disponibilidade a participar no estudo e posteriormente para marcar a entrevista.

Anteriormente já havíamos realizado uma análise bibliográfica e documental, em particular através de documentos da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e outros de pertença própria, que serve de ponto de partida e de comparação das ideias dos treinadores com os testemunhos de outros treinadores e autores.

Através das entrevistas de carácter semi-aberto, e nunca limitando a abertura temática como forma de contextualizar ideias por parte dos treinadores, foram abordados todos os tópicos previamente definidos como relevantes na prossecução do estudo.

O local de realização dos inquéritos foi sempre escolhido pelos entrevistados e a recolha de dados foi feita com um microgravador digital Olympus VN-240PC, tendo as entrevistas a duração média de 45 minutos, com



a mais longa a durar aproximadamente 55 minutos e a mais curta a ter a duração de 30 minutos.

Posteriormente procedeu-se à transcrição das entrevistas através do programa Microsoft Office Word 2007, editando exclusivamente o conteúdo de cada conversa com os treinadores para se culminar na análise temática pretendida para o trabalho.

3.4. *Corpus* de Estudo

O *corpus* de estudo, segundo Bardin (2004: 90) “é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos.” A formação do *corpus* para o mesmo autor deve ser feita à luz de algumas regras essenciais: da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e da pertinência.

Assim, o conteúdo das entrevistas realizadas aos treinadores, constitui-se como nosso *corpus* de estudo.

3.5. Análise de conteúdo

A técnica da análise de conteúdo tem a sua origem nos primórdios das ciências sociais e, actualmente, assume-se como uma das técnicas mais utilizadas pelas diferentes ciências humanas e sociais. Nas entrevistas onde, embora procuremos separar alguma informação para posteriormente analisar, mas onde nunca devemos perder a perspectiva global do trabalho a análise de conteúdo é vista como uma técnica modelo.

A análise de conteúdo não se deve limitar a descrever algo, deve utilizar a informação adquirida para produzir inferências, ou seja, procura-se atribuir



algum sentido às características do material que foi alvo de interpretação (Vala, 1986).

Assim, partiu-se para a análise de conteúdo com os objectivos do trabalho como metas a atingir e com as referências teóricas como ponto de partida para a comparação e verificação. No entanto, e porque se pretende que a análise e o próprio estudo em si sejam enriquecedores o ponto de partida terá necessariamente que ser diferente do ponto de chegada, só isso significa que o estudo serviu para aumentar o conhecimento relativamente à temática escolhida.

Bardin (2004, p. 25) aponta duas funções à análise de conteúdo das mensagens. A função heurística, representativa do carácter exploratório e de descoberta, sendo o que a autora chama de análise de conteúdo «para ver o que dá». A outra função é a de «administração de prova», procurando, através da análise do *corpus* de estudo, dissecar sobre os conteúdos abordados, confirmando ou infirmando das directrizes analisadas «para servir de prova». A mesma autora destaca que estas funções podem ser complementares e como forma de adquirir um conhecimento mais aprofundado pensa-se que a conjugação das duas será o mais proveitoso na elaboração deste estudo.

Após se ter escolhido o tipo de análise a seguir, Vala (1986) indica que se deve proceder à construção de um sistema de categorias, que pode ser feito *a priori* ou *a posteriori*. No primeiro caso, as categorias são definidas a partir do estado actual da arte, do quadro teórico estruturado pela revisão bibliográfica, antes da análise do *corpus*, enquanto a segunda surge da leitura do *corpus*, sendo orientado pelo que surge da análise das entrevistas.

No estudo aqui apresentado adoptou-se a categorização *a priori*, dado que, todas as categorias foram escolhidas e compartimentadas tendo por base a revisão bibliográfica.

3.6. Delimitação dos objectivos como orientação da pesquisa



Este estudo pretende assimilar as ideias dos treinadores da I Liga Portuguesa relativamente à importância das transições, os padrões comportamentais fundamentais da transição ataque-defesa e a operacionalização destas ideias no processo de treino.

Desta forma, procurou-se que os treinadores estudados, pudessem esclarecer relativamente às suas ideias, enquadrando-as na sua filosofia para o jogo da sua equipa. Confrontando estas opiniões com as defendidas por diversos autores e treinadores na revisão de bibliografia esperamos poder contribuir para um crescimento qualitativo de actual estado da arte.

De um prisma mais específico tentou-se perceber quais são os fundamentos metodológicos pelos quais o treinador se rege, em particular, relativamente aos factores de rendimento. Procurou-se ainda diagnosticar o Modelo de Jogo que os treinadores implementaram na equipa e a ligação presente nos princípios comportamentais relativos a cada momento de jogo.

Dentro do âmbito mais específico dos momentos de transição (em particular da transição ataque-defesa), após verificada a importância atribuída pelos treinadores a estes momentos, partiu-se para os padrões de acção pretendidos no assegurar do equilíbrio defensivo no ataque e na transição ataque-defesa propriamente dita.

Por fim, e depois de se perceber se a forma de defender em vigor na equipa tinha ligação com os comportamentos ambicionados para a transição ataque-defesa, procuraram-se identificar quais os cuidados que são tidos no processo diário de treino e de que forma se constrói o «jogar» pretendido.



3.7. Definição do sistema categorial

De acordo com o adiantado anteriormente e perante as hipóteses de realizar uma categorização *a priori* ou *a posteriori*, a que realizamos foi a primeira.

Para Bardin (2004), este processo que denomina de categorização, trata-se de um procedimento no qual, a partir de critérios bem definidos, se classificam e compartimentam elementos análogos.

Para se enquadrar todos os indicadores que se inserem no campo semântico de um conceito devemos procurar abordá-lo de vários prismas e, para que possamos obter um entendimento aprofundado dos vários conteúdos presentes num texto (como uma entrevista), a definição de categorias é uma imprescindibilidade (Vala, 1986).

No entanto, os aspectos a abordar pretendidos determinam grande complexidade dentro de uma mesma categoria, o que levou a que se subdividisse a categoria da transição ataque-defesa percebendo a grande abrangência de conteúdo que abarca mas nunca perdendo a noção do todo.

No processo de elaboração do sistema de categorias, segundo Bardin (2004: 113,114) deve-se obedecer a alguns pressupostos:

- Exclusão mútua – cada elemento não pode existir em mais de uma divisão;
- Homogeneidade – num mesmo conjunto categorial, só se pode funcionar com um registo e com uma dimensão de análise;
- Pertinência – a categoria está adaptada ao material de análise escolhido;
- Fidelidade – a estrutura sobre a qual se debruça a análise categorial deve ser codificada da mesma maneira em cada uma das várias análises;
- Produtividade – fornece resultados férteis.

Neste estudo apenas se poderá violar o pressuposto da exclusão mútua, dado que muitos temas têm particularidades que abrangem mais que uma



categoria e sem essa plenitude dos significados não se poderia alcançar um conhecimento mais aprofundado. Todos os outros pressupostos foram cumpridos sem excepção.

Assim, tendo em conta os objectivos gerais e específicos do trabalho, bem como a forma como foi defendida a estruturação do conhecimento no tema abordado, foi estabelecido o sistema categorial segundo três categorias fundamentais, sendo que, a última grande categoria se encontra subdividida em cinco subcategorias.

C1 – Factores de Rendimento no Futebol

C2 – Modelo de Jogo

C3 – Transição ataque-defesa

SC3.1 – Importância dos momentos de transição

SC3.2 – Equilíbrio defensivo em organização ofensiva

SC3.3 – Padrões comportamentais da transição ataque-defesa

SC3.4 – Relação com a organização defensiva

SC3.5 – Treino das transições

3.8. Justificação do sistema categorial

De acordo com o quadro teórico seguido na revisão bibliográfica e tendo em conta os objectivos a propostos neste trabalho, definiram-se três categorias essenciais:

C1 – Factores de Rendimento no Futebol

C2 – Modelo de Jogo

C3 – Transição ataque-defesa

Para além desta divisão principal, a categoria da transição ataque-defesa foi ainda compartimentada em diversas subcategorias. Esta divisão permite assegurar que o conhecimento que colhemos da categoria em questão tem a profundidade e o alcance desejados.



Assim, procurar-se-á, de seguida, justificar e enquadrar os conceitos subjacentes às três categorias da análise.

C1 – Factores de Rendimento no Futebol

Queiroz (1986), Pinto (1988), Garganta (1997) e Castelo (2002) avançam com a existência de quatro factores do rendimento principais no futebol – o físico, o técnico, o tático e o psicológico – teoria que é unanimemente aceite no universo futebolístico.

Tendo em conta o explanado na revisão bibliográfica, considerou-se a dimensão tática como a supra-dimensão do Futebol, perspectiva suportada por Frade (2006) e Guilherme Oliveira (2004). Assim, o que se procurou identificar nesta categoria é a existência de alguma hierarquização destes factores do rendimento por parte dos treinadores. Isso fará com que se entendam as bases metodológicas de todo o raciocínio dos treinadores, que por sua vez ajudará a perceber melhor algumas respostas seguintes e até ajudar nalguns desvios na condução das entrevistas.

C2 – Modelo de Jogo

Ao relacionar as ideias dos treinadores, a sua comunicação aos jogadores, o tipo de jogadores preferidos, a metodologia de treino utilizada, os padrões de comportamento pretendidos para os jogadores em cada momento de jogo... em tudo isto e muito mais, procurou-se caminhar para o entendimento do Modelo de Jogo em vigor nas equipas.

Desta forma é importante que percebamos que o «jogar» de uma equipa é um processo que se constrói gradualmente. A organização colectiva provém do Modelo de Jogo implantado.

Gaiteiro (2006: 91) classifica-o como uma “manifestação tática, que se revela numa organização, com determinada densidade de coisas, com determinadas regularidades que fazem com que, tanto a defender como a atacar, se verifique a sinergia colectiva.”



Sabemos que uma equipa de futebol, quando organizada, e apesar das inúmeras situações com que os jogadores se deparam no jogo, apresenta algumas regularidades que se constituem como hábitos do seu jogo colectivo. Assim, mesmo no aparente caos organizacional de um jogo de futebol, encontram-se padrões de comportamento expressos pelos jogadores no jogo.

Para Jesualdo Ferreira (2003), actual campeão nacional, o êxito desportivo estará tão próximo quanto melhor uma equipa dominar os princípios de jogo e quanto melhores jogadores tiver (dentro desta perspectiva do domínio dos princípios de jogo).

Esta é, então, considerada uma grande categoria dado que o conceito de Modelo de Jogo assume uma abrangência e uma complexidade de fracções sem par no âmbito do Futebol.

Para que melhor possamos conhecer, articular e explicar as ideias dos treinadores, em particular dentro da temática central deste trabalho – as transições ataque-defesa –, a percepção acerca de pontos-chave do seu Modelo de Jogo é essencial.

Na análise aos dados relativos ao Modelo de Jogo, procurar-se-á entender como os treinadores pretendem colocar a sua equipa a jogar, verificar a existência de princípios de jogo que norteiem cada um dos momentos de jogo, com destaque para a transição ataque-defesa, e testar a harmonia existente entre os princípios dos diferentes momentos de jogo.

C3 – Transição ataque-defesa

SC3.1 – Importância dos momentos de transição

SC3.2 – Equilíbrio defensivo em organização ofensiva

SC3.3 – Padrões comportamentais da transição ataque-defesa

SC3.4 – Relação com a organização defensiva

SC3.5 – Treino das transições

A terceira e última categoria comporta o tema principal do trabalho, a transição ataque-defesa que, na categoria anterior já se procurou ver integrada num conceito de jogo colectivo.



Perante a problemática de focar diversos aspectos relacionados com o tema central viu-se necessidade de sectorizar esta categoria em cinco subcategorias. Considerou-se esta divisão importante para um melhor esclarecimento temático mas no plano prático todas as subcategorias completam-se e relacionam-se.

Nos aspectos relacionados à importância dos momentos de transição (SC3.1) tentou-se diagnosticar se os treinadores valorizam estes momentos e se os consideram importantes para criar desequilíbrios nos adversários e consequentemente chegar ao golo.

Na SC3.2, equilíbrio defensivo em organização ofensiva, percebeu-se se os treinadores estão a contemplar a possível perda de bola a partir do momento em que a recuperam, quantos jogadores por regra entram nesse equilíbrio defensivo, quais são de acordo com os seus postos específicos e se estão posicionados em função do espaço de jogo ou em função do adversário.

Reportando aos padrões comportamentais da transição ataque-defesa (SC3.3), avaliaram-se as fragilidades existentes no momento de perda da posse de bola, o tipo de reacção (individual, grupal ou colectiva) preconizada para esse momento, as variáveis inerentes à zona onde se perdeu a bola, ao adversário e ao período do jogo e o «pormenor» da mudança de atitude.

A identificação com um padrão de jogo defensivo (homem-a-homem, individual ou zonal) foi o aspecto central da relação com a organização defensiva, SC3.4.

Por último, mas não menos importante, “viajamos” para a dimensão do terreno, a operacionalização na SC3.5 – o treino das transições. Neste ponto os treinadores foram questionados sobre a incidência com que treinam as transições em comparação com os momentos de organização defensiva e ofensiva, se reservam algum dia em particular num microciclo normal para o treino destes aspectos, se procuram exercícios integrados com outros momentos de jogo ou se procuram situações mais analíticas e se consideram os comportamentos pretendidos nas transições defensivas mais difíceis de ser assimilados comparativamente com as transições ofensivas.



3.9. Definição das unidades de análise

A análise de conteúdo pode ser conduzida a partir das características do material e dos objectivos da análise. Assim, existem três unidades de análise: unidades de registo, unidades de contexto e unidades de enumeração (Bardin, 2004).

As unidades de registo referem-se a curtos recortes do conteúdo como sejam uma frase ou mesmo uma palavra. Dentro do âmbito deste estudo, parece tratar-se de uma unidade de registo sem grande utilidade uma vez que este tipo de recortes poderia levar a uma descontextualização dos raciocínios dos entrevistados.

As unidades de contexto, pelo referido anteriormente, são coniventes com a análise que procuramos realizar uma vez que estas possibilitam uma inteligibilidade contextualizada das unidades de análise.

Por último, as unidades de enumeração contêm a: presença/ausência; frequência; frequência ponderada; intensidade; direcção; ordem; co-ocorrência.

Na lógica do seguimento dos propósitos deste estudo apenas irão ser utilizadas referências à presença/ausência, à frequência, à frequência ponderada e à direcção.



APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS







4 – Apresentação e discussão das Entrevistas

Neste capítulo será feita uma apresentação e uma análise das entrevistas que constituem o *corpus* de estudo. Esta análise também considerará raciocínios provenientes do estado da arte exposto na revisão bibliográfica como base de comparação, introdução ou acréscimo aos conceitos que os treinadores entrevistados nos adiantam.

4.1. (C1) – Factores de Rendimento no Futebol

Partindo do referido na revisão de literatura, o futebol conta com quatro principais factores/dimensões/componentes de rendimento: o físico, o psicológico, o técnico e o tático (Queiroz, 1986; Pinto, 1988; Garganta *et al*, 1996; Garganta, 1997; Castelo, 2002). A estas, universalmente aceites e assumidas como decisivas no rendimento em futebol, alguns autores acrescentam a dimensão estratégica sendo que essa também pode ser entendida como uma subdimensão da componente tática.

Perante a assunção incontestada da importância de todos estes factores, torna-se pertinente não propriamente a necessidade do estudo de cada um dos factores isoladamente mas, sobretudo, o estudo das interacções que se constituem (Garganta e Gréhaigne, 1999).

Tani (2001), reportando-se ao desporto de rendimento em geral, afirma existir a crença que a excelência no desempenho desportivo pode ser obtida mediante a melhoria na condição física, ideia com a base científica na Fisiologia do Exercício.

Ricardo Chéu (Anexo 3) discorda e afirma que a importância da componente tática está em claro crescendo nas metodologias utilizadas, em particular no futebol.



O treinador adjunto do Olhanense esclarece ainda que essa é a ideia em vigor na metodologia implantada no clube e argumenta que *“trabalhando em termos táticos, muitas das vezes conseguimos trabalhar os outros factores de rendimento, direccionamos o trabalho em termos táticos para atingir determinado fim, um determinado princípio, sabendo que esse factor que nós estamos a trabalhar traz por arrastamento as restantes componentes, a física, a técnica e a psicológica.”*

Esta perspectiva surge em concordância com Mourinho (2003) que utiliza a dimensão tática para conseguir uma adaptação (que por arrastamento também é necessariamente física, técnica e psicológica) específica às suas ideias de jogo.

Amieiro *et al.* (2006) classifica mesmo a dimensão tática como uma supradimensão à qual estão anexas todas as restantes dimensões e pela qual se subordina todo o processo de treino.

Paulo Sérgio (Anexo 4) tem uma opinião diferente afirmando mesmo que *“não faz sentido hierarquizar a importância de cada um dos componentes, atribuo a mesma importância a cada um deles”*. José Mota (Anexo 2) também sugere que deve existir esse equilíbrio e afirma que para o êxito desportivo o jogador *“para poder executar correctamente têm que estar bem fisicamente, para corresponder ao que o treinador pretende o jogador tem que ser taticamente disciplinado e evoluído, os aspectos técnicos são fundamentais sobretudo numa equipa que pretenda ter uma boa qualidade de jogo.”* Quanto ao aspecto psicológico o mesmo treinador advoga que apesar de ser o mais difícil de ser cuidado pelos treinadores também tem indubitável importância.

O mesmo raciocínio tem Ulisses Morais (Anexo 5) apontando preocupações ao momento da equipa: *“tenho momentos em que dou prioridade a alguns, mas entendo que eles se completam uns aos outros. Tem a ver com os momentos em que há factores que são mais determinantes em função daquilo que é o rendimento. Por isso para o rendimento de uma forma geral, todos são valorizados da mesma forma. Consoante o momento, por vezes, há mais necessidade de atacar um dos factores, para podermos de alguma forma*



tirar esse mesmo rendimento, quando não entendermos que não há necessidade de não mexer neles, trabalhamos-los de forma igual.”

Aqui, observa-se uma concepção um pouco diferente das anteriores uma vez que o treinador do F. C. Paços de Ferreira divide o rendimento para cada uma das componentes. Assim, para este treinador, não se deverá falar em rendimento mas rendimentos que este treinador procura que sejam equilibrados e em função de qualquer défice podem ser valorizados em detrimento dos outros para se obter o equilíbrio desejado.

As metodologias de treino e de preparação para a competição também ajudam a perceber melhor os raciocínios dos treinadores.

Assim, quanto a interligação e interdependência destas componentes, Oliveira (2004) apesar de defender a tática como dimensão do rendimento soberana, refere que por si só a «dimensão tática» não existe, evidenciando-se somente quando se manifesta através da interação das outras três, as dimensões técnica, física e psicológica. Acrescenta ainda que não faz sentido aparecer sem que alguma destas três dimensões não faça parte dessa interação.

Todos os entrevistados referem que entendem que o processo de treino se deve aproximar da competição, ou seja, o rendimento deve ser alcançado como um todo e portanto a base metodológica pressupõe a contemplação de todos os factores em conjunto.

Ulisses Morais explica: *“partimos do principio que essas componentes devem estar todas interligadas, ou seja, quando nós trabalhamos um exercício devemos tirar dele um conjunto de rendimentos, de ordem física, técnica, de ordem tática e de ordem de entendimento que tem a ver com os aspectos de confiança através do rendimento psicológico.”* O mesmo treinador refere que o exercício contempla todos os factores interligados e necessita de ser transmitido aos jogadores para se verifique aquisição nos aspectos físicos, táticos e técnicos.

Contudo, na opinião de José Mota, Paulo Sérgio e Ricardo Chéu a regra tem excepções. Paulo Sérgio desintegra os factores de rendimento *“para proceder a algumas avaliações. José Mota age mais de acordo com o*



momento e diz que “pontualmente há situações em que sentimos que algum destes factores pode não estar bem e focamos um pouco mais de atenção nele.” Já Ricardo Chéu identifica alguns aspectos de técnica individual que exercitam regularmente nas partes iniciais dos treinos, como as situações de treino onde os factores são abordados separadamente.

Apesar de Ricardo Chéu considerar que nestes momentos *“o aspecto táctico está um pouco posto de lado”*, Frade (2006) contrapõe dizendo que, se os aspectos técnicos trabalhados tiverem ligação com o que o treinador quer ver aplicado na equipa, não estaremos a falar de técnica individual mas de táctico-técnica individual. Por exemplo, um treinador que pretenda que a sua equipa tenha uma grande percentagem de posse de bola e que como meio para o atingir trabalhe bastante a qualidade de passe e recepção dos jogadores está a caminhar para uma intenção táctica, ou seja, o técnico está subordinado ao que o táctico exige.

José Mota também advoga que os aspectos técnicos têm importância decisiva, sobretudo numa equipa que pretenda praticar um futebol marcado pela posse de bola. O mesmo treinador acredita que não faz sentido um jogador ser tacticamente evoluído se depois não souber executar as intenções que lhe surgem. As opiniões de Valdano (1998) e Cruyff, (2002), dois pensadores marcadamente «românticos» do futebol e que atribuem muita importância à estética do movimento, vem de encontro ao relatado por estes treinadores. No entanto embora Valdano (1998) e Cruyff, (2002) afirmem que é importante executar bem todos as acções e valorizem jogadores com maior qualidade técnica individual, não têm dúvidas em apontar a táctica como a componente mais importante do futebol e na qual é possível registarem-se maiores diferença ao mais alto nível competitivo. Valdano (1998) remata defendendo que tudo, até a criatividade, deve assentar numa ordem. Ordem essa, que no ao Futebol diz respeito, é conferida pelo dimensão táctica.



4.2. (C2) – Modelo de Jogo

Neste segundo capítulo procurou-se sobretudo perceber no que os treinadores se fundamentam para criar e implementar o Modelo de Jogo na equipa que orientam e que pressupostos basilares da sua concepção procuram que estejam sempre presentes.

José Mota tem como características fundamentais da sua filosofia de jogo a capacidade de ter uma grande quantidade de posse de bola (assente na qualidade técnica que tanto valoriza nos jogadores) e uma pressão muito forte e a todo o terreno quando não tem a bola.

Ricardo Chéu, transmitindo a mensagem do treinador do Olhanense, Jorge Costa, afirma que a sua equipa pretende praticar um futebol aberto, atractivo e com a criação de diversas oportunidades de golo. Ideias assentes em dois grandes princípios: *“ter muita posse de bola e um pressing alto.”*

Ulisses Morais apresentou uma ideia mais detalhada de quais são as dinâmicas colectivas que valoriza na sua concepção de jogo. Pretende um jogo *“elaborado, pensado e apoiado”*, com grande foco no *“passe e no deslocamento.”* O treinador do F. C. Paços de Ferreira não tem dúvidas em classificar esta como a sua ideia principal mas atenta que *“se o jogo tem que ser organizado de forma diferente e se eu tenho que fazer chegar à baliza do adversário de forma diferente para conseguir o golo, isso tem a ver com cada jogo. Contudo estes factores para mim são fundamentais – ter a bola e ter como princípio de organização a mobilidade.”* O mesmo treinador atribui grande importância à conquista do que o próprio denomina os «espaços mortos do jogo» tanto na mobilidade ofensiva que preconiza, como na redução dos espaços e no equilíbrio defensivo quando a equipa não tem a posse de bola.



Estes treinadores valorizam a importância da organização e destacam a importância da equipa saber o que fazer a cada momento de jogo.

Ao conferir os depoimentos de todos os treinadores verificam-se muitos pontos confluentes. No fundo estes enquadram o conceito de Modelo de Jogo no conjunto de dinâmicas existentes na equipa para cada momento de jogo que, no fundo, expressa a sua identidade colectiva.

No entanto, Ulisses Morais deixa uma ressalva importante quanto a «jogar bem». Na sua opinião isso também está relacionado com o adversário. O técnico considera que *“provavelmente, perante diferentes adversários, posso entender que joguei bem de forma diferente. Tem a ver com aquilo que é também a estratégia e aquilo que é o perfil do adversário. De maneira que, para cada jogo, embora não alterando os nossos princípios e as nossas ideias temos que, em termos estratégicos fazer ajustamentos. Se nós entendermos que aquilo nos leva a estar mais perto de ganhar o jogo, no plano estratégico, criam-se algumas nuances, que são contrárias àquilo que pode favorecer o adversário.”* Esta preocupação com o adversário centrada em detalhes estratégicos também se coaduna com as opiniões destacadas na revisão bibliográfica.

Apesar da percepção da existência de padrões comportamentais para cada momento do jogo, ser o principal intento na definição de Modelo de Jogo que se pretendia dos treinadores, não se pode deixar de concordar com Guilherme Oliveira (2004) para o qual o Modelo de Jogo tem de considerar vários aspectos centrais, sendo que um deles é, sem dúvida, a concepção que o treinador tem de jogo ou seja com as suas ideias de jogo, não se restringindo, no entanto, a estas apenas.

De acordo com esta premissa o actual treinador do Vitória Sport Clube, Paulo Sérgio apresenta uma visão mais abrangente do Modelo de Jogo. Este treinador destaca que para si *“o Modelo de Jogo é o todo, engloba o sistema ou sistemas tácticos, princípios e sub-princípios ofensivos e defensivos, modelo de treino (exercício) e até o modelo de jogador a escolher (sempre que possível).”*



Esta opinião vem de encontro às ideias de Faria (1999) que particulariza o factor decisivo de ligar uma ideia de jogo à parte operacional (treino) e até aos seus intérpretes.

Quanto às dinâmicas que valoriza, Paulo Sérgio também é bastante claro e denota preocupações nas ligações entre os momentos: *“Atacar com organização (equilíbrio, com coberturas) permite-nos estar melhor preparados para defender no momento de perda da posse de bola e vice-versa (defender com boa organização permite uma mais facilitada saída para acções ofensivas).”*

Todos os outros treinadores partilham a opinião de Paulo Sérgio quanto à importância dos princípios não serem pensados em separado do todo que é o Modelo de Jogo. Estas ideias vêm confirmar o que havia sido avançado anteriormente de que os princípios de jogo devem ser percebidos como complementares, evitarem as incongruências que serão atritos na engrenagem e levarem a sinergias positivas.

O Modelo de Jogo deve ser um modelo fractal onde na forma como é gerado fique bem explícito a sensibilidade da articulação de uns princípios com os outros. Cada princípio funda-se no respeito pela dinâmica global (Gaiteiro, 2006).

O que daqui se pode extrair e, partindo da divisão pacificamente aceite do jogo em quatro momentos contínuos (organização defensiva, organização ofensiva, transição defesa-ataque e transição ataque-defesa), é que torna-se fundamental definir os princípios de jogo para cada um desses momentos. Mais importante ainda do que a noção de Modelo de Jogo são os princípios que lhe dão corpo e a articulação desses próprios princípios.

Castelo reclama que cultura do clube, subsistema estrutural, sistema de jogo, funções dos jogadores nesse sistema, sistema metodológico, princípios de jogo ofensivos e defensivos, subsistema técnico-táctico no plano ofensivo, defensivo, individual e colectivo e subsistema táctico-energético – todos estes aspectos devem ser partes do mesmo todo que é o Modelo de Jogo de uma equipa. Vejamos os aspectos que os treinadores entrevistados destacaram.



Ulisses Morais tem um raciocínio próximo de Jorge Castelo ao afirmar e identificar um conjunto de argumentos que influenciam as ideias de jogo que tem à partida para a equipa: *“a região em que estamos inseridos, as características do clube, o escalão onde a equipa joga, a cultura que existe e claro, os jogadores.”* O treinador ressalva que o aspecto prioritário é mesmo a sua concepção de jogo mas estes aspectos também determinam o Modelo de Jogo.

No que se refere a estes constrangimentos que se colocam às ideias da concepção de jogo do treinador José Mota não tem dúvidas sobre qual é o principal *“(...) muitas vezes nós temos uma ideia relativamente ao nosso Modelo de Jogo e nem sempre a podemos por em prática pois estamos dependentes dos jogadores que temos e das suas características e qualidade.”*

O treinador do Leixões revela toda a importância que atribui aos jogadores no processo de construção do jogar com a seguinte afirmação: *“No futebol existe uma «velha máxima» que os jogadores se têm de adaptar ao treinador da qual eu discordo. Eu penso que os treinadores é que têm que se adaptar aos jogadores que têm e partir daí procurar criar um Modelo de Jogo que se identifique com os jogadores que dispomos e com a qualidade dos mesmos. Eu costumo dizer que o modelo que mais se aproxima do óptimo é aquele que pode tirar maior rendimento dos jogadores que temos à disposição.”*

Ulisses Morais assume uma postura ainda mais democrática com os jogadores. Existe para este treinador sempre uma grande preocupação na capacidade que os jogadores podem ou não ter de interpretar as ideias de jogo, mas sempre numa lógica de valorização do colectivo e não castrando as características individuais de cada jogador.

O treinador do F. C. Paços de Ferreira explica como faz: *“Eu opto sempre por uma proposta, perante aquilo que me parece, ver a receptividade e depois dessa resposta da receptividade ser boa, percebe-se se os jogadores são capazes de o fazer. Com um clube de determinadas características, em que, por exemplo, é afectivo, em que é emocional, em que existe uma cultura de ler o jogo muito depressa, um jogo mais pensado, mais elaborado, pode*



criar de alguma forma, algum fantasma na equipa. Então temos que pensar se somos nós que vamos vencer no cansaço, se nos cansamos em relação a isso. Se acharmos que temos um conjunto de condições reunidas, para que rapidamente possamos vencer as pessoas no cansaço, a acreditarem no nosso projecto, ou se o nosso projecto se cansa por aquilo que nós não conseguimos alcançar.”

Valdano (1998) contrapõe um pouco estas ideias pois, para este autor, todas as equipas necessitam de uma forma colectiva a que designa de organização, onde o jogador deve procurar o seu lugar, centrar o seu esforço e fazer exaltar dela a sua qualidade individual.

O que se pretende neste binómio ideia do treinador-características dos jogadores é que se possa atingir uma harmonia que torne o processo mais rico privilegiando-se a qualidade individual apoiada no colectivo, numa lógica de jogo. A abordagem «auto-hetero» que Vítor Frade (2006) alega.

Opinião idêntica à de Valdano, têm Paulo Sérgio e Ricardo Chéu para os quais a ideia de jogo do treinador condiciona à partida a escolha dos jogadores que se enquadrem nas características pretendidas.

No entanto Ricardo Chéu ressalva, relativamente aos comportamentos que a equipa técnica do Olhanense pretende instalar na equipa, que é necessário *“haver uma mensagem da parte do treinador, uma ideia que é transmitida aos jogadores, e o jogador faz a sua interpretação, e aplica-a em jogo. Sabemos que por vezes, acontece que nem sempre a informação que é transmitida chega, porque cada um faz a sua análise individual daquilo que é pretendido.”*

Estas reflexões deixam bem patente as características dos jogadores disponíveis que, no momento, o treinador tem e são determinantes na concepção final do Modelo de Jogo a trabalhar. Frade (2006) é bastante explícito ao ressaltar que “aquilo que está na cabeça dos jogadores também é Modelo.”

Por tudo isto, compreende-se ser importante, como defende Guilherme Oliveira (2004), que os jogadores se envolvam completamente e estejam



comprometidos emocionalmente com o projecto de construção do jogar da equipa.

Para terminar aborda-se o aspecto da mutabilidade/estabilidade do Modelo de Jogo. O Modelo de Jogo é visto pelos treinadores como a identidade da equipa e o ponto onde se começa a criar um sistema de crenças. Assim, todos se mostram relutantes em incutir alterações no que se encontra predefinido em função de aspectos alheios à própria equipa.

Ricardo Chéu argumenta que no Olhanense o grupo (equipa técnica e jogadores) vê os jogos todos da mesma forma – seja contra os grandes seja contra uma equipa de menor dimensão, seja um jogo em casa seja um jogo fora –, com o intuito de «assumir o jogo» e disputá-lo desde o início para ganhar. Este treinador considera que se assim não fosse estariam comprometidas as ideias (identidade) da equipa e que se estaria a subjugar ao adversário.

José Mota é mais «flexível» e, mesmo deixando claro que não gosta de alterar coisas no Modelo de Jogo, diz que por vezes sente-se nessa necessidade em função do adversário com quem jogam ou mesmo das características de alguns jogadores da própria equipa.

Ulisses Morais, pelo que já foi mencionado anteriormente, também valoriza o adversário e, em função disso, pode provocar alterações no seu Modelo de Jogo mas sempre ao nível do detalhe e das pequenas dinâmicas.

Concluindo, parece que os treinadores possuem uma visão correspondente ao Modelo de Jogo descrito no panorama teórico inicial do trabalho, isto é, como um todo interligado na relação com o envolvimento, com os valores em que o seu grupo se define, uma articulação de princípios convicta e abrangente e tendo em conta as características dos jogadores, e com uma dinâmica particular que identifica um determinado Modelo de Jogo.



4.3. (C3) – Transição ataque-defesa

A abordagem multidireccional realizada da categoria central deste estudo, demandou que se realizasse uma divisão em cinco subcategorias:

SC3.1 – Importância dos momentos de transição

SC3.2 – Equilíbrio defensivo em organização ofensiva

SC3.3 – Padrões comportamentais da transição ataque-defesa

SC3.4 – Relação com a organização defensiva

SC3.5 – Treino das transições

Esta divisão fundamenta-se, sobretudo, na análise de cada momento de jogo e na valorização das transições (em particular a transição ataque-defesa) no Modelo de Jogo e de Treino implementados na equipa.

Assim, começar-se-á por aspectos relativos à importância dos momentos de alternância de posse de bola no contexto do Futebol actual, de seguida para os momentos do jogo, começando pela preparação da transição defensiva aquando da organização ofensiva, passando para os padrões comportamentais da transição ataque-defesa e terminando com a ligação com a organização defensiva. Por fim, destaca-se a inclusão dos aspectos relativos à transição ataque-defesa, no treino.

4.3.1. (SC3.1) – Importância dos momentos de transição

Anteriormente destacou-se a importância crescente no futebol dos momentos de alternância da posse de bola. Diversos treinadores como Mourinho (2003), Carvalhal (2006), Guilherme Oliveira (2003a), Jesualdo Ferreira (2003) entre outros consideram que os momentos de transição têm sido cada vez mais aproveitados para criar situações de perigo junto às balizas contrárias.



Carvalho (2006) não hesita em afirmar que é no aproveitamento de transições intensas e fortes, bem como das bolas paradas, que ocorrem grande parte dos golos.

As perspectivas recolhidas nos treinadores questionados são unânimes e vêm reforçar ainda mais este paradigma.

Para o treinador do Leixões S. C., José Mota *“cada vez mais é preciso saber aproveitar os ataques rápidos porque percebemos que (porque se trabalha muito agora em termos tácticos, muitos posicionamentos da equipa e tudo isso), é cada vez mais difícil arranjar espaços para se jogar. Percebe-se também que há agora cada vez mais os golos surgem ou de transições rápidas ou de bolas paradas, e isso, sente-se que de um ataque continuado nem sempre se consegue os golos, ou antes, é difícil até suceder os golos”*

Segundo o mesmo treinador, criar situações de perigo quando uma equipa se encontra em organização defensiva é muito difícil porque normalmente as equipas posicionam-se bem e é difícil encontrar espaços. Mourinho (2003), como observado anteriormente na revisão bibliográfica pensa exactamente da mesma forma.

Ulisses Moraes, a respeito das transições, não tem dúvidas em declarar que actualmente *“o preenchimento e a ocupação do espaço, o encurtamento do campo no processo defensivo, vai permitir que haja alguma criação de espaço após a recuperação da bola, e que é importante defini-lo.”*

Ricardo Chéu também valoriza os momentos de alternância de posse de bola para criar situações de golo e, juntamente, alerta para os perigos das perdas de bola na transição para o ataque que provocam ainda mais problemas na subsequente transição ataque-defesa.

Paulo Sérgio reforça ainda estes conceitos ao atestar que *“no momento em que acontece uma transição ofensiva está associada uma menor organização do adversário, que se encontrava em posse e com a equipa projectada em amplitude e profundidade de posicionamento. Assim, as equipas tentam tirar partido destes mesmos momentos em que recuperam a posse*



(através de contra ataques e/ou ataques rápidos) devido ao espaço que dispõem.”

Estas opiniões vêm comprovar o descrito no panorama do futebol actual que continua a ser um jogo em constante evolução. Nestes progressos tem-se levado a que as equipas estejam, regra geral, cada vez mais bem preparadas defensivamente. Assim, as transições têm sido progressivamente mais exploradas como momentos de maior desequilíbrio que se tratam.

Ulisses Morais considera que as equipas que melhor aproveitarem os espaços existentes aquando das transições, mais oportunidades de golo vão criar. Em relação à transição defensiva o mesmo se verifica – as equipas que melhor conseguirem reagir ao momento de perda (e o contemplarem em antecipação) irão conseguir evitar sofrer contra-ataques perigosos e ainda recuperam a bola mais rapidamente e em terreno mais adiantado.

Este sentimento é partilhado por Ricardo Chéu que vê nas transições momentos de *“grande importância porque definem um jogo, se não estivermos bem organizados sabemos que podemos sofrer golos, ou corremos riscos sérios de os sofrer. Por outro lado, também sabemos que se formos inteligentes na abordagem ao jogo quando temos bola sabemos, se a equipa adversária estiver desorganizada, o que devemos fazer, sabemos como fazer e podemos tirar muito proveito de uma transição para o ataque.”*

Estas opiniões são partilhadas por diversos treinadores referidos aquando da análise do estado da arte como Miguel Leal (2003) que vai ainda mais longe ao afirmar que as equipas que melhor interpretam os momentos de transição são aquelas que dominam os jogos e, não esquecendo a inteireza patente no jogo colectivo de uma equipa, acredita que estas equipas são as que conseguem ganhar mais frequentemente.

Ulisses Morais afirma que as transições constituem-se como acções rápidas em que se conseguem criar desequilíbrios apanhando o adversário desorganizado. No entanto, alerta que a acção de transição parte muito da capacidade de decisão dos jogadores pois nem sempre é possível subir rapidamente a equipa após ganho de posse de bola como nem sempre



podemos ser agressivos na pressão nos momentos que se seguem à perda de posse de bola.

O actual treinador do F. C. Paços de Ferreira atribui um grande peso aos momentos de transição e considera que aí é necessário a equipa *“saber parar o jogo ao adversário”* quando perde a bola, como é importante rapidamente iniciar a construção quando a bola é conquistada. O mesmo treinador evidencia a importância de intercedermos nos jogadores de três formas: no treino, nas correcções e *feedbacks* verbais e com auxílio audiovisual e justifica que *“muitas vezes com o que percorre, o jogador não consegue ver concretamente a fazer. Se depois conseguirmos ver por imagens e se com uma boa explicação intercedermos com ele, conseguirmos uma conclusão melhor do nosso trabalho.”*

Uma das razões lançadas por alguns treinadores para o facto de muitas situações de perigo e golos acontecerem nos momentos de transição é o facto das equipas não estarem equilibradas quando estavam em organização ofensiva e não terem comportamentos para que a transição fosse feita rapidamente para que pudesse reequilibrar a equipa.

Parece então importante destacar Vásquez (2003) que classifica como difícil a tarefa do treinador fazer entender aos seus jogadores que têm de transitar rapidamente de mentalidade e comportamentos de uns momentos para outros, isto é, as suas tarefas, independentemente das posições que ocupam na equipa, não se esgotam num dos momentos de jogo.

4.3.2 (SC3.2) – Equilíbrio defensivo em organização ofensiva

Os cuidados e a atenção referidos relativamente ao momento de perda da posse de bola devem ser contemplados em antecipação, isto é, começam precavendo-se com a manutenção do equilíbrio defensivo a atacar. O mesmo se aplica na manutenção do equilíbrio ofensivo a defender (Lobo, 2009).



Esta é a ideia que dá o mote ao subcapítulo 3.2, no qual se procurou saber se os treinadores contemplam essa possível perda de bola quando ainda a detêm, como o fazem, quais e quantos jogadores consideram necessários para manter a equipa equilibrada e como posicionam esses elementos.

De seguida serão apresentados os conceitos que os treinadores referiram quanto à importância de fazerem equilíbrio defensivo no ataque:

“Eu considero que mesmo em organização jogo ofensivo, temos que perceber que há sempre momentos exactamente para ter liberdade e momentos para se poderem criar esses desequilíbrios, mas nunca descurando as acções defensivas, que isso é fundamental (...) as coisas têm que estar sempre salvaguardadas (...) quando temos a bola não vamos de forma alguma desequilibrar a equipa, porque a qualquer momento acontece uma perda de bola e percebe-se as consequências” (José Mota).

Isso (equilíbrio defensivo no ataque) deve claramente ser pensado em antecipação, e tem que estar definido e os jogadores sabem bem as funções que têm que desempenhar (Ricardo Chéu).

“Pensar manter o equilíbrio defensivo mesmo quando temos a posse de bola é preparar as melhores condições para que se não conseguirmos avançar termos condições para tirar a bola dessa mesma zona, e se a perdermos poder pressionar para a recuperar imediatamente” (Paulo Sérgio).

“Penso naturalmente quando tenho a bola, que caso a perca, como é que estou equilibrado para a poder recuperar o mais longe possível da minha baliza. Tem que haver jogadores que, apesar de fazerem parte do processo ofensivo porque temos a bola são fundamentais no equilíbrio” (Ulisses Moraes).

Estas opiniões encontram diversos pontos de contacto com as posições defendidas pelos autores/treinadores mencionados na revisão bibliográfica.



Por exemplo, Ulisses Morais refere que alguns jogadores, não deixando de ter funções quando a equipa detêm a posse de bola, devem já estar posicionados preparando o momento em que a vão perder. Rui Quinta (2003) havia revelado opinião idêntica ao afirmar que, apesar de querer que todos os jogadores participem no processo ofensivo, nem todos têm as mesmas funções, ou seja, participar no processo ofensivo também é ajustar comportamentos e posições no sentido de manter a equipa equilibrada.

No entanto, mesmo esta preocupação em antecipação, para José Mota não salvaguarda a equipa dos perigos de perder a bola no processo de transição para o ataque. Aí os jogadores ainda estão a subir no terreno e não assumem postos de equilíbrio da equipa e, conseqüentemente, em caso de perda de bola nestas situações o treinador do Leixões S: C. procura *“que o homem mais próximo da zona de perda da bola, seja rápido a reagir para tentar que haja ali, ou uma falta ou um equilíbrio para parar o ataque, para dar tempo para que a equipa se organize.”*

Nestas deliberações dos treinadores realça-se a importância do jogo posicional no garantir do equilíbrio em todos os momentos do jogo. No fundo estes momentos de preparação para as alternâncias de posse de bola constituem-se como garantias de que, quando ela suceder, a equipa irá reagir mais atempada e correctamente. Carvalhal (2003: 1) referia precisamente isso anteriormente: *“o jogo é feito de equilíbrios. Ninguém consegue atacar bem se não tiver a equipa equilibrada para defender (se não contemplar o equilíbrio defensivo no ataque) e ninguém consegue atacar bem se a defender a equipa não estiver preparada para atacar (se não contemplar um equilíbrio ofensivo na defesa).”*

Todos os treinadores entrevistados realçam ainda que os conceitos e as funções a exercer pelos jogadores são ainda mais importantes numa equipa de pendor marcadamente ofensivo confirmando a tese lançada por Mourinho em 2003. Ricardo Chéu, porém, adianta que os riscos que correm as equipas que pressionam alto e colocam muitos jogadores envolvidos no ataque compensam pois colocam ainda mais problemas ao adversário.



Mas como posicionar os jogadores nesses equilíbrios? Em função dos jogadores adversários ou em função do espaço? Na revisão destacou-se a importância de uma ocupação racional do espaço que, no fundo, retira aos jogadores adversários locais por onde incorrer nos contra-ataques ou ataques-rápidos.

Paulo Sérgio tem pensamento comum ao considerar que *“as tarefas a desempenhar devem estar associadas a um espaço, a um tempo e não a uma pessoa, qualquer atleta deve saber reagir consoante o tempo e o espaço em que se encontra.”* O actual treinador do Vitória Sport Clube alerta mesmo que o método defensivo utilizado tem influência na qualidade dos equilíbrios que pretende para a sua equipa e, dessa forma, apenas consegue chegar aos comportamentos pretendidos com uma correcta divisão do espaço pelos seus jogadores.

“A organização está na base do sucesso de uma equipa e se formos capazes de anular espaços para as transições do adversário claramente que estamos a fazê-lo de uma forma correcta” (Ricardo Chéu). O treinador adjunto do Sporting Clube Olhanense evidencia os aspectos organizacionais (entenda-se de posicionamento) e fá-los, tal como destacado na revisão bibliográfica, para fechar espaços aos adversários no momento de perda da posse de bola.

Por outro lado, o mesmo treinador, destaca um ponto deveras importante: esse equilíbrio também irá depender do adversário e o conhecimento que se pudera ter antecipadamente do adversário permitirá ajustar alguns comportamentos e posicionamentos que melhor travarão as saídas rápidas dos adversários. Ulisses Morais concorda por inteiro e explica: *“normalmente o equilíbrio tem a ver com aquilo que também é o desequilíbrio organizativo do adversário. Se o pudermos conhecer antecipadamente podemos contemplar isso de forma mais apurada. A forma como o adversário se equilibra na defesa, se defende com muitas unidades, provavelmente é uma equipa que nos vai criar mais problemas e é uma equipa que nos obriga a meter mais unidades no ataque e menos ficarem em equilíbrio.”*

Passando à questão do número de elementos a realizarem esse equilíbrio defensivo no ataque, Carvalhal (2006), reportando-se aos adversários



que ficavam em posição mais adiantada, não prescinde de ter sempre superioridade numérica. Posição que não colhe grandes divergências junto de todos os treinadores.

Por sua vez, a equipa deve ter um conjunto de comportamentos e variáveis desse mesmo comportamento que possam adaptar-se a diferentes números e posicionamento dos jogadores mais adiantados do adversário quando este se encontra em situação defensiva.

Como ponto de partida Ulisses Morais lança em hipótese o *“meio termo como uma boa base de equilíbrio. Se pudermos não partir a equipa e equilibrá-la sempre com um processo de organização em que entram tantas unidades em ataque, como aquelas que se posicionam para defesa, nós pensamos que mantemos o equilíbrio.”*

Esta mesma divisão (a 50%) entre jogadores que participam activamente no processo ofensivo e aqueles que participam no processo de recolocação e reposicionamento da equipa, tinha sido reclamada anteriormente por Jesualdo Ferreira (2003). Esse mesmo treinador encontra nesta ponderação fundamentada pelas questões de espaço e, principalmente, pelo domínio dos princípios de jogo, o meio para ganhar rapidamente a bola após a sua perda.

Quanto aos jogadores colocados nesse equilíbrio e a sua variação em função da mobilidade da equipa, este irá sempre depender da estrutura da equipa e das dinâmicas que lhe estão inseridas. Contudo as opiniões apresentadas na análise do estado da arte mostram alguns pontos de contacto entre treinadores: a libertação apenas de um dos defesas, em particular o lateral para integrar as acções ofensivas em terreno adiantado; a manutenção da posição do jogador mais recuado do meio campo, nalguns casos de dois jogadores; todos os outros jogadores assumem comportamentos mais «livres» do ponto de vista ofensivo. Nesta problemática a preocupação foi perceber, para além de quais jogadores os treinadores colocam a fazer o equilíbrio defensivo, se deixam margem de manobra para que esse jogadores não sejam sempre os mesmos e se a principal regra é os postos estarem ocupados.



José Mota destaca o jogador de um posto muito particular que é o «trinco» (entenda-se *pivot*) referindo que este jogador “é o *cérebro da equipa*” e nunca deve entrar em mobilidade deixando apenas essa possibilidade em aberto para o caso de uma transição ofensiva que seja conduzida por esse mesmo jogador. Para além disso, na opinião do treinador do Leixões S. C. esse jogador deverá ser dotado de uma série de características individuais que o tornam único: *“mentalidade mais forte, mais responsável, uma leitura de jogo diferente e com duas funções essenciais – servir e compensar.”*

“Normalmente o equilíbrio defensivo é realizado por três defesas (porque à partida um dos laterais é o responsável pela primeira fase de construção) e o trinco, quero preferencialmente que esses homens fiquem” (José Mota).

Ricardo Chéu especifica que na sua equipa *“se um lateral subir o outro não o deve fazer, poderá fazer, mas por regra não. Sabem que, no meio campo, o pivot defensivo é o jogador mais posicional não significa que uma vez ou outra não possa ir, mas isso também depende muito da leitura que o jogador faz da situação e do adversário, da liberdade que tem para o fazer.”*

Estas opiniões, como se pode observar, não contradizem o defendido por treinadores como Guilherme Oliveira, Rui Quinta e Carlos Carvalhal na revisão bibliográfica. No entanto parece correcto afirmar que Ricardo Chéu e Ulisses Morais apresentam posições que deixam uma maior margem de variabilidade dos jogadores que ocupam as posições importantes para salvaguardar o equilíbrio defensivo no ataque.

Jorge Costa estabelece, no Sporting Clube Olhanense, uma ideia de jogo na qual os jogadores podem ter mais comportamentos de ruptura. Isso mesmo fica patente quando Ricardo Chéu afirma categoricamente que o jogador com bola *“tem liberdade para fazer aquilo que quiser dela, dentro daquilo que é a ideia do treinador.”*

No caso de Ulisses Morais, não descuidando o equilíbrio defensivo, este treinador defende que no jogo *“um dos factores de criação de desequilíbrios nos adversários, é a capacidade de criar surpresa através de uma unidade mais defensiva, por isso muitas vezes utilizam-se os laterais.”* O treinador do Futebol Clube Paços de Ferreira deixa ainda em aberto que (embora não o



conseguisse fazer sempre nas equipas que treinou) gostava de *“ter centrais que soubessem fazer a primeira fase de construção e que fossem equilibrados pelo homem que no processo defensivo e na organização defensiva, no meio campo, tem funções de muito maior equilíbrio”*, possibilidade deixada apenas em aberto por Guilherme Oliveira tal como referido na revisão de bibliografia.

O mesmo treinador reportando-se ao sector intermédio, na sua concepção *“não existe «especificidade», um homem só para defender no meio campo, ou dois. Eles são capazes de o fazer, atacar e defender de uma forma, qualquer um deles, sejam 3 ou 4 no meio campo.”* Opinião muito parecida é sustentada por Rui Quinta e Carlos Carvalhal. Daqui podemos concluir que Ulisses Morais, embora estabeleça previamente os jogadores a terem funções de equilíbrio defensivo quando a sua equipa se encontra em organização ofensiva, esses jogadores constituem-se apenas como referências pois a qualquer momento pode surgir uma permuta e passe a ser o jogador de outro posto a ter essas funções. Para este treinador a ocupação dos espaços é que é o essencial e não quem a faz.

4.4.3. (SC3.3) – Padrões comportamentais da transição ataque-defesa

No subcapítulo anterior procurou-se provar que a transição ataque-defesa só pode ser bem sucedida se começar a ser pensada ainda quando a equipa tem a posse de bola. Agora vejamos como os entrevistados pretendem que as suas equipas reajam à perda da posse de bola, quais são os seus princípios e sub-princípios que levam a existência de algumas regularidades no comportamento dos jogadores neste momento de jogo.

Procurou-se discernir junto dos entrevistados como fazem as suas equipas superar os problemas advindos da perda da posse de bola e que variáveis colocam em função do adversário, do local onde perdem a bola ou do momento do jogo.



Nas transições defensivas existem diversas opções de procedimento que as equipas podem adoptar em função de cumprirem os seus objectivos: dificultar a saída da bola do local onde foi recuperada, criando uma zona de pressão colectiva, tendo como intuito a recuperação da posse de bola; acção concertada de pressão dos jogadores mais próximos da bola e recuperação posicional dos jogadores mais recuados e afastados da bola que tem como objectivo atrasar o ataque adversário e permitir uma organização defensiva em terreno mais recuado da sua equipa; rápida recuperação posicional de toda a equipa para o seu meio campo defensivo para se organizar numa pressão em bloco baixo; interrupção da respectiva sequência ofensiva adversária, sem que exista mudança da posse de bola, realizando as chamadas «faltas tácticas» - estas foram as hipóteses lançadas na bibliografia

Discorreu-se ainda, sobre diversos autores como Mourinho (2003) e Garganta (2003) que consideram decisivo para se ser eficaz defensivamente uma boa abordagem ao primeiro tempo defensivo, o momento de perda da posse de bola. Vejamos o que destacam os entrevistados:

José Mota pretende que a sua equipa reaja à perda da posse de bola com *“agressividade e pressão forte sobre o portador da bola, para não o deixar pensar.”* O treinador do Leixões S. C. fundamenta a sua posição dizendo que se a equipa for forte e organizada neste momento, apenas equipas dotadas de jogadores com grande qualidade técnica individual, conseguem fazer tirar a bola da zona de pressão.

“Na minha equipa quero que exactamente onde perder a bola, o homem mais próximo, rapidamente dê indicação da pressão. Costumo dizer que se o lateral esquerdo da equipa adversária recuperou a bola, quem tem responsabilidades é o homem mais próximo, o que, numa estrutura de 4x3x3, à partida será o médio ala direito ser o primeiro a fazer a pressão. Depois toda a equipa tem que organizar, tem que ter a indicação de pressão que é desse mesmo homem, e toda a equipa tem que perceber que é o momento de juntar mais naquela zona e, assim, dificilmente haverá sucesso do jogador adversário para tirar dali aquela bola.” (José Mota)



“Devemos também estar preparados para reagir rapidamente, sabendo recuar, fazendo contenção no portador da bola, no fundo não nos deixarmos eliminar condicionando a manobra ofensiva do adversário até podermos recuperar a posse” (Paulo Sérgio).

“Tentar posicionar e de recuperar a bola o mais longe da nossa baliza. Tentamos fazê-lo de uma pressão alta e imediata, não individual, de forma colectiva, em determinadas zonas: os jogadores sabem os comportamentos que têm que adoptar analisando a equipa adversária e jogando num determinado sistema sabem que tipo de coberturas têm que fazer, sabem o tipo de posicionamentos que têm que adoptar. Isso é previamente estabelecido, porque nada é feito ao acaso. Temos conhecimento da equipa adversária e como vai jogar, salvo raras excepções, uma equipa muda de treinador, muda mentalidade, muda metodologia de treino, sabemos que podemos apanhar alguma imprevisibilidade, mas de forma geral sabemos com o que vamos contar” (Ricardo Chéu).

“Se tivéssemos os jogadores que idealizamos, eu diria que gostaria que, onde perdesse a bola, de procurar recuperá-la o mais rápido possível. Esta é a minha filosofia, se tenho jogadores capazes de o fazer, procuro fazê-lo em qualquer circunstância, a menos que a organização do adversário determine que para mim, é um erro estratégico. Ora se tiver jogadores que após a perda de bola, o seu instinto, a sua reacção primeira seja recuperá-la, se tiver uma equipa preparada para isto, capaz de responder a isto, eu não vou recuar os meus jogadores e pedir-lhes que façam perto da minha baliza, o que podem fazer longe dela” (Ulisses Morais).

O treinador que na presente época já orientou a Naval 1º de Maio e agora segue ao comando do F. C. Paços de Ferreira explica que se deve *“focar um conjunto de determinadas pressões sobre o portador e os homens que poderão estar em condições de receber a bola. Existe sempre quem faça uma cautela defensiva e que provavelmente pode fazer algum arrastamento e*



alguma maior profundidade, em função de alguma situação que possa correr mal, mas por norma, procuro que a grande maioria faça logo uma pressão imediata, não sobre o portador da bola, mas quem possa estar em condições de a receber também.”

Nestas intervenções dos treinadores encontram-se vários pontos de análise.

Começando por José Mota verifica-se que a sua ideia de reacção à perda passa por uma pressão imediata com aproximação do jogador mais próximo do portador da bola e com todos os restante a fecharem linhas em aproximação. Pode-se concluir, então que o objectivado é uma pressão colectiva, mesmo em terreno adiantado, sem que, no entanto, estejam bem definidas as coberturas ao jogador que pressiona o portador e sem dar foco ao espaço circundante.

O treinador da equipa de Matosinhos referiu ainda que esta sua ideia nem sempre pode ser aplicada pois, na sua opinião, a adopção desses comportamentos nem sempre é natural para alguns jogadores. Essa assumpção que, nem todos os jogadores conseguem chegar ao ideal que o treinador objecta e que a existência na equipa de um ou dois elementos que não sejam dotados dessas qualidades pode comprometer toda a eficácia do momento da transição defensiva, é reclamada ainda por Ulisses Morais e também, anteriormente, já havia sido defendida por Mourinho.

José Mota, na sua perspectiva ideal, aponta para uma transição alta. Nesta pressão imediata o objectivo não é de apenas parar o ataque adversário, mas também, se possível, ganhar de imediato a bola. O mesmo treinador concluiu que, com a mentalidade certa, pensa poder-se defender no primeiro terço do adversário como no primeiro terço defensivo.

O treinador da equipa do Vitória Sport Clube, Paulo Sérgio, denota preocupação em que os jogadores que realizam a primeira oposição ao portador da bola não sejam ultrapassados. Este treinador não procura que a sua equipa tenha uma atitude tão agressiva sobre o adversário quando perde a



bola, preocupa-se mais num rápido reposicionamento agrupado da equipa e passagem para o momento defensivo em situação de organização.

Ulisses Morais na sua concepção, à imagem de José Mota, também trabalha para conseguir fazer uma transição com pressão imediata mesmo em terreno adiantado. No entanto, este treinador já completa melhor como pretende que a pressão seja feita, condicionando não só o portador da bola, como os que lhe são mais próximos – pressão ao portador da bola e ao espaço circundante. Por outro lado, a sua pressão pode contemplar o recuo, embora o refira que não seja regra, de alguns jogadores mais recuados, dando alguma profundidade à equipa no sentido de salvaguardar a possível ineficácia da pressão imediata ao portador.

O treinador do F. C. Paços de Ferreira ainda acrescenta uma variável que nenhum outro avançou, a possibilidade de promover algumas alterações na transição defensiva por questões estratégicas. Compreende-se certamente que, se se defrontar um adversário que defenda muito bem em terreno recuado mas que denote imensos problemas quando a defesa tem espaço nas costas, que a equipa adversária pretenda criar situações para que isso sobressaia. Nesse caso, ter uma transição defensiva que procure realizar pressão sobre a área adversária e recuperar a bola ainda em terreno adiantado pode não ser benéfica aos propósitos da equipa. Este conceito encontra proximidade em Frade (2006) que afirma existirem zonas e momentos mais importantes do que outros para se tentar conquistar a posse de bola, em função da forma como a equipa quer, em seguida, atacar. E se existem zonas e momentos preferenciais para recuperar a bola também existem locais proibidos para a perder. Vítor Pontes (2006) argumenta que existem determinados locais onde é muito importante não perder a bola pois a capacidade de resposta na transição defensiva seria menos eficaz.

O S. C. Olhanense, como descreve o seu treinador adjunto Ricardo Chéu, tem um conceito muito unitário da pressão que se segue ao momento de perda da posse de bola. A transição que se pretende que seja sempre alta, com uma pressão imediata e com coberturas bem definidas em função da



estrutura do adversário, é realizada por todos elementos da equipa, nunca deixando espaços entre sectores.

Aquando da análise do estado da arte alguns autores lançaram conceitos que na sua ideia seriam indispensáveis para que a transição ataque-defesa fosse eficaz. Garganta (2003) destaca a importância da acção de pressão ser sempre colectiva, o que não deve acontecer é saídas em pressão individuais ou por ondas – quanto a este ponto todos os treinadores mostraram essa intenção, sendo que Ulisses Morais deixou em aberto a possibilidade de fazer também uma pressão no sentido de apenas atrasar o adversário e, em simultâneo, existir o recuo de alguns jogadores, aspecto (encurtamento do espaço em largura e não em profundidade) que Guilherme Oliveira (2006) classifica como um dos erros mais frequentes na transição defensiva; Garganta (2003) considera que, neste momento, a equipa terá sempre que evidenciar um fecho de linhas com acções de contenção e coberturas sobre o portador da bola – também aqui os nossos entrevistados mostraram opiniões convergentes embora uns fossem mais objectivos que outros; e por fim, também Garganta (2003) reprovava os comportamentos de alguns jogadores de procura e marcação ao homem (estando os seus adversários mais directos longe da bola) quando a sua equipa perde a bola – aqui todos os entrevistados concordaram que se trata de um comportamento errático e não o pretendem na sua equipa.

Um ponto em comum a todos os treinadores é buscarem uma rápida reacção e para isso, tal como advoga Mourinho cit. por Amieiro *et al.* (2006), é necessário que os jogadores estejam identificados com os procedimentos colectivos a tomar nesse momento. Os treinadores também tiveram opiniões idênticas às por nós referenciadas na revisão bibliográfica no que se refere ao fecho das linhas após a perda da posse de bola, acção que Garganta (1997) considera decisiva para atrasar a transição ofensiva da equipa adversária, e permitir à equipa ocupar as posições defensivas como pretende.

Outro aspecto destacado na revisão bibliográfica e que foi também questionada os treinadores foi a questão da mudança de atitude. Dentro deste domínio, a opinião dos entrevistados é unânime que se trata de um aspecto de



extrema importância na eficácia destes momentos. Paulo Sérgio é mais radical e afirma mesmo que *“se não houver esse click deixa de fazer sentido falar em transição.”*

Ricardo Chéu classifica a mudança de atitude como o primeiro aspecto a inculcar nos jogadores. José Mota defende até que a sua equipa tenha com bola uma atitude mais «passiva», mas quando a perde quer que os seus jogadores sejam *“muito mais activos, a equipa tem que reagir em dois, três segundos no máximo.”*

Ulisses Morais destaca que se a atitude demonstrada nestes momentos não for adequada será muito difícil procurar recuperar de imediato a bola. O mesmo treinador, como Paulo Sérgio, demonstra que isso pode ser impeditivo de se efectuar a transição desejada ao declarar que caso se proporcione aos jogadores hipóteses de melhorias no tempo de reacção através do exercício e, a evolução não seja significativa, a equipa terá que pensar em organizar-se e só depois parar o jogo do adversário.

Quanto ao posicionamento a adoptar no momento que se seguem a perda da posse de bola todos os treinadores evidenciaram a importância de manter um equilíbrio racional dos espaços através de uma defesa zonal. José Mota acredita que as equipas que souberem melhor ocupar o espaço defensivo têm tendência a superiorizar-se nos momentos de transição. Apenas Ulisses Morais deixou em aberto a possibilidade de por momentos existir alguma fixação no homem, mas nunca determinando uma defesa individual ou homem-a-homem. Esta opinião vem de encontro à defendida por Garganta (2003) que diz mesmo que não encontra no jogo muitos momentos onde a fixação no adversário seja tão importante como no momento de perda da posse de bola. É evidente que este conceito está restrito ao jogador adversário portador da bola e aos seus colegas mais próximos.

Reportando às variáveis que os treinadores colocam aos comportamentos a realizar nos momentos que se seguem à perda da posse de bola analisamo-las em função do adversário, em função do local onde se sucedeu a perda e em função do período do jogo.



Ricardo Chéu é imediato a afirmar que as variações nos comportamentos (relativos à transição defensiva ou a qualquer outro momento do jogo) nunca acontecem em função dos adversários. O que os jogadores podem alterar são alguns pormenores que terão sobretudo a ver com a estrutura da equipa adversária, no sentido de lhes cortar linhas de passe no seu sistema de apoios preferencial e nunca em função do valor do adversário.

Ulisses Morais e José Mota têm opinião divergente. Ambos atribuem importância ao valor do adversário e variam os comportamentos da sua equipa em função disso. José Mota diz-nos que defrontando *“adversários com mais capacidade muitas vezes as nossas linhas são umas linhas mais recuadas”* e portanto a reacção no momento da perda da bola não pressupõe uma pressão imediata em terreno adiantado como anteriormente mostrou idealizar. O treinador advoga inequivocamente *“que não podemos jogar da mesma forma com o F. C. Porto e com o União de Leiria ou com o Paços de Ferreira”* pois caso seguisse o que considera ideal nas transições defensivas os desequilíbrios que as equipas com mais qualidade podiam-lhes colocar eram imensos.

O treinador do F. C. Paços de Ferreira, Ulisses Morais, fala-nos que, quanto ao adversário, o que mais o pode fazer alterar os padrões de comportamento na transição ataque-defesa é a capacidade que têm para sair da pressão.

Acrescido a estas condicionantes, Ulisses Morais acrescenta duas: o factor casa e a equipa de arbitragem. O mesmo treinador adopta, portanto uma postura mais resguardada (também na transição defensiva) no reduto do adversário do que quando a sua equipa joga em casa.

Quanto ao período do jogo os treinadores não diferenciam acções para os seus jogadores que não sejam uma acção de maior busca quando se encontram em desvantagem no marcador e de maior expectativa quando se encontram a vencer. José Mota apenas referencia que na sua equipa, como nas outras que observa, o jogo nos minutos finais de um encontro pode-se tornar partido pela ineficácia das transições defensivas advindo do desgaste físico e mental que os jogadores já foram alvo.



Para, terminar no que se refere ao local em que se sucedeu a perda da posse de bola, os treinadores avançam com ideias distintas.

Paulo Sérgio valoriza essencialmente o espaço que os adversários preferem jogar em primeira instância aos recuperar a bola para definir como o pretendem anular.

O S. C. Olhanense, como Ricardo Chéu descreve, não diferencia e os jogadores preocupam-se essencialmente em fechar as linhas em largura e profundidade podendo depois, em função do local (corredores laterais ou corredor central) e da estrutura de jogo do adversário, existir uma ou duas coberturas ao portador da bola.

Por fim, Ulisses Morais procura que a sua equipa encaminhe logo o adversário para os corredores laterais independentemente de ter sido aí que perdeu a bola ou não pois entende que nos corredores laterais é onde pode ser mais eficaz e recuperar a bola. Opinião semelhante à defendida por Miguel Leal aquando da descrição do panorama de concepções conhecido na revisão bibliográfica.

4.3.4 (SC3.4) – Relação com a organização defensiva

Neste subcapítulo o objectivo foi, essencialmente, perceber como os treinadores organizam a sua equipa defensivamente e se os comportamentos que pretendem para a equipa em organização defensiva mantêm interligação e coerência com os que lhe antecedem na transição ataque-defesa.

Luís Freitas Lobo (2009) considera que, adoptando uma defesa ao homem, a eficácia dos momentos de transição estará comprometida uma vez que o posicionamento dos jogadores não será o ideal, será sempre condicionado pelo adversário. Nesse registo, a transição ataque-defesa para os jogadores que perderam a posse de bola consistirá na procura dos adversários que lhes cabe marcar e isso facilita a progressão e a organização da equipa



adversária e descura o fecho de espaços importantes e mesmo a recuperação da bola, caso esta não esteja na posse do jogador pelo qual estão responsáveis de marcar. A partir desta ideia procuramos perceber como os treinadores organizam a sua equipa em termos defensivos.

José Mota é avesso à marcação individual ou homem-a-homem, apenas a realizando a alguns jogadores em bolas paradas defensivas onde adopta uma defesa mista. O treinador do Leixões S. C. afirma até que, actualmente, vê pouca gente defender ao homem e pensa ser algo que não se justifica.

Paulo Sérgio tem uma opinião que aponta no mesmo sentido, isto é, procura uma defesa zonal. O treinador do Vitória Sport Clube considera que a defesa ao homem é a que menor equilíbrio concede à equipa. Isto para além do facto do posicionamento da equipa, na defesa ao homem, estar sempre sujeito àquele que os adversários adoptarem. Opinião que encontra fundamento em Mourinho cit. por Amieiro (2005).

Ricardo Chéu concorda por inteiro com Paulo Sérgio e denuncia mesmo que quem pretende defender ao homem *“não pode ter a ideia que temos que é, termos a nossa própria identidade. Essas equipas estão subjugadas à identidade do adversário e isso não pode acontecer, ou pelo menos na nossa ideia de jogo isso não acontece.”* Quanto a este aspecto Amieiro *et al.* (2006) são muito claros e afirmam que apenas jogando à zona no momento defensivo se pode ambicionar que o equilíbrio defensivo no ataque subsista nas transições ataque-defesa.

Ulisses Morais aponta num sentido um pouco diferente: *“Na minha ideia, entendo que se tivermos uma boa ocupação de espaço e se conseguirmos reduzir o espaço independentemente dos movimentos do adversário provavelmente vamos encontrar o adversário com deficitárias condições de entrada de bola. Mas há momentos e há zonas em que naturalmente se transformam num misto de zona/homem e eu entendo que é elas se*



completam muito melhor do que funcionando só de uma forma. Por isso entendo que há zonas do terreno e há momentos no jogo em que é determinante o homem, mas é fundamental podermos reagir de uma forma colectiva com esse misto de, em determinados espaços, haver um espaço misto zona/homem, do que só haver zona em todo o espaço do campo e só homem também, eu entendo que ela tem que ser mista.”

Nestas interpelações podemos constatar que os treinadores privilegiam uma defesa zonal o que vai de acordo com o que pretendiam que a equipa executasse no momento da transição ataque-defesa.

Todos adiantaram que a ligação de princípios existe mas apenas Ricardo Chéu avançou com um exemplo ao afirmar que a sua equipa aspira a realizar uma transição com pressão imediata e, depois, também gosta de defender em bloco alto. O mesmo treinador advoga que seria um contracenso se, na transição a preocupação fosse recuperar posições recuadas e em organização defensiva quisessem pressionar alto.

4.3.5 (SC3.5) – Treino das transições

Este trabalho não estaria completo sem que se realizasse um transfer importante para a operacionalização das preocupações que teoricamente foram reveladas pelos treinadores.

O treino será sempre um meio que tem como ponto fundamental o processo de transmissão, ensino/aprendizagem e assimilação de conhecimento e informação. Como diz Garganta (2004), trata-se do factor mais influente do rendimento no futebol.

Então, neste subcapítulo tivemos como propósitos fundamentais perceber como as acções pretendidas para as transições são solicitadas nos treinos, se existe um dia no microciclo padrão em que o treino dos aspectos relacionados com as transições seja mais focado ou se este percorre toda a



semana, se o treino é realizado em interligação com outros momentos de jogo ou se se procura uma vertente mais analítica e, por fim, se o treino da transição defensiva é visto com igual grau de dificuldade comparado com o treino da transição ofensiva.

Na revisão bibliográfica apontamos no sentido de seguir um treino marcado pela especificidade do Modelo de Jogo implementado na equipa e, em que o treinador procurará estruturar, organizar, realizar e controlar o treino de acordo com os comportamentos que pretende incutir para os seus jogadores para cada um dos momentos de jogo.

Confrontados com a hipótese que o treino das transições é menos valorizado, pela generalidade dos treinadores, nos exercícios que se criam para a equipa os treinadores tiveram opiniões distintas: Ricardo Chéu e Paulo Sérgio, reportando-se ao panorama global que conhecem e não às próprias equipas, concordam que se tratam de momentos que são menos treinados do que a organização defensiva e ofensiva. Paulo Sérgio ressalva, no entanto, que os problemas que as equipas denotam aquando das mudanças da posse de bola, mesmo quando treinados, não vão deixar de existir – as transições serão sempre um momento crítico. O treinador adjunto do S. C. Olhanense, Ricardo Chéu, julga que os aspectos relativos as transições são desvalorizados em virtude dos exercícios não serem pensados em função das características da equipa e dos jogadores que se dispõe.

José Mota discorda ao considerar que, normalmente, atribui-se importância semelhante ao treino dos comportamentos requisitados nas transições se comparados com os momentos de organização defensiva e ofensiva, mesmo que seja através do treino de conjunto do qual é grande defensor.

Ainda no que se refere ao treino José Mota discorre que, na sua concepção para se treinar bem não chega ter os exercícios bem pensados e estruturados se depois a intervenção do treinador não for exigente e adequada. O treinador do Leixões S. C. valoriza a dinâmica e a exigência máxima perante os jogadores, e advoga que sem isso é impossível ter grande qualidade no treino, independentemente de que forma depois se organize e execute o treino.



O treinador do F. C. Paços de Ferreira, Ulisses Morais, prefere falar apenas de si e, tal como todos os outros entrevistados, diz atribuir igual importância ao treino de qualquer momento de jogo e explica: *“esse é um dos factores, de vários que é preciso trazer à equipa, e dotá-la para que se instale uma determinada filosofia, uma ideia de jogo, e naturalmente tem que ser treinado.”* O mesmo treinador julga ser indispensável ou jogadores serem determinados e rápidos nos momentos de alternância de posse de bola. Ulisses Morais, especificamente, no que se refere à transição ataque-defesa explica que *“se descurmarmos o seu treino provavelmente teremos a equipa mal preparada para poder reagir rápido á perda e ao ganho da posse de bola e as transições serem deficitárias. Muitas vezes acontece que, ataca-se mal na área do adversário e acaba-se por ter uma transição deficitária para defesa, e o adversário correr quase 100 metros e nós não termos capacidade de o anular. E por isso também entendo que é fundamental o treino destes aspectos.”*

Paulo Sérgio é mais prático e destaca que as transições são um momento importante na competição e treina-os, de igual forma a todos os aspectos que considera verificarem-se importantes em jogo.

O treinador da equipa de Matosinhos, José Mota, concorda que tudo o que aparece no jogo deve ser treinado pois muitas vezes os jogadores têm hábitos enraizados em virtude de estarem expostos a ideias distintas de outros treinadores. Então, caso o treino não seja realizado, é impossível os jogadores aprenderem uma nova ideia de jogo colectivo e a equipa vai sofrer com isso. Só através do treino se consegue caminhar para as melhorias necessárias.

Quanto ao foco do treino dos comportamentos ambicionados para as transições no microciclo normal (Domingo – Domingo) também recolhemos opiniões bem diversas.

Paulo Sérgio e Ulisses Morais são os únicos que têm opiniões idênticas ao assumir que dão mais importância ao treino das transições no treino de organização táctica com incidência na velocidade, a sexta-feira. Ulisses Morais é mais específico ao apontar *“48 horas, 50 horas, 60 horas antes do jogo no máximo. Como sabes podemos jogar Domingo às 16 ou Domingo à noite. Estamos a falar de algumas horas, que tem a ver depois com o número de*



repetições que utilizamos, mas é nessa unidade de treino que faço naturalmente as transições.”

José Mota, embora indique a quarta-feira como dia em que aborda os aspectos relativos às transições de uma forma mais precisa, também não deixa de mencionar que estes percorrem quase toda a semana, apenas não com a incidência que lhes dá à quarta-feira. Pensamento que Carvalhal (2006) também subscreve.

Por fim, Ricardo Chéu, embora ressalve a possibilidade de algumas alterações, classifica a quinta-feira como o dia em que mais privilegia o treino das transições.

Guilherme Oliveira (2006), como tínhamos visto na revisão bibliográfica, opta por uma metodologia que açambarca as opiniões de todos os entrevistados ao revelar que o treino das transições (bem como o de qualquer outro momento) percorre todo o microciclo, fazendo apenas distinção ao nível dos princípios a que trabalha. O actual adjunto de Carlos Queiroz na selecção nacional revela que um dia trabalha mais grandes princípios, noutro mais sub-princípios, trabalho por sectores mais num dia, trabalho colectivo mais noutro, tudo de encontro aos padrões de acção pretendidos para a equipa, mas as transições, como qualquer outro momento são treinados todos os dias, embora não com a mesma densidade de dia para dia.

Destas opiniões podemos tirar algumas suposições: os treinadores que valorizam o treino de transições à quarta-feira preocupam-se sobretudo com a grande intensidade de acções, ou seja, devem focar especialmente os momentos de mudança da posse de bola; os treinadores que as treinam à quinta-feira denotam uma maior preocupação com os grandes princípios destes momentos em relação próxima com os momentos de organização que lhes são antecedentes e subsequentes; e os treinadores que preferem treiná-las à sexta-feira apontam para uma lógica de maior insistência na velocidade, num grande espaço percorrido num curto espaço de tempo, tanto no sentido do ataque como no da defesa.

De seguida, foi nossa intenção saber se o treino das transições, para estes treinadores, estava interligado com os momentos de organização (por



exemplo colocando uma equipa em posse de bola e depois proporcionando-lhe uma transição ataque-defesa), se treinavam os comportamentos desejados para as transições de uma forma separada ou se contemplavam as duas formas.

José Mota afirma preferir realizar de uma forma interligada a partir de situações de posse de bola *“feita, por exemplo, a três equipas, uma equipa perde a bola e vai para o meio e é obrigada a reagir, e a reagir rápido, tem dois, três segundos para reagir”* e também em situações de organização.

Perspectiva idêntica tem Paulo Sérgio.

Também Ricardo Chéu explica que no S. C. Olhanense fazem interligado precisamente colocando as equipas anteriormente, em organização ofensiva para preparar uma transição ataque-defesa e em organização ofensiva para preparar a transição defesa-ataque. O mesmo treinador diz-nos que a mudança de atitude que preconizam para os momentos de alternância da posse de bola exige que se adopte esta postura mais integrada. Conceção que Guilherme Oliveira (2006) também se mostra apologista.

Apenas Ulisses Morais considera importante trabalhar as duas vertentes: primeiro de uma forma mais analítica e de seguida integrada. O treinador do F. C. Paços de Ferreira justifica-o com a utilização de oposição nos exercícios nos quais prefere ter uma primeira abordagem mais descontextualizada e sem colocar tantos problemas aos jogadores e só depois inclui essa variável até chegar à situação de organização.

Quanto à hipótese da acrescida dificuldade que pode ser o treino da transição defensiva, comparativamente com a transição defensiva os treinadores confirmaram-na.

Ricardo Chéu diz-nos que *“se calhar é mais difícil trabalhar a transição ataque-defesa porque não é inato aos jogadores, é mais «desconfortável» correr atrás dela do que ter a posse de bola.”*

Paulo Sérgio concorda e pensa mesmo que *“na transição defensiva temos que estar super concentrados para estimularmos esse comportamento até que se torne uma boa rotina.”* No entanto, também não julga fácil o treino



da transição ofensiva dado que muitos jogadores revelam problemas em tomar decisões correctas neste momento.

José Mota concorda que fazer os jogadores *“correr sem bola é sempre mais difícil do que correr com bola.”* O treinador do Leixões S. C. pensa que o *“jogador normalmente impõe mais velocidade ao jogo, quando tem a bola, porque é capaz e está motivado.”* Por outro lado, o mesmo treinador defende que *“este também é um dos aspectos para os quais temos que os sensibilizar e que exercer sobre eles uma grande força no treino. Isto porque uma equipa quando está preparada, quando está motivada para recuperar a bola, também consegue ter uma grande dinâmica, rapidamente pressiona o adversário e conquista a posse de bola.”*

Estas opiniões encontram-se na mesma linha de pensamento das expressadas por Carvalho (2006), que reclama que nas transições ofensivas apenas é necessário indicar os caminhos aos jogadores ao passo que, na transição ataque-defesa a capacidade de reacção dos jogadores é muito menor e necessita ser estimulada.

Ulisses Morais tem uma visão idêntica: *“Que isso é verdade, é, mas cabe-nos a nós trazer acções e exercícios que naturalmente sejam apelativos para eles se poderem motivar e valorizar os momentos em que não têm a bola. Habitualmente só se tem tendência a aplaudir um golo, mas não se aplaude, uma boa transição na recuperação rápida e eficaz o mais longe possível da baliza. Cabe-nos a nós dar tanta importância a uma como a outra e faze-los perceber que aquele factor foi tão determinante que evitou provavelmente que o adversário pudesse ter feito o golo na nossa baliza.”*

Finalmente, no que concerne à insistência do treino do momento de perda da posse de bola, Ricardo Chéu não tem dúvidas ao considera que tem de ser um momento treinado incessantemente devido à mentalidade existente nalguns jogadores, para os quais só se joga com a bola no pé. Esta opinião encontra suporte em Carvalho (2006) que, pelo facto de requisitar dos seus jogadores uma violenta mudança de atitude, considera que os momentos de mudança da posse de bola, constituem-se como momentos que requerem muito trabalho, em particular a mudança de atitude ofensiva para defensiva.





CONCLUSÕES







5 – Conclusões

Na presente dissertação, propusemo-nos estudar a importância que os treinadores da Primeira Liga Portuguesa (Liga Sagres) atribuem à definição e ao treino de padrões de comportamento da transição ataque-defesa dentro do Modelo de Jogo que preconizam para a sua equipa

Depois de cruzarmos a informação recolhida nas entrevistas realizadas aos treinadores com a informação decorrente da revisão de literatura chegou-se às seguintes conclusões:

Os factores de rendimento do Futebol (físico, tático, técnico e psicológico) têm todos grande importância no rendimento. Os treinadores Paulo Sérgio, Ulisses Morais e José Mota preferem não hierarquizar dominâncias em nenhum deles, ao passo que Ricardo Chéu atribui à dimensão tática uma valorização superior;

Por regra, para os treinadores entrevistados, o treino deve contemplar os factores de rendimento de uma forma integrada, no entanto, existem algumas excepções em função das necessidades da equipa;

O Modelo de Jogo assume-se como o aspecto central que baliza o processo de Treino;

As transições fazem parte da concepção e são objecto de preocupação na definição, construção, aplicação e avaliação do Modelo de Jogo criado pelo treinador para a sua equipa;

Não existe uma forma única e distintamente melhor de construção de um «jogar»;



Para a implementação de um Modelo de Jogo nas equipas a concepção do treinador é o aspecto mais importante mas não é o único – outros aspectos como as características dos jogadores e a cultura do clube devem também ser considerados;

O Modelo de Jogo é a identidade da equipa e não deve ser mudado em função dos adversários. Apenas alguns detalhes estratégicos devem ser alterados a este nível;

Os treinadores entrevistados assumem que as transições têm uma relevância inequívoca no jogo;

Uma equipa com princípios bem definidos e treinados, em organização defensiva, dificilmente abre espaços para o adversário criar situações de golo. Nesse sentido as transições assumem-se como momentos de extrema importância para a obtenção de golos devido à maior desorganização que as equipas revelam após a perda da posse de bola;

A transição defensiva deve ser pensada e preparada em antecipação, quando a equipa se encontra em organização ofensiva, com o assegurar do equilíbrio defensivo no ataque;

Apesar das diferentes concepções e estruturas de jogo utilizadas pelos treinadores, regra geral, eles definem uma subestrutura fixa para o equilíbrio defensivo no ataque composta pelos defesas centrais, pelo médio de características mais defensivas e pelo defesa lateral do lado oposto ao da bola;

A defesa individual ou ao homem não serve os propósitos do equilíbrio defensivo já que os jogadores não se encontram posicionados em função das ideias defendidas no seu Modelo de Jogo, mas sim em função dos adversários directos;



O facto de uma elevada percentagem de golos acontecer na sequência de transições, embora estas se constituam sempre como momentos críticos no equilíbrio das equipas, denota uma menor qualidade na transição ataque-defesa das equipas após a perda da posse de bola;

Uma equipa com uma filosofia de jogo muito ofensiva e que coloca muitos jogadores em terreno adiantado aquando dos ataques deve ser uma equipa muito forte na transição ataque-defesa, sob pena, caso não o sejam, de ter muitos problemas defensivos;

A transição defensiva para ser eficaz deverá ser uma acção concertada de toda a equipa, com pressão ao portador da bola e espaço circundante (com coberturas) e aproximação dos jogadores mais distantes da bola;

A pressão individual ou por grupos, após a perda da posse de bola, é ineficaz e leva a que esses jogadores sejam ultrapassados sem dificuldades;

Os padrões de comportamento na transição ataque-defesa estão dependentes do local onde foi perdida a bola, do adversário que se defronta e do período do jogo a que acontecem;

A mudança de atitude é um aspecto determinante na transição defensiva. Se não se verificar esse *click* mental nos jogadores a transição está perdida;

A defesa zonal constitui-se como o único método defensivo que permite a equipa manter a sua identidade e não se subjugar ao adversário;

Os princípios e sub-princípios dos momentos de transição são, para os entrevistados, objecto de ensino nos respectivos processos de treino;



Os comportamentos pretendidos para as transições defensivas devem estar relacionados com os princípios da organização defensiva;

O treino de transições deverá percorrer todo o microciclo padrão de uma equipa sendo, no entanto, abordado de diferentes formas em cada um dos dias;

O treino das transições integrado com os momentos de organização, embora existindo opiniões distintas, constituiu-se como o meio preferencial para o treino das transições;

A mudança de atitude ofensiva para defensiva é mais difícil de ser inculcada nos jogadores e, conseqüentemente, para ultrapassar esses entraves, o momento de perda da posse de bola carece de muito treino.

Então, com este estudo pode-se concluir, que tem sido atribuída uma importância crescente às transições pelos treinadores, que lhes atribuem princípios bem definidos no seu Modelo de Jogo.

Constata-se ainda que, o momento de perda de posse de bola, e conseqüente transição defensiva devem estar sempre presentes desde que a equipa conquista a posse de bola. Os problemas colocados à equipa após a perda da posse de bola, e as variáveis comportamentais requisitadas aos jogadores, carecem de muito treino.



SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS







6 – Sugestões para futuros estudos

Este capítulo reveste-se de grande importância uma vez que, na realização deste trabalho, o conhecimento adquirido e explorado deixa algumas pontas soltas.

Pelo carácter específico que deve reservar um trabalho desta natureza, apesar de nos surgirem algumas dúvidas que parecem relevantes, não podemos discorrer sobre elas. Assim, deixa-se aqui algumas sugestões futuros estudos:

- Comparar equipas de diferentes níveis competitivos relativamente aos padrões de jogo da transição ataque-defesa;
- Perceber de que forma são contempladas no treino as variáveis, local de perda da bola, qualidade do adversário e resultado momentâneo do jogo para a realização diferenciada da transição ataque-defesa
- Realizar um estudo de caso numa equipa de topo do futebol nacional, percebendo como se inserem os objectivos comportamentais referentes às transições nos exercícios;
- Explorar se, o facto das transições serem aproveitadas para colocar grandes problemas aos adversários, surge em virtude duma vivenciação menos exposta ao treino destes momentos do jogo pelos jogadores no seu processo de formação.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS







7 – Referências Bibliográficas

Amieiro, N. (2005). *Defesa à Zona no Futebol. Um pretexto para reflectir sobre o «jogar»... bem, ganhando!*: Edição de Autor.

Amieiro, N., Barreto, R., Oliveira, B., & Resende, N. (2006). *Mourinho - Porquê tantas vitórias?* (1ª ed.). Lisboa. Gradiva.

Araújo, A. (1998). *Congruência entre o modelo de jogo do treinador e o futebol praticado pela equipa: o contra-ataque. Um estudo de caso em Futebol de alto rendimento*. Dissertação de Mestrado (não publicada). FCDEF-UP.

Araújo, M.; Garganta, J. (2002). Do modelo de jogo do treinador ao jogo praticado pela equipa. Um estudo sobre o contra-ataque, em futebol de alto rendimento. In M. Janeira; E. Brandão (Eds), *Estudos 3* (pp. 183-189). CEJD, FCDEF-UP.

Bardin, L. (2004). *Análise do Conteúdo* (3,ª ed.). Lisboa: Edições 70.

Barend, F., & Dorp, H. V. (1997). *AJAX, BARCELONA, CRUYFF the ABC of an Obstinate Maestro*. London: Bloomsbury Publishing.

Barreira, D. (2006). *Transição defesa-ataque em Futebol. Análise Sequencial de padrões de jogo relativos ao Campeonato Português 2004/2005*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Barreto, R. (2003). *O problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior no futebol: o «pressing» e a «posse de bola» expressões duma «descoberta guiada» suportada numa lógica metodológica em que «o todo está na(s) parte(s) que está(ão) no todo»*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.



Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bonizzoni, L. (1988). *Pressing' Story*. Roma. Società Stampa Sportiva.

Carvalho, C. (2002): *No treino de futebol de rendimento superior a recuperação é ... muitíssimo mais que «recuperar»*. 2.^a Edição. Braga. Liminho Indústrias Gráficas.

Carvalho, C. (2003). Entrevista. In Amieiro, N. (2003). *«Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Carvalho, C. (2003a). Entrevista. In Tavares, J. (2003). *Uma noção fundamental: a ESPECIFICIDADE. O como investigar a ordem das “coisas” do jogar, uma espécie de invariâncias de tipo fractal*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Carvalho, C. (2006). Entrevista. In Almeida, F. (2006). *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Castelo, J. (1994). *Futebol. Modelo técnico-tático do jogo*. Lisboa: FMH.

Castelo, J. (1996). *Futebol. A Organização do Jogo*. Lisboa: Edição do autor.

Castelo, J. (1998). *Metodologia do treino desportivo (2^a Edição)*. Lisboa: FMH Edições.

Castelo, J. (1999). A lógica interna do jogo de futebol. *Ludens*, 1 (16), 21 – 32.



Castelo, J. (2002). O exercício de treino. O acto médico versus o acto do treinador. *Ludens*, 1 (17), 35 – 54.

Couto, G. (2006). *As Transições: criatividade momentânea vs «padronização» comportamental. Registo de uma funcionalidade termodinâmica longe do equilíbrio... A criatividade como acontecimento causal!!!*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Cruyff, J. (2002). *Me gusta el fútbol*. Barcelona: RBA Libros S.A.

Cunha, F. & Antunes, R. (2009). Modelo de gestão: FOCUSBOL, in Revista Futebolista. Nº 42 (pp 44 – 46). Lisboa.

Cunha e Silva, P. (1995). *O lugar do corpo. Elementos para uma cartografia fractal*. Tese de doutoramento. Porto. FCDEF – UP.

Cunha e Silva, P. (2008). Entrevista. In Maciel, J. (2008). *A(In)(Corpo)r(Acção) Precoce dum jogar de Qualidade como Necessidade (ECO)ANTROPOSOCIALTOTAL - Futebol um Fenómeno AntropoSocialTotal, que «primeiro se estranha e depois se entranha» e ... logo, logo, ganha-se!* Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Faria, R. (1999). *“Periodização Tática.” Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Faria, R. (2003). Entrevista. In Leandro, T. (2003): In *Modelo de Clube: Da Concepção à operacionalização. Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Ferreira, J. (2003). Entrevista. In Amieiro, N. (2003) *«Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face*



à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Ferreira, J. (2005). Prefácio In. Amieiro, N. (2005), *Defesa à Zona no Futebol. Um pretexto para reflectir sobre o «jogar»... bem, ganhando!* : Edição de Autor.

Ferreirinha, F. (2008). *Transições – Momentos de desorganização organizada... ou não!*, In Revista Futebolista. Nº 38 (pp. 45 – 46). Lisboa.

Frade, V. (1985). *Alta Competição – Que exigências do tipo metodológico?* - Comunicação apresentada ao Curso de Actualização – Futebol. Porto: ISEF - UP.

Frade, V. (2006). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada I, Opção de Futebol*. Porto. FCDEF-UP. Não Publicado.

Frade, V. (2007). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada II, Opção de Futebol*. Porto. FCDEF-UP. Não Publicado.

Gaiteiro, B. (2006). *A CIÊNCIA OCULTA DO SUCESSO! - Mourinho aos olhos da ciência*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Garganta, J. (1996). Modelação da Dimensão Tática no Jogo de Futebol. In J. Oliveira; F. Tavares (Eds), *Estratégia e Tática Nos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 63-82). CEJD, FCDEF-UP.

Garganta, J. (1997). *Modelação Tática do Jogo de Futebol – Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de Doutoramento. Porto. FCDEF-UP.



Garganta, J.; Maia, J.; Basto, F. (1997b). Analysis of goal-scoring patterns in European top level soccer teams. In T. Reilly; J. Bangsbo; M. Hughes (Eds.), *Science and Football III* (pp. 246-250). London: E & FN Spon.

Garganta, J.; Pinto, J. (1998). O ensino do futebol. In A. Graça; J. Oliveira (Eds.), *O Ensino dos Jogos Desportivos* (pp. 95-135). CEJD, FCDEF-UP.

Garganta, J. & Gréhaigne, J. (1999). Abordagem Sistémica do Jogo de Futebol: Moda ou Necessidade? *Revista Movimento*, 10, 40-50.

Garganta, J. (2002). Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. *Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital*, Ano 8, 45. (<http://www.efdeportes.com>).

Garganta, J. (2003). Entrevista. In Amieiro, N. (2005) «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Garganta, J. (2004). Atrás do Palco, nas Oficinas do Futebol. In Júlio Garganta, José Oliveira e Maurício Murada (Eds.), *Futebol: de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo* (pp. 228 – 234). Porto: FCDEF-UP.

Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um futebol com pés... e cabeça. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão. A acção táctica no desporto* (pp. 179-190). Lisboa: Visão e Contextos.

Gomes, J. (2003). Entrevista. In Amieiro, N. (2005) «Defesa à Zona» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face



à «*inteireza inquebrantável*» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Leal, F. (1995). Cientismo e credulidade ou a patologia do saber em ciências do desporto. *Revista Movimento*. Ano 2, Nº3.

Leal, M. (2003). Entrevista. In Amieiro, N. (2005) «*Defesa à Zona*» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «*inteireza inquebrantável*» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lobo, L. F. (2009). A bola como uma «granada», in *Jornal a Bola* de 4 de Fevereiro.

Lobo, L. F. (2009). Defender ou atacar? Respirar, in *Jornal a Bola* de 18 de Fevereiro.

Lobo, L. F. (2009). Fadiga física ou mental (táctica)?, in *Jornal a Bola* de 4 de Março.

Lobo, L. F. (2009). Missão: saber perder a bola, in *Jornal a Bola* de 11 de Março.

Mourinho, J. (2003). Entrevista. In Amieiro, N. (2005) «*Defesa à Zona*» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «*inteireza inquebrantável*» que o jogar deve manifestar. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Mahlo, F. (1997). *O acto táctico no jogo*. (2ª Ed.) Lisboa: Compendium.



Morin, E. (1990). *Introduction à la pensée complexe*. Paris. ESF edit.

Oliveira, J. G. (2003). Organização do jogo de uma equipa de Futebol. Aspectos metodológicos na abordagem da sua organização estrutural e funcional. In *II Jornadas Técnicas de Futebol + Futsal*. Vila Real: UTAD.

Oliveira, J. G. (2003a). Entrevista. In Amieiro, N. (2005) «*Defesa à Zona*» no *Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Oliveira, J. G. (2004). *Conhecimento Específico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do Jogo*. Dissertação de Mestrado. Porto: FCDEF-UP.

Oliveira, J. G. (2006). Entrevista. In Almeida, F. (2006). *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Olsen, E. (1988). An analysis of goal scoring strategies in the world championship in Mexico 1986. In T. Reilly; A. Lees; K. Davids; W. Murphy (Eds.), *Science and Football* (pp. 373-376). London: E & FN Spon.

Pinto, C. (1988). Periodização do treino desportivo. *O Treinador*, 21, 39 – 56.

Pinto, J. (1996). A tática no futebol: abordagem conceptual e implicações na formação. In J. Oliveira; F. Tavares (Eds), *Estratégia e Tática Nos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 51-62). CEJD, FCDEF-UP.

Pontes, V. (2006). Entrevista. In Couto, G. (2006). *As Transições: criatividade momentânea Vs «padronização» comportamental. Registo de uma*



funcionalidade termodinâmica longe do equilíbrio... A criatividade como acontecimento causal!!! Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Quinta, R. (2003). Entrevista. In Amieiro, N. (2005) «*Defesa à Zona*» no *Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o jogar deve manifestar*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Queiroz, C. (1986). *Estrutura e Organização dos Exercícios de Treino em Futebol*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.

Queiroz, C. (2003). Entrevista. In Tavares, J. (2003). *Uma noção fundamental: a ESPECIFICIDADE. O como investigar a ordem das “coisas” do jogar, uma espécie de invariâncias de tipo fractal*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Queiroz, C. (2005). Entrevista. In Almeida, F. (2006). *A importância dos momentos de transição (ataque-defesa e defesa-ataque) num determinado entendimento de jogo*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FADEUP.

Reilly, T.; Bangsbo, J. & Hughes, M. (1997). Introduction. In T. Reilly, J. Bangsbo & M. Hughes (Eds.), *Science and Football III*. London: E & F Spon.

Riera, J. (1995). Estrategia, Tática y Técnica Desportivas. *Apunts: Educación Física y Deportes*, 39, 45 – 56.

Rocha, A. (2003). *ESPECIFICIDADE, “um itinerário”! A Génese e o Desenvolvimento de um “Facto científico.”* Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.

Rocha, F. (2000): *Modelo(s) de jogo / modelo(s) de preparação. “Duas faces da mesma moeda”*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.



Santos, B. (1989). *Introdução a uma ciência pós moderna*. Porto. Edições Afrontamento.

Santos, B. (2003). *Um discurso sobre as ciências*. 14ª Edição. Porto. Edições Afrontamento.

Santos, P. (2006). O Planeamento e a Periodização do Treino em Futebol – um estudo realizado em clubes da Superliga. *Dissertação de Mestrado*. Lisboa: FMH-UTL.

Silva, A. (2004). *Padrões de jogo no processo ofensivo em futebol de alto rendimento – Análise dos jogos da segunda fase do Campeonato do Mundo Coreia-Japão 2002*. Dissertação de Mestrado. Centro Olímpico de Estudos Superiores. Madrid. COE-UAM.

Silva, M. (2008). *O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Tática*. Pontevedra: MCSports.

Sousa, P. (2005). *Organização do jogo de Futebol. Proposta de mapeamento de situações táticas a partir da revisão da literatura e do entendimento de peritos*. Dissertação de Mestrado. Porto: FCDEF-UP.

Sousa, P. (2006). Reflectir para evoluir in *Jornal a Bola* de 13 de Novembro.

Tani, G. (2001). Aprendizagem motora e esporte de rendimento: um caso de divórcio sem casamento. In V.J. Barbanti, A. C. Amadio, J. O. Bento & A. T. Marques (Eds), *Esporte e actividade física: interacção entre rendimento e saúde* (pp. 145-162). São Paulo: Manole.



Tavares, F. (1998). O processamento de informação nos jogos desportivos. In *O ensino dos jogos desportivos* (pp. 35-46). A. Graça e J. Oliveira (Eds.). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Porto: FCDEF-UP.

Vala, J. (1986). In *A análise do conteúdo* (pp. 101-128). Silva, A. S., Pinto, J. M. (Eds.). Porto: Edições Metodológicas das Ciências Sociais. Afrontamento.

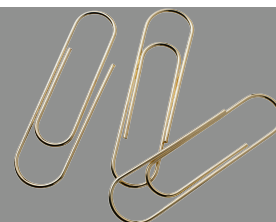
Valdano, J. (1998). *Los Cuadernos de Valdano* (3ª ed.). Madrid: El Pais Aguilar.

Valdano, J. (2001). *Apuntes del balón*. Madrid: Marca.

Vásquez, F. (2003). Entrevista a Jesus Quadrado Pino, in *Nuestra entrevista del mês: entrevista de metodologia y táctica*. Revista Técnica Professional – Training Futbol. Nº 92 (pp. 8 – 15). Valladolid



ANEXOS







Anexos

Anexo 1

Guião das Entrevistas

Factores do Rendimento

- Dentro dos factores de rendimento (físicos, táticos, técnicos e psicológicos), existe algum preponderante na sua metodologia de treino?
- No treino estes factores são contemplados de uma forma integrada ou prefere separar cada componente?

Modelo de Jogo

- O que entende por Modelo de Jogo? No fundo o que é para si jogar bem?
- Teoricamente, divide o jogo por momentos, de forma a simplificar o entendimento do mesmo aos seus jogadores?
- Os princípios comportamentais que pretende para um determinado momento de jogo têm ligação próxima com os princípios dos outros momentos?

Transição Ataque – Defesa

IMPORTÂNCIA DAS TRANSIÇÕES

- Qual a importância que atribui às transições?
- “As situações de risco/golo ocorrem, maioritariamente em situações de transição.” Comente a expressão?

EQUILÍBRIO DEFENSIVO EM ORGANIZAÇÃO OFENSIVA

- Atacar e, em simultâneo, contemplar uma possível perda de bola é para si preparar uma melhor transição defensiva ou não confiar nas acções dos jogadores a nível ofensivo?



- E quantos jogadores são necessários para efectuar esse equilíbrio?
- Os jogadores que fazem o equilíbrio defensivo não variam? Como os posiciona?
- A forma como eles estão organizados nos equilíbrios é importante. A eficácia dos equilíbrios não está dependente da forma como defendem (zona, individual ou homem-a-homem)?

PADRÕES COMPORTAMENTAIS DA TRANSIÇÃO ATAQUE-DEFESA

- O aproveitamento destes momentos para criar situações de finalização por quem recupera a bola implica menor qualidade nas acções de transição defensiva da equipa adversária. Concorda?
- Mourinho refere que “uma equipa com uma filosofia muito ofensiva deve ser ainda mais forte na transição defensiva, caso contrário, pode ter muitos problemas defensivos.” Concorda?
- Qual a relação entre a forma como estamos organizados antes dos momentos de transição e a realização das transições?
- Quais são os comportamentos que pretende quando a sua equipa perde a posse de bola? (Transição Alta, Pressão Imediata ou recuo? Individual, por Grupos ou sectores, Colectiva?)
- A transição é diversa em função da zona de perda da posse de bola, do adversário ou do momento do jogo?
- Um outro aspecto que diversos autores classificam como fundamental é a «mudança de atitude» nestes momentos de alternância da posse de bola. Qual é a sua opinião?

RELAÇÃO COM A ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA

- “Com a defesa ao homem a eficácia das transições está comprometida porque o posicionamento dos jogadores não será o ideal porque estará condicionado pelo adversário.” Comente esta frase.



- Não pensa que, por mais que se preocupe com o equilíbrio defensivo quando ataca, se quando a sua equipa perder a posse de bola for defender homem-a-homem, esse equilíbrio fica comprometido?
- Os comportamentos pretendidos em transição defensiva estão relacionados com a forma como pretende jogar em organização defensiva?

TREINO DAS TRANSIÇÕES

- O treino é um processo de ensino-aprendizagem entre equipa técnica e jogadores. Os comportamentos a tomar nas transições têm particular foco nos seus treinos?
- Um treinador referiu que muitos treinadores treinam organização ofensiva e organização defensiva mas quase não treinam transições, daí a maior desorganização das equipas nestes momentos. Concorda?
- As transições são operacionalizadas em algum dia em especial?
- O treino específico dos comportamentos ligados às transições é interligado com a organização ofensiva ou prefere uma forma mais analítica? Explique.
- Alguns treinadores afirmam ser mais difícil treinar a transição ataque-defesa pelo facto dos jogadores gostarem mais de trabalhar quando têm a bola e por isso a mudança de atitude não é, de uma forma natural, tão rápida como na transição defesa-ataque. Qual é a sua opinião?
- Complementando a questão anterior pensa que o momento de perda da posse de bola se trata de um momento essencial para se defender bem e, como tal, carece de ser treinado insistentemente?





Anexo 2

Entrevista a José Mota

Treinador do Leixões Sport Clube

Loja Desportiva MotaSport, Lordelo, 09/10/2009

Fernando Festa (FF) – Dentro da sua metodologia de treino privilegia algum dos factores de rendimento – físico, táctico, técnico e psicológico – do futebol?

José Mota (JM) – Todos eles são importantes. No futebol não podemos descuidar nenhum destes factores. Naturalmente pode-se perceber que para se estar bem preparado e para se poder executar correctamente os jogadores têm que estar bem fisicamente, para corresponder ao que o treinador pretende o jogador tem que ser taticamente disciplinado e evoluído, os aspectos técnicos são, para mim, fundamentais sobretudo numa equipa que pretenda ter uma boa qualidade de jogo, quanto ao aspecto psicológico podemos dizer que é o mais difícil de ser cuidado porque muitas vezes não sabemos o que vai na mente dos atletas e a forma como vão reagir a algumas adversidades acrescido de alguns problemas que possam ter no seu plano pessoal. No entanto, o mais importante neste domínio é observar que o atleta está com alegria no treino e que trabalha de uma forma positiva.

Concluindo, na minha opinião, todos estes factores têm um peso muito grande para o rendimento dos jogadores.

FF – No treino estes factores são contemplados de uma forma integrada ou prefere separar cada componente?

JM – Por norma tudo está integrado, o treino é pensado com todos estes factores presente e não alterno entre eles nem individualizo. Quando preparamos um jogo a equipa tem que perceber a forma como se quer jogar e isso faz com que eu goste que seja tudo integrado e que as coisas funcionem como um todo. É claro que pontualmente há situações em que sentimos que



algum destes factores pode não estar bem e focar um pouco mais nele mas não faço isso por sistema.

FF – O que entende por Modelo de Jogo? Para si o que é jogar bem?

JM – Esta questão é algo complicada pois muitas vezes nós temos uma ideia relativamente ao nosso Modelo de Jogo e nem sempre a podemos por em prática pois estamos dependentes dos jogadores que temos e das suas características e qualidade. No futebol existe uma «velha máxima» que os jogadores se têm de adaptar ao treinador da qual eu discordo. Eu penso que os treinadores é que têm que se adaptar aos jogadores que tem e partir daí procurar criar um Modelo de Jogo que se identifique com os jogadores que dispomos e com a qualidade deles mesmos. Eu costumo dizer que o modelo que mais se aproxima do óptimo é aquele que pode tirar maior rendimento dos jogadores que temos à disposição e que, em simultâneo, se consiga adaptar à forma de actuar dos adversários. Também tem muito a ver com isso – se é um adversário que é mais forte em termos tácticos e técnicos nós também temos que nos adaptar ao adversário e perceber como podemos jogar contra eles. Isso são tudo factores que fazem com que o próprio modelo seja inserido e alterado algumas vezes. Eu não gosto muito de o alterar, como é óbvio, prefiro cimentar um Modelo de Jogo e transmitir aos jogadores o que nós pretendemos mas também percebo perfeitamente que muitas vezes temos que alterar o que pensamos em função do adversário e dos jogadores que temos.

FF – Mas o que considera ser indispensável estar presente para pode afirmar que a sua equipa «jogou bem»?

JM – Na minha opinião jogar bem acontece quando vemos numa equipa a existência de padrões bem definidos, quando idealizamos algo e vemos isso presente no jogo. Mas existem coisas muito importantes no jogo: um bom jogo posicional quando não temos a posse de bola e equipa que saiba cultivar a posse de bola. Muitas vezes diz-se que um bom jogo é ganhar, eu não



concordo muito com isso porque frequentemente ganhamos sem fazer um jogo muito conseguido e noutras a equipa até consegue cumprir com o que pretendemos e mesmo assim não ganhar.

Existem duas fases no jogo – quando temos e quando não temos a bola. Se uma equipa conseguir recuperar rapidamente a bola, ou seja, jogar sobre o adversário, através do *pressing*, a equipa não pode perder a bola num curto espaço de tempo, tem que tentar ter qualidade de jogo, jogando em segurança independentemente de fazer um passe adiantado ou recuado.

Quando vemos uma equipa com qualidade na posse de bola e que se posiciona de forma a ter o controlo do jogo, a equipa está perto de realizar um bom jogo. Esta consistência quando temos a bola é difícil quando a equipa é constituída por muitos jogadores novos, jogadores que ainda estão num processo de evolução quanto à percepção do jogo.

FF – Pelo que disse anteriormente é possível perceber que divide o jogo por momentos. O que lhe pergunto é se os princípios comportamentais que pretende para um determinado momento de jogo têm ligação próxima com os princípios dos outros momentos.

JM – Para mim, essa ligação tem que existir sobretudo no que diz respeito à tomada de decisão. Isso precisamente que tem que se perceber quando há um espaço para ser criado nomeadamente quando temos a bola, ou saída em transições rápidas e também há a outra função que é quando se tem a bola e o adversário está nitidamente atrás da linha e aí teremos que saber construir, saber exactamente organizar o jogo ofensivo. Agora, o que eu acho também é que, cada vez mais é preciso saber aproveitar os ataques rápidos porque percebemos que (porque se trabalha muito agora em termos tácticos, muitos posicionamentos da equipa e tudo isso), é cada vez mais difícil arranjar espaços para se jogar. Percebe-se também que há agora cada vez mais os golos surgem ou de transições rápidas ou de bolas paradas, e isso, sente-se que de um ataque continuado nem sempre se consegue os golos, ou antes, é difícil até suceder os golos. Num ataque continuado quer dizer que o adversário



está numa forma defensiva numa organização e isso é extremamente difícil...agora, o que eu entendo, entendo que ambos os momentos têm que estar relacionadas mas é fundamental trabalhar as transições rápidas e perceber exactamente as objectividades que tem que ter. Portanto, isto é fundamental que se crie e que se faça no futebol actual.

FF – De seguida queria saber que importância atribui às transições e que comente a expressão “as maiores situações de risco/golo acontecem maioritariamente em situações de transição” – opinião de um colega seu e pelo que pude verificar também está de acordo pelo que tem dito até aqui.

JM – Sim, e cada vez mais trabalha-se no sentido de arranjar/ter espaços, trabalha-se no desenvolvimento, não só dos jogadores mais recuados (exactamente nessas funções), não interessa quem integra essas acções, o que interessa realmente é que elas tenham continuidade e tenham exactamente objectividade, e portanto quando assim acontece, é isso que nós trabalhamos com frequência, é tentar criar o espaço e o mais rapidamente possível. Agora há coisas muito importantes, que só se conseguem se se tiver qualidade ao nível do passe e se houver já algum desenvolvimento colectivo, mas fundamentalmente é preciso ter muita qualidade ao nível do passe.

FF – Em relação ao momento ofensivo, lanço-lhe uma ideia, estar a atacar e ao mesmo tempo estar a contemplar uma possível perda de bola, para si é preparar melhor uma transição defensiva, ou seja estar salvaguardado para quando perder a bola ou, no fundo, ao estar a contemplar esse equilíbrio não está a confiar nas acções dos jogadores ao nível ofensivo. Qual é para si o que considera mais “correcto”?

JM – O que eu considero mais correcto é exactamente termos uma equilibrada, percebemos que quando temos a bola não vamos de forma alguma desequilibrar uma equipa, não vamos desequilibrar, porque a qualquer momento se tem uma perda de bola...e percebe-se perfeitamente que é muito



importante ter um equilíbrio. Por exemplo nas saídas em transições rápidas, que normalmente envolvem dois, três quatro jogadores no máximo, não envolve mais, portanto isto quer dizer que ainda temos seis jogadores atrás da linha da bola, pelo menos e que podem ser, mesmo que seja ao nível das bolas paradas, têm que rapidamente organizar-se nas suas tarefas.

Eu acho que não se pode descurar nunca a defesa, acho que as coisas têm que estar sempre salvaguardadas, porque se não o fizermos não vamos estar a saber aproveitar, nem as transições rápidas e estamos a dar ao adversário exactamente aquilo que ele pretende, que é uma transição rápida. Portanto, isso é importante que se perceba, porque não é uma transição rápida que envolve 3 ou 4 jogadores e portanto tem que haver um equilíbrio, sempre um equilíbrio...mesmo no ataque continuado, mesmo numa organização em termos de jogo ofensivo, temos que perceber que há sempre momentos exactamente para ter essa liberdade e momentos para se poderem criar esses desequilíbrios, mas nunca descurando as acções defensivas, que isso é fundamental.

FF – E em relação ao ataque posicional, quando está mais organizado, já em situação ofensiva, quantos jogadores considera necessários para efectuar esse equilíbrio defensivo? Quantos jogadores têm posições mais fixas e à partida não deverão entrar na mobilidade da equipa?

JM – Há um jogador que nunca deve entrar, normalmente não o faz, a não ser que seja ele a comandar o próprio jogo ou a própria saída, normalmente não o faz, e este é fundamentalmente o homem que joga à frente da defesa, aquele que nós chamamos o trinco, que é um jogador que deve ser o cérebro da equipa. Eu costumo defender que há uma linha que tem que ter três homens que são muito importantes, que é o avançado, com uma função de estabilidade em termos ofensivos, é também o trinco e um defesa, ou um dos defesas, naquela linha central é muito importante que haja sempre alguma estabilidade porque o golo acontece exactamente pelo meio. E há essas mesmas funções que eu não gosto de ver esse homem a integrar, porque esse homem aí é um



homem que muitas vezes dá um certo equilíbrio e é o homem que tem que compensar rápido todas as perdas de bola. Por isso é que esse homem deverá ter uma mentalidade mais forte, muitas vezes é também mais responsável, tem uma leitura de jogo diferente, é importante que assim seja, e as suas funções são basicamente duas: servir e compensar.

FF – Falou-me do médio mais defensivo e em relação aos outros jogadores que participam nesse equilíbrio ofensivo, certamente não quererá que todos os jogadores participem nos ataques. Como é que posiciona esse jogadores, em função dos jogadores da equipa adversária que ficam na frente, ou mais com uma ocupação racional do espaço defensivo?

JM – Depende, tenho a noção de que o posicionamento é importante e trabalhamos isso, trabalhamos no sentido de nos posicionarmos de forma a nos protegemos de uma eventual perda de bola mas, nem sempre isso acontece, e o que acontece é criarmos, o que nós tentamos é que a equipa suba rapidamente para uma linha que está minimamente definida, para depois ali tentar organizar rapidamente. Agora, percebemos que isso muitas vezes isso é “adulterado” pela forma, se a transição sucede ou não sucede, e quando ela não sucede o que procuramos é que o homem mais próximo da zona de perda da bola, seja rápido a reagir para tentar que haja ali, ou uma falta ou um equilíbrio para parar o ataque, para que haja um entrosamento e para que a equipa se organize.

FF – Para além desse médio mais defensivo contempla a presença sempre atrás da linha de bola de quantos defesas?

JM – Normalmente três defesas, porque à partida um dos laterais é o responsável pela transição, mas normalmente os três defesas e o trinco, quero preferencialmente que esses homens fiquem.



FF – Na sua opinião a forma como defende em organização defensiva, não condiciona a eficácia desses equilíbrios, ou seja, se prefere uma defesa individual, à zona ou homem a homem isso irá condicionar o posicionamento dos jogadores desses equilíbrios?

JM – Isso não é assim tão simples, nem tão linear, repara, uma pessoa percebe perfeitamente que os defesas se vão posicionar na sua zona, os homens do meio campo vão-se posicionar no meio, mesmo quando há uma saída, quando há transições rápidas, mesmo quando a defesa vai ter que subir, normalmente sobem na sua zona... se meteres toda a gente nos cantos, se o guarda-redes socar a bola, a tua equipa vai naturalmente tentar posicionar-se, cada um nas suas zonas, por uma questão natural, essencialmente por instinto. Há no entanto princípios que nós temos, se a bola foi aliviada ou se saiu da área o que temos é que recupera uma linha, a linha da área, temos que rapidamente recuperar, porque é a referencia, sendo portanto fundamental que o façam, e se possível, precavendo já a sua zona. Isto é muito importante, mas não passa do próprio instinto natural que faz com que o próprio jogador faça e tenha este tipo de comportamentos.

FF – Em relação à transição ataque-defesa, falamos já que muitas equipas adversárias aproveitam estes momentos de transição defesa-ataque para criar situações de finalização, isso não implica também a falta qualidade nas equipas a fazer a transição defensiva, ou seja, o facto de criarem mais situações de perigo nesse tipo de lances não quer dizer, em simultâneo, que as equipas adversárias não estão muito bem preparadas para os momentos de perda da posse de bola?

JM – É claro que é verdade, até porque se é uma equipa que tem posse de bola, tem que ter envolvimento, os jogadores têm que se envolver, não vamos deixar a transição para um único jogador, e ele fazer tudo e mais alguma coisa, tem que haver envolvimento por parte dos colegas e isso faz com que sejam desguarnecidas algumas situações nas possíveis perdas de bola, isso por um



lado é bonito, porque faz aquilo que nós chamamos jogo taco-a-taco, o jogo fica partido, aberto. Mas percebemos que isso só acontece em algumas fases do jogo, ou seja, na parte já mais tardia e mediante, muitas vezes, os próprios resultados, dado que na parte inicial do jogo é difícil criar essas mesmas situações ou de superioridade ou até de igualdade numérica. Por outro lado, quando os resultados são adversos, acontecem mais frequentemente.

Agora, há coisas que são realmente muito importantes e que há equipas que exploram muitíssimo bem: primeiro a capacidade técnica dos seus jogadores, não adianta nós olharmos e vermos que temos a possibilidade de uma transição rápida e depois o jogador domina mal a bola e a perde, ou se não tem um bom tempo de passe, ou por vários outros motivos acabamos por perder a bola...isto são tudo situações para as quais temos que nos precaver, fazendo com que só subam dois, no máximo três jogadores.

Isto parte também um bocado do princípio da própria confiança que se tem, é claro que nós vemos, por exemplo o Benfica envolve muita gente e porquê, porque no caso do Benfica e do Porto os jogadores têm capacidade técnica para decidir a jogada, porque sabemos que são jogadores que têm toda essa criatividade e torna-se extremamente fácil. É muito mais fácil para eles dar seguimento à própria jogada e também porque há um maior entrosamento e, agora comigo, percebo perfeitamente, já não posso fazer com que se integre muita gente em termos ofensivos, sob pena de perder uma transição rápida, mas também de desguarnecer em termos defensivos. Por outro lado também não digo (nem deixo de treinar os envolvimento que se possam fazer) mas percebo que para se envolver muitos jogadores é necessário que haja muita qualidade.

É por isso também que, neste tipo de depoimentos estamos a falar de uma equipa e não daquilo que eu “tenho”, posso dizer que já tive equipas que faziam isso com muita, mesmo muita tranquilidade, e equipas onde os jogadores eram tecnicamente evoluídos e faziam isso com grande qualidade. Neste momento tenho que dizer que não é bem aquilo, temos que nos adaptar aos jogadores que temos, é fundamental isso, esta ideia aqui, o que é que eu sustento, eu sustento que realmente quando há um envolvimento, quando há



hipóteses de criar problemas aos adversários, «então vamos», mas é quando temos jogadores que o possam fazer!

Por vezes também nos acontece aquela velha máxima em que sentimos que estamos numa fase que sabemos que não perdemos com nenhum adversário. Isto acontece, na época passada tive uma parte da época assim, e aí o que queríamos era jogar com Benfica, Porto e Sporting, porque era o melhor! Era aqueles jogos em que sabia que não tínhamos o mínimo de problemas em os defrontar, muito pelo contrário, eram os jogos que nós gostávamos era para esses jogos para os quais estávamos talhados e estávamos preparados para isso, porque sabíamos de antemão, mesmo ao nível das transições que éramos eficazes, tínhamos uma dinâmica muito boa, tínhamos jogadores com grande talento, técnica e capacidade de aparecer no espaço, são fases... o que eu defendo, penso que quando temos a bola, temos é que atacar, eu defendo é que se temos uma transição não interessa quem, interessa aparecer numa zona de finalização. Neste momento o que percebo também é que não tenho jogadores para fazer isso, tenho que o fazer portanto de uma forma diferente. Neste momento, se me questionar «mas a sua equipa está preparada para isto» e eu respondia-te já que não...

FF – Em relação à seguinte frase de José Mourinho “Uma equipa com uma filosofia muito ofensiva, tem que ser ainda mais forte no momento de perda de bola, ou seja, na transição defensiva, caso contrário pode ter muitos problemas defensivos” de acordo com o que já falou, penso que está de acordo com isto

JM – Sem duvida alguma, já tínhamos referido exactamente isso.

FF – E qual pensa ser a relação entre a forma como está organizado antes do momento de transição, isto é os jogadores que ficam no equilíbrio defensivo quando está a atacar e aqueles jogadores que quando está a defender estão preparados para o momento de conquista da posse de bola, e a eficácia das transições?



JM – Eu acho que é sempre importante ter um bom posicionamento, sabes perfeitamente que com um bom posicionamento costuma-se dizer que a bola vai ter com essa mesma equipa, há uma bola que é perdida ou um ressalto e normalmente a equipa que está mais bem posicionada consegue normalmente ter a posse de bola.

Agora isto quando falamos das transições, voltamos ao mesmo, tenho que ter jogadores rápidos, com qualidade para dar seguimento a tudo isso... jogadores que saibam jogar a um, dois toques é fundamental, jogadores que joguem e que saibam jogar à distância, que saibam virar o jogo 20, 30, 40 metros. Quem não os tiver, não consegue não vamos estar aqui a dizer que eu gosto de jogar com transição rápida, mas porquê fazê-lo se não tenho jogadores rápidos, se não tenho um jogador que saiba solicitar um passe a 30, 40 metros, se não tenho um jogador com qualidade no último passe, se não tenho um jogador que não saiba fazer o dois para um ou tudo isso, há uma série de pormenores que são importantes e é preciso entender. Agora considero sem duvida alguma que uma equipa tem que se posicionar, bem posicionada consegue sempre equilibrar ao nível do espaço e ter sempre mais aquelas bolas que andam meias perdidas e consegue também superiorizar-se nos momentos de transição.

FF – Em relação a transição defensiva quais são os comportamentos que pretende que a sua equipa tenha quando perde a posse de bola: procura uma transição muito alta com pressão imediata sobre os jogadores; uns pressionam outros recuam; é feita uma pressão por um, dois, três jogadores; ou vai a equipa toda fechar na zona da bola?

JM – O que eu pretendo exactamente é onde perder a bola, o homem mais próximo, rapidamente dê indicação da pressão. Costumo dizer que se o lateral esquerdo da equipa adversária recuperou a bola, quem tem responsabilidades é o homem mais próximo, o que, numa estrutura de 4x3x3 será o médio ala direito ser o primeiro a fazer a pressão e depois toda a equipa tem que organizar, tem que ter a indicação de pressão que é desse mesmo homem, e



toda a equipa tem que perceber que é o momento de juntar mais naquela zona e, assim, dificilmente haverá sucesso do jogador adversário para tirar dali aquela bola. É isso que defendo e é isso que gosto, é um *pressing*, se possível alto, mesmo quando o adversário está em terreno recuado, ou seja, tocam a bola no guarda-redes ou saem pelas laterais, mesmo aí defendo e gosto, sempre gostei que haja logo no primeiro terço do adversário uma pressão, uma pressão forte com intenção de ganhar a bola, não é só para desorganizar o jogo, é mesmo com intenção de ganhar essa mesma bola...porque acho que podemos defender no primeiro terço do adversário ofensivo como também no primeiro terço defensivo, é tudo uma questão de mentalidade.

No entanto, mais uma vez, é como digo, depende dos jogadores que se tem, já fiz isso várias vezes, gostava muito de o fazer mas também percebo cada vez mais se torna mais difícil, porque é preciso de ter uma equipa com jogadores preparados em termos psicológicos para isso. Temos que ter jogadores que não tremem, que não têm receio, que olham para os adversários e o que lhes interessa é os princípios de jogo e esta filosofia que lhes está incutida e não têm receio. Já fiz isso muitas vezes, dava-me bem com isso, agora percebo que é preciso ter jogadores com grande qualidade para fazer isso, é preciso em termos físicos estar muitíssimo bem, em termos técnicos sentirem que são melhores que os outros, isto é fundamental e depois, se juntarmos tudo isso sabemos perfeitamente que fazemos uma grande equipa e com qualidade. Mas eu defendo exactamente que, se pudermos recuperar a bola no primeiro terço do adversário, se pudermos pressionar alto, e estou de acordo que a equipa recupere a bola, logo quando a perde, isso treinamos muitas vezes no sentido de no máximo de dois, três segundos recuperarmos a bola, temos que a recuperar e isso faz com que o adversário não pense o jogo.

FF – Isso está relacionado com outra questão que diversos autores e treinadores classificam como fundamental: a mudança de atitude no momento de perda da posse de bola, vejo que de acordo com o que disse...



JM – Defendo exactamente isso! Temos que ter, com bola uma atitude mais passiva, mas quando perdemos a bola sermos muito mais activos, a equipa tem que reagir em dois, três segundos no máximo. Também é por isto que digo que é necessário ter jogadores com perfil para isso, quando começamos a sentir que há um ou dois que não o consegue então recuam, porque não vale a pena, é o descalabro total, estarmos a subir as linhas e levar com os homens nas costas porque um ou outro não pressionou...isto é importante que se perceba. Aí nós temos que olhar para o jogador e dizer «não podes jogar desta forma, tens que jogar de forma diferente» porque eles não têm capacidade para fazer isso, e tem que haver uma responsabilidade da equipa, é fundamental perante um caso destes. Apesar de ser treinável, a equipa tem que ter uma identificação com o que se pretende, isto treina-se mas também há jogadores que, por muito que se treine não conseguem... conseguem no momento, mas passados 5 minutos, estão completamente «a leste» do que lhes foi pedido é a tal questão da mentalidade e dos jogadores que se tem que conhecer.

FF – Os comportamentos que pretende jogadores podem variar no momento de perda da posse de bola em função da zona onde perde a bola, em função do adversário que está a jogar ou em função do momento de jogo?

JM – Os adversários exercem sempre influência, sabemos perfeitamente que se defrontarmos adversários com mais capacidade percebemos que muitas das vezes as nossas linhas são umas linhas mais recuadas, tentamos exactamente não dar tanto espaço na zona do nosso meio campo, tentamos lá ir mais pela certa em termos de transições, tudo isso depende muito do adversário, não podemos jogar com o Porto como se joga com a União de Leiria ou com o Paços ou com o Felgueiras ou com outro qualquer adversário. E mesmo assim já é extremamente difícil jogar, porque em qualquer momento surgem desequilíbrios que conseguem, não só individuais como colectivos, nomeadamente quando se defrontam os adversários, o que eu pretendo é que



a equipa esteja o mais equilibrada possível e os jogadores o mais próximo possível.

FF – E em função da zona, por exemplo, falou há pouco na situação do lateral esquerdo a recuperar a bola, agora pergunto-lhe se fosse o médio interior da equipa adversária a recuperar, também pretendia uma reacção rápida com as mesmas características?

JM – Não sou adepto do posicionamento, acho que na sua zona temos que ter o posicionamento, mas se a bola está exactamente no médio ala, é o médio ala, dentro da zona dele que temos que ser agressivos.

FF – Independentemente da zona onde perder a bola, pretende pressionar?

JM – Pretendo agressividade e pressão forte sobre o portador da bola, precisamente para não o deixar pensar porque, e isto cada vez mais acontece, sabemos que o futebol é cada vez mais assim. Se uma equipa conseguir não deixar jogar o adversário está em vantagem e apenas grandes equipas, por exemplo o Barcelona, conseguem sempre jogar, apesar de ter sempre pressão e até com a maior eficácia dos italianos, eles conseguem ser melhores...são aspectos que vão ser sempre diferentes, é a qualidade dos adversários.

FF – Uma frase de um comentador: “Numa defesa ao homem, a eficácia das transições está comprometida porque o posicionamento dos jogadores não será o ideal, estará condicionado pelo adversário”, ou seja, os jogadores não estarão onde os colegas pensam que eles estão, mas sim onde o adversário quer, concorda?

JM – É claro, nunca mandei defender ao homem, nem faço marcações individuais, mas a única situação em que privilegio essas acções é em termos de bolas paradas, em que realmente faço uma zona mista, um equilíbrio entre alguns homens a zona e outros na marcação homem a homem, quanto ao



resto, não faz sentido e também vejo muito pouca gente a fazer isso, e não concordo com isso...

FF – Partindo mais a componente do treino, este é um processo de ensino entre a equipa técnica e os jogadores. Pergunto-lhe se os comportamentos que quer nas transições têm muito foco no seu treino?

JM – Têm, eu gosto, nós normalmente fazemos treino de ambas as transições, porque essas coisas estão sempre interligadas! Temos que ser rápidos a sair com bola, mas também temos que ser rápidos a recuperar os posicionamentos, portanto isto quanto maior rapidez tivermos nesse processo, melhor a equipa está, vê-se efectivamente que é uma equipa que está consciente dos princípios de jogo. Treinamos e temos alguns treinos específicos nesse sentido, porque, primeiro temos que incutir nos jogadores uma vontade de chegar ao golo, porque se for um jogador que só saiba servir, que não crie desequilíbrios, por exemplo, se tivermos um lateral que só saiba dar uma linha de passe, mas uma linha de passe atrasada, vamos ter dificuldades nas transições. Nós temos exactamente que o fazer sentir que essas situações, primeiro do conhecimento que ele possa ter ou do interior ou do médio-ala, se é um jogador rápido, que dribla bem, que precisa de fazer o dois para um, que passe nas costas, temos que dar que eles em conjunto percebam exactamente as formas como se deve comportar ao nível do jogo. Se tivermos um jogador que só apoie, sabemos perfeitamente que ali estamos condenados a uma transição, ou a futuras transições que possam fazer.

Sabemos também que se temos um homem, que pelo lado direito consiga lançar a 30 ou 40 metros, como referi anteriormente, nós temos que saber tirar partido dessas mesmas características. Temos que saber, por exemplo como é que jogam os meus dois avançados, ou um avançado que possa jogar...se é um jogador mais fixo, se é um jogador mais veloz. Temos que trabalhar isto no sentido que, se temos um homem que é referência de área, sabemos perfeitamente que temos que jogar ou no pé ou de forma a que ele possa segurar a posse de bola e se tivermos um jogador mais rápido, temos que



desenvolver a jogada com maior profundidade, isso são situações que temos que trabalhar e isso é obviamente no treino que a gente o faz. Recordo-me perfeitamente de termos um exercício de treino em que toda a gente tem que ser o homem que faz o passe mesmo a 30 metros, tem que ser ele a finalizar...isso são situações a nível do treino que fazem com que nós tenhamos que rentabilizar os jogadores para fazerem isso.

FF – Um treinador referiu que muitos treinadores treinam a organização ofensiva, muitos treinam organização defensiva, mas treinam pouco transições, daí a maior desorganização que acontece as equipas nesses momentos...pelo que conhece, pelo que vê nas outras equipas, concorda que isto será verdade ou discorda desta visão?

JM – Discordo um pouco, eu acho que normalmente trabalha-se, trabalham-se as transições, e as finalizações, ou as transições com finalização. A transição defensiva também...até que não seja mais, trabalha-se ao nível do... eu sou um acérrimo defensor do treino conjunto, e gosto de o fazer porque avaliamos muito essas situações. O que é que dá um treino de conjunto? Dá todos os desequilíbrios e mais alguns que existem, são equipas que são irracionais, completamente, ao nível do treino. Tens um plantel, se fizeres duas equipas, vais ver que aquilo que tu pedes, o que queres que eles façam, passados cinco minutos é uma desorganização total. Se estás a trabalhar uma equipa para o jogo do próximo domingo, vais perceber que, se jogares com a equipa B da mesma forma que o adversário, passados cinco minutos eles desrespeitam (naturalmente) tudo aquilo que tu lhes pediste, porque eles tem um sentimento que querem mostrar, que querem exactamente prevalecer as suas qualidades em detrimento daquelas que possam ser as características do adversário. Isso origina que, como a equipa que estás a treinar, como entra naquela forma de actuar, parece que joga de uma forma já quase semelhante ao futebol de rua e acontece que ali, nós percebemos exactamente qual é a irresponsabilidade do jogo, os tais desencontros que há nos processos ofensivos e defensivos, e muitas vezes há uma equipa que tem cinco, seis, sete jogadores na frente e



desorganizada completamente atrás, e eu faço muitas vezes isto porque identifico os erros e corrijo-os no momento. Estas são situações que vemos ali, porque é extremamente fácil, nos idealizarmos alguns desenvolvimentos em termos ofensivos e de reposição em termos de jogo, que fazem exactamente com que essas coisas, com que haja uma certa desorganização e isso aí é extremamente fácil, nós organizarmos exercícios para trabalharmos isso, mas no jogo vamos encontrar outro tipo de indicações e existem e somos confrontados com outro tipo de problemas que não existem a nível de treino. Não sou defensor do uso de 10x0. Podemos dizer que, o que se quer treinar deste modo está organizado, tudo bem, mas é extremamente simples, não tem a eficácia do próprio jogo, não sou um grande defensor, mas no entanto, de vez em quando, quando acho que faz falta, também faço isso, também utilizo, mas isso é a questões dos tais princípios que temos que ver...temos que olhar e dizer a minha equipa em circunstâncias de treino perde-se bastante e eu tenho que organiza-la de outra forma.

FF – O tipo de acções necessárias nas transições são à partida acções mais intensas...o que lhe pergunto é se esse tipo de comportamentos são contemplados em algum dia particular no treino ou se aborda isso de uma forma geral durante toda a semana?

JM – Abordo de forma geral, quase toda a semana, mas há um dos treinos em que abordo de uma forma muito precisa, que é à quarta-feira (num microciclo normal Domingo a Domingo), normalmente à tarde já que nesse dia normalmente fazemos treino bidiário...preparamos as equipas e trabalhamos numa situação que é a de trabalho de velocidade com bola. Nessas situações, como te referi antes, com várias referências fora, a tentar jogar longo e esse mesmo jogador ter que fazer, 20, 30, 40 ou 50 metros dependendo da dimensão do campo, para aparecer na zona de finalização. Isto envolve naturalmente toda a equipa. Há também uma coisa que é muito importante: não adianta ter o treino, não adianta ter o exercício, é necessário que exista capacidade do treinador na obrigação, nas responsabilidades...e isto é que é



fundamental...o mais importante, na minha opinião, que o treinador tem e o que demonstra exactamente a diferença, é a dinâmica incutida à equipa no treino. Isso não significa que trabalhe melhor ou pior, quer dizer que tem capacidade de actuar para criar uma dinâmica de treino...e quando assim é e se vê uma equipa a recuperar rapidamente a bola é porque tem uma grande dinâmica de treino, é porque os jogadores estão preparados mentalmente para as coisas acontecerem.

Tudo isto tem exactamente essa base, é aquilo que nós queremos no treino, o treino é fundamental e portanto, eu exerço exactamente uma grande pressão sobre os jogadores ao nível do treino, sou uma pessoa que não gosta e não me sinto realizado enquanto vir que realmente eles não estão a dar o máximo. A exigência no treino é fundamental.

Eu costumo dar uma noção aos jogadores «vocês têm a bola estão no céu e depois quando a perdem estão no inferno» e nós temos que saber agir em função disso. É as velhas frases de «descanso com bola» e depois quando não a temos, temos que trabalhar para a conquistar...isso é que é importante, isso é a própria dinâmica que o treinador põe ao nível do treino.

Tive um treinador que me dizia assim: “eu fui substituir o José Mourinho, quando lá cheguei, toda a gente me falava, o Mourinho trabalha assim, o Mourinho trabalha assim. Todos os dias me repetiam isto e eu dizia por amor de deus, isto é não é bom para mim, e estava triste mesmo. No final da época fui à Final da Taça de Portugal e tive a melhor classificação de sempre. E agora, eu a subir bancadas e a mandar deitar pinheiros a baixo, tive a melhor classificação e melhores resultados que o Mourinho” . O que se conclui?

O importante para mim é mesmo a intensidade. É por isso que não estou aqui para trabalhar como os outros e não penso que alguém possa catalogar uma forma de treinar como a correcta.

Aliás eu pergunto «o que é trabalhar bem?» É ter muitos cones, muitos pirilampos? É fazer uma pista de aviação? É fazer isto e aquilo? Para mim não. Para mim trabalhar bem é ser exigente, trabalhar bem é fazer com que o grupo sinta que isto é o melhor, trabalhar bem é fazer sentir aos jogadores que estão a evoluir, trabalhar bem é olhar para a equipa e saber que está a corresponder



com poucos recursos, se calhar com poucas ambições, se calhar com jogadores que têm poucas condições de se impor. Isto é que eu acho que é trabalhar bem.

Por isso é que eu não sou muito destes formulários e gosto muito de vos dizer a vocês que estão a começar, que a regra número um é exigência no trabalho, o jogador tem que fazer. Mas a regra número um é desde o início, não pode existir o «hoje vou trabalhar a sério e amanhã facilito» isso não há. É fundamental trabalhar a sério, e isto responde a quase todas as tuas questões.

FF – Em relação aos comportamentos que tem no momento de perda da posse de bola, se procura trabalhar isso de uma forma separada, ou seja com exercícios que só foquem esses aspectos ou se gosta de trabalhar isso de uma forma mais integrada com os outros momentos do jogo?

JM – Isso faço algumas vertentes, faço exactamente com posse de bola, por exemplo a três equipas, uma equipa perde a bola e vai para o meio e é obrigada a reagir, e a reagir rápido, tem dois, três segundos para reagir. Faço também em organização de jogo.

FF – Alguns treinadores dizem que é mais difícil trabalhar a transição ataque-defesa pelo mais do facto de os jogadores gostarem mais de trabalhar quando têm a bola, por isso a mudança de atitude não é uma coisa tão natural e tão rápida como acontece quando ganham a posse de bola. Concorde com isso?

JM – Concorde que o jogador normalmente impõe mais velocidade ao jogo, exactamente quando tem a bola, porque é capaz e está motivado. Mas este também é um dos aspectos para os quais temos que os sensibilizar e que exercer sobre eles uma grande força...porque uma equipa quando está preparada, quando está motivada para recuperar a bola, também há ali uma grande dinâmica, e que rapidamente pressiona o adversário e consegue também conquistar a posse de bola.



FF – Mas considera mais difícil então de treinar?

JM – É mais difícil, porque correr sem bola é sempre mais difícil do que correr com bola. Eu já tive vários casos, posso dizer que tenho um jogador agora, que ainda no último jogo, com o Guimarães aqui em casa, que aos 78 minutos pediu para sair a dizer que estava no limite, que já não conseguia mais...só que ele estava a ser um jogador importante e eu não acreditei nele! Porque não acredito nos jogadores, acredito apenas no que eu estou a ver durante o jogo e apercebi-me que depois há uma situação (é um jogador avançado) de contra-ataque em que a bola surge e ele consegue fazer 50 metros a uma velocidade enorme e até envia uma bola ao poste. Eu estive a pensar nisso e no primeiro treino da semana referi isso em relação ao jogador, porque esse jogador não pode estar cansado, porque se estivesse cansado não fazia isso! Porquê? Porque é a tal questão de ter a bola, se fosse sem bola, se calhar ele não o faria. Mas há muitos casos destes, porque isto do cansaço é preciso conhecer quem é o atleta, sobretudo em termos mentais é, na minha opinião, fundamental.

FF – Um outro treinador afirmou que o momento essencial para se defender melhor é precisamente o momento de perda da posse de bola. Considera isso também um momento essencial para defender e que precisa de ser treinado insistentemente para se ter eficácia?

JM – Isso é preciso treinar. E é a tal dificuldade dos treinadores dos hábitos enraizados nos jogadores. Os treinadores têm ideias distintas e eu, por exemplo, às vezes tenho jogadores que vêm de alguns treinadores que têm dificuldade em aprender o que pretendo neste momento.

Esses jogadores tiveram vários anos com treinadores que defendem o posicionamento, defendem o jogo mais objectivo ao nível das transições. Eu percebo que estes jogadores vão ter grandes dificuldades quando passam para treinadores como o meu caso, que gosto de ser mais pressionante e de recuperar a bola o mais longe possível da minha área, e essas é que são às



vezes as questões que fazem com que nós não possamos jogar com este, ou com aquele, porquê?

Porque pura e simplesmente têm hábitos distintos que privilegiam o equilíbrio posicional recuado, que também tem inerente um gasto energético menor e têm dificuldade quando lhes pedem que sejam mais dinâmicos.

Eu penso que quando nós perdemos a bola, devemos recupera-la não me interessa qual é a zona ou o momento, não gosto de ver perder a bola e recuar. Gosto e exijo que o façam de uma forma mais precisa, se não for para recuperar, pelo menos para que a equipa se possa organizar, não é recuar, porque sabemos perfeitamente que quando perde e pressiona acontece que dois, três segundos e podemos ter ali alguma organização. Eu sempre fui um adepto ferrenho dessa forma de pressionar, e de pressionar alto, mas há sempre questões importantes: avaliar quais são as características dos jogadores, isso é fundamental.



Anexo 3

Entrevista a Ricardo Chéu

Treinador Adjunto do Sporting Clube Olhanense

Axis Ponte de Lima Golf Resort Hotel, Ponte de Lima, 16/10/2009

Fernando Festa (FF) – A primeira questão tem a ver com os factores de rendimento: dentro desses factores, físico, técnico, tático e psicológico existe algum preponderante na metodologia de treino utilizada?

Ricardo Chéu (RC) – Tentamos abranger todos, sabemos que o aspecto tático cada vez mais é importante mas não podemos descurar os restantes. Trabalhando em termos táticos, muitas das vezes conseguimos trabalhar os outros factores de rendimento, direccionamos o trabalho em termos táticos para atingir determinado fim, um determinado princípio, sabendo que esse factor que nós estamos a trabalhar traz por arrastamento as restantes componentes, a física, a técnica e a psicológica.

FF – Como o fazem no treino? Preferem dar treino de cariz mais tático, mais físico, mais técnico de forma separada ou se como disse agora o tático domina e no fundo abrange tudo o resto no treino?

RC – O tático domina, mas as restantes componentes são algumas vezes também trabalhadas isoladamente. Nós por exemplo iniciamos o treino preferencialmente até com aspectos técnicos (técnica individual), em que o aspecto tático está um bocado posto de lado, privilegiamos isso, agora a componente que damos mais importância, é claramente o aspecto tático.

FF – O que caracteriza o jogar da equipa...o que é que no seio da equipa é entendido como “jogar bem”? No fundo pode descrever-me os traços gerais do Modelo de Jogo da equipa?



RC – Aquilo que nós subentendemos é o seguinte: tem que haver uma mensagem da parte do treinador, uma ideia que é transmitida aos jogadores, e o jogador faz a sua interpretação, e aplica-a em jogo. Sabemos que por vezes, acontece que nem sempre a informação que é transmitida chega, porque cada um faz a sua análise individual daquilo que é pretendido, e aí também a intervenção do treinador é importante na correcção. Sabemos que existe uma ideia fundamental aqui, que é transmitida pelo treinador, Jorge Costa, se jogarmos bem estamos mais próximos de vencer, se jogarmos de uma forma em que tentamos assumir o jogo, estamos mais próximos de vencer, quanto mais oportunidades de golo criarmos, mais próximos estamos de vencer, a ideia geral do modelo da ideia de jogo do treinador passa por jogar bem. É claro que a equipa tem determinados princípios de jogo, tem uma determinada organização nos diferentes momentos de jogo que é transmitida e que é assimilada pelos jogadores e na qual o jogador tenta fazer no jogo, jogando bem, de uma forma a assumir os jogos e é aquilo que digo, se jogarmos bem, se jogarmos de uma forma assumindo o jogo estamos mais próximos o de vencer.

FF – Falou especificamente no «jogar bem»...e vejo pelo que quase toda a gente comenta, esta é uma equipa que gosta de ter um futebol atractivo, gosta de ter um futebol ofensivo, gosta de pegar no jogo independentemente do adversário, gosta de assumir. Isso é um dos pontos do jogar bem, mas isso englobará mais coisas nos aspectos relativos à organização defensiva e às transições. Terá aí um ou dois aspectos chave que não podem falhar para que considerem que a equipa jogou bem?

RC – Defender bem para atacar melhor. Quem vê o jogo da equipa do olhanense, quem vê o jogo de uma equipa orientada pelo Jorge Costa, prima por uma equipa organizada em termos ofensivos e em termos defensivos. Sabemos que não é fácil, organizar a equipa nos diferentes momentos, principalmente jogando contra equipas mais fortes teoricamente, e no caso dos três grandes, em que já jogamos contra o Sporting e contra o Porto e tentamos



claramente assumir o jogo, num correu melhor do que no outro, mas é uma pergunta um bocado ambígua...tentamos ter muita posse de bola e pressionar alto, são estes dois dos principais princípios de jogo que tentamos por em prática.

FF – Não é preciso entrar em muitos detalhes em relação aos princípios, mas tentar definir as duas ou três ideias-chave.

RC – Privilegiamos dois princípios chave que estão na base da nossa organização: ter muita posse de bola e ter um *pressing* alto.

FF – Pelo que disse anteriormente verifica-se que na teoria dividem o jogo por momentos. Quanto a isso pergunto-lhe se esses momentos têm princípios independentes entre si ou estão todos relacionados na mesma ideia de jogo?

RC – Todos estão relacionados uns com os outros. Aliás, nós proporcionamos exercícios em que haja uma determinada ligação, um determinado objectivo, para o atleta pensar e analisar o momento. Eles sabem que se a bola for colocada num determinado local pela equipa adversária, sabem qual é o momento certo para atacar, sabem que devemos estar organizados, sabem se devem recuperar e atacar ali. Sabem perfeitamente também quando a recuperam o que devem fazer, se devem fazer de uma forma organizada, se devem fazer em transições rápidas, nós proporcionamos exercícios que permitam esse tipo de análise por parte do atleta, é uma das coisas que proporcionamos e pensamos ser importante que é fazer pensar e que o atleta faça uma análise do momento. Pensar no momento, o que fazer, como o fazer, é fazemo-lo através do conceito de descoberta guiada. Nós proporcionamos o exercício e fazemos com que o atleta entenda o porquê de estar a fazer aquilo e em que momento é que no jogo acontece aquilo e como deve agir. Queremos jogadores inteligentes e que saibam pensar o momento.



FF – No âmbito mais específico deste trabalho que é as transições, qual é a importância que atribuem a esses dois momentos do jogo.

RC – Temos que dar grande importância porque definem um jogo, se não estivermos bem organizados sabemos que podemos sofrer golos, ou corremos riscos sérios de os sofrer. Por outro lado, também sabemos que se formos inteligentes na abordagem ao jogo quando temos bola, podemos, recuando ao que disse anteriormente, na análise pessoal que o atleta faz ao jogo, sabemos que se a equipa adversária estiver desorganizada o que devemos fazer, sabemos como fazer e podemos tirar muito proveito de uma transição para o ataque. No fundo temos que dar muita importância às transições.

FF – Dentro da mesma lógica, comente a seguinte expressão: “as situações de risco ou de golo ocorrem maioritariamente em situações de transição.” Existem outros autores que para além das situações de transição acrescentam as bolas paradas.

RC – Por acaso tinha dito anteriormente que as transições podem definir um jogo. Por isso é que digo que é importante que o atleta faz em determinado lance, porque se errar sabe, que numa transição ofensiva, perdemos a bola, sabemos que se arriscarmos demais e que o jogador faz algo que não estava «previamente estabelecido» (isto não é *playstation* em que está tudo comandado!) sabemos disso mas, se treinarmos de forma a tentar evitar esses erros, sabemos que estamos mais próximos de vencer e temos menor probabilidade de sofrer golos.

FF – Quanto à organização ofensiva relativamente ao aspecto de manutenção do equilíbrio defensivo a atacar. Atacar em simultâneo, contemplando a possível perda de bola é para si preparar uma melhor transição defensiva ou no fundo estar a incutir um espírito derrotista aos jogadores já a dizer que eles vão perder a bola e não confiar nas acções deles.



RC – Existe uma coisa importante nisto, o jogador quando tem bola, tem liberdade para fazer aquilo que quiser dela, dentro daquilo que é a ideia do treinador. Agora não vamos estar a dizer que um ala pega na bola e está numa situação um contra um e numa situação se dissermos que tem que fazer um ataque organizado, não vamos dizer para não tentar uma situação de um contra um. O aspecto derrotista nunca pode estar nisto, porque isto até vem um bocadinho daquilo que é a mentalidade que o treinador incute que é uma mentalidade atacante, uma mentalidade espectáculo, uma mentalidade de vencer os jogos. Portanto isso tem que ser automaticamente arredado.

FF – No entanto nem todos os jogadores vão participar no ataque, certo? O que quero perceber nesta questão é, se no momento em que estão a atacar, não o jogador que tem a bola, os outros, já estão a pensar no momento a seguir à perda da bola, salvaguardando algumas posições, garantindo o equilíbrio.

RC – Aquilo que o jogador tem que pensar é que tem que fazer golo! Essa é a mentalidade vencedora, essa é a mentalidade atacante, portanto, o perder a bola, só se for no meio campo adversário quando eles saem e tentam pressionar, porque se nós temos dois grandes princípios de jogo que passam por ter muita posse de bola e pressionar o mais próximo da área adversária (subentenda-se *pressing* alto) temos de garantir um equilíbrio constante quer em termos defensivos quer em termos ofensivos, isso não vai na nossa concepção de jogo.

FF – Contudo existem alguns jogadores que, pela sua posição ou pelas suas funções não vão poder participar no ataque, pelo menos em terreno adiantado. No fundo o que queria perguntar era precisamente isso, se mesmo em organização ofensiva pretende ficar equilibrado posicionalmente para o momento em que perder a bola?



RC – Claramente, e isso tem que estar e está previamente definido e os jogadores sabem bem as funções que têm que desempenhar, sabem perfeitamente que se um lateral subir o outro não o deve fazer, poderá fazer, mas por regra não. Sabem perfeitamente essa situação, que o *pivot* defensivo é mais posicional não significa que uma vez ou outra não possa ir, mas isso também depende muito da leitura que o jogador faz da situação e do adversário, da «liberdade» que tem para o fazer.

FF – Se, como falamos anteriormente, os momentos de transição são aproveitados para criar situações de finalização e perigo por parte da equipa que recupera a bola, isso não implica, de certa forma, uma menor qualidade nas acções de transição defensiva da equipa adversária? Qual é a sua visão?

RC – Existe uma coisa que temos a possibilidade de ter que é um conhecimento prévio da equipa adversária. Sabemos bem com o que vamos contar. Existe um elemento da equipa técnica que tem uma visão muito boa e analisa muito bem o adversário, sabe perfeitamente esses momentos, o que fazer, o que eles fazem, nada é feito ao acaso, todos os movimentos são analisados por ele, são transmitidos aos jogadores através de imagem, através de *powerpoint*, de apresentações e nada é feito ao acaso. As situações são todas estudadas anteriormente e o atleta sabe perfeitamente aquilo que poderá acontecer, se bem que a imprevisibilidade tem que estar presente!

FF – Não particularizando, se por regra se cria mais perigo nesse tipo de situações, isso pode significar que as equipas estão menos preparadas, no momento em que perdem a bola, do que quando já estão numa defesa posicional, à partida mais baixa e com maior número de jogadores. Não concorda?

RC – Eu não acredito que nos aconteça. Curiosamente, recuando um bocadinho no tempo, acontecia isso no ano passado em que nós apercebemo-nos em determinada altura que estava a acontecer sermos o melhor ataque



mas a pior defesa. Isto porque assumíamos os jogos, porque fazíamos transições rápidas, porque depois a equipa ficava desorganizada em termos defensivos e começamo-nos a corrigir e a chamar a atenção aos atletas e trabalhamos mais essas situações. Foi corrigido e respondendo à pergunta, é claro que se nós pressionarmos alto, se estivermos mais próximo da baliza adversária, claro que quando perdemos a bola, corremos maior risco, nós estamos cientes disso, mas também se não o fizermos não criamos perigo ao adversário, não vamos vencer o jogo, não vamos pôr uma camiã à frente da defesa como se costuma dizer, jogando para o ponto, isso não faz parte da concepção de jogo que pensamos ser a melhor para atingir os nossos objectivos.

FF – Frase do José Mourinho “Uma equipa que com a filosofia muito ofensiva, deve ser ainda mais forte na transição defensiva, caso contrário pode ter muitos problemas defensivos.”

RC – Concordo plenamente. Era isso que eu estava a dizer anteriormente.

FF – Qual a relação entre a forma como estão organizados antes dos momentos de transição e a realização das mesmas transições? A manutenção de um equilíbrio posicional é privilegiada à marcação aos jogadores que os adversários deixam mais adiantados?

RC – Claramente. A organização está na base do sucesso de uma equipa e se formos capazes de anular espaços para as transições do adversário claramente que estamos a fazê-lo de uma forma correcta.

Isto dos questionários, das entrevistas abertas tem esta lacuna que é uma coisa é estarmos a falar e outra é vermos o trabalho de campo que é efectuado, e são situações que nós temos em atenção no treino porque sabemos bem os riscos que corremos quando fazemos ao querer assumir o jogo. Por outro lado também não vamos dizer «vamo-nos preocupar com o aspecto ofensivo, vamos fazer golos e vamos descurar a organização



defensiva» é claro que isso não podemos fazer, sabemos os riscos que corremos quando assumimos o jogo mas também sabemos os perigos em que estamos colocar o adversário. O que vamos fazer? Vamos proporcionar as tais situações que eu digo: os tais exercícios que temos para alcançar esse sucesso ofensivo, mas também temos que pensar os exercícios de maneira a contrariar o sucesso da equipa adversária, que passa pela nossa organização defensiva que passa por defender bem.

FF – Há uma frase do Luís Freitas Lobo que diz “ o mais provável de acontecer numa equipa que tem a posse de bola é perder essa mesma bola” porque o golo acontece 1 ou 2 % das vezes!

RC – Claramente!

FF – Por isso as equipas têm que estar preparadas também para isso. Quais são os comportamentos que se pretende quando a equipa perde a bola? Procuram fazer uma transição alta, procuram uma pressão imediata ao portador da bola, preferem recuar as linhas, se pressionam essa pressão é feita apenas por um jogador, por um grupo de jogadores, pela equipa toda...como gostam de reagir quando perdem a bola?

RC – Acima de tudo há uma coisa importante, que é incutir no atleta uma mudança de atitude rápida. Uma coisa é quando temos a bola, outra coisa é quando a perdemos. Uma das coisas que eu já falei, é a tentativa de posicionar e de recuperar a bola o mais longe da nossa baliza. Tentamos fazê-lo de uma pressão alta e imediata, não individual, de forma colectiva, em determinadas zonas: os jogadores sabem os comportamentos que têm que adoptar analisando a equipa adversária e jogando num determinado sistema sabem que tipo de coberturas têm que fazer, sabem o tipo de posicionamentos que têm que adoptar. Isso é previamente estabelecido, porque nada é feito ao acaso, temos conhecimento da equipa adversária e como vai jogar, salvo raras excepções, uma equipa muda de treinador, muda mentalidade, muda



metodologia de treino, sabemos que podemos apanhar alguma imprevisibilidade, mas de forma geral sabemos com o que vamos contar.

FF – Enquadrando numa situação muito específica: vamos imaginar que a vossa equipa perde a bola no sector ofensivo e a bola até foi recuperada por um lateral da equipa adversária. Normalmente quantos jogadores gostam de ter próximos da zona da bola a exercer pressão?

RC – Dependendo da zona onde a bola é recuperada, as coberturas têm que ser sempre feitas, sabemos que o ponta de lança tem que fechar do lado da bola, sabemos que o médio interior tem que fechar. Por exemplo, jogando contra uma equipa que jogue com um *pivot* defensivo sabemos que o médio interior tem que saltar, depende da situação, pode haver uma ou duas coberturas. Por isso é um bocado subjectivo este tipo de questão, porque uma equipa joga em 4x4x2, outra joga em 4x3x3 e eu acho que saber como o adversário joga também tem aqui um factor importante, embora isto seja apenas um sistema e esse mesmo sistema tem a sua própria dinâmica e isso para nós tem de ser um factor a ter em conta.

FF – Alguns treinadores referem que gostam que os jogadores reajam rápido, que pressionem imediatamente o portador da bola, com algumas coberturas, mas depois preferem que os jogadores mais afastados, os defesas e assim, vão recuperando posição fazendo partir a equipa. No vosso caso ao pressionarem o portador da bola, toda a equipa se aproxima, incluindo os defesas, ou têm essa percepção de recuar?

RC – Há uma coisa importante, que é, equipa tem que estar sempre junta quando não temos a posse de bola. Acho que isso responde, se a equipa estiver junta permitimos que não haja espaços entre sectores, e que haja menos espaço entre linhas, portanto acho que respondo à questão quando digo que a equipa esteja junta... e isso é a noção do campo grande e campo curto.



FF – A transição defensiva é feita de forma diferente em função da zona de perda da posse de bola, do adversário em que estão a jogar ou do momento de jogo? Ou seja, é diferente perder a bola na linha ou perder a bola no corredor central? É diferente perder a bola contra o Porto ou contra o Leiria? É diferente perder a bola quando estão a ganhar ou quando estão a perder?

RC – Claramente. E os jogadores estão preparados para isso, e proporcionamos isso. Eu acho que há aqui uma coisa que também gosto e me fascina, que é a questão do treino. Isto tem que estar tudo ligado, a questão do treino, a questão do exercício, é importante quando nós realizamos um exercício, ter em conta essas questões todas, a abordagem que fazemos ao exercício, a maneira como o transmitimos, a maneira como procuramos que essa informação chegue ao jogador para ele ter uma noção mais ampla daquilo que é pedido e para que faça uma leitura ao jogo conforme ele é. O jogador deve identificar os momentos em que tem que fazer as coisas e de que maneira tem que fazer as coisas, e nos temos esse cuidado, não fazemos exercícios por fazer, fazemo-los de uma forma cuidada, de uma forma estudada, de uma forma elaborada, não fazemos um treino aos «pontapés». Não é chegar antes do treino e dizer, «hoje apetece-me fazer isto!» Não! As coisas são previamente feitas, são previamente estruturadas, se tivermos que fazer correcções, fazemo-las na hora, através sempre do treinador, porque ele é que é o mentor de toda esta informação e o que idealiza esta informação, portanto, isso é tudo de uma forma cuidada.

FF – Percebo que por regra gostam de fazer uma transição alta, com pressão imediata no portador da bola, isso poderá mudar em função de onde perdem a bola?

RC – Também sabemos que nem sempre é possível, temos que jogar com outras questões, por vezes temos que assumir o jogo e sabemos que não é possível. Foi possível fazê-lo em Alvalade, já não pudemos fazer em Olhão



contra o Porto... no entanto estávamos a jogar em casa. Quanto a isso, o factor casa/fora a nós não nos é importante no sentido de assumir o jogo ou não... a ideia está lá seja em casa ou fora, a nossa abordagem é sempre a mesma.

FF – Passando à parte da organização defensiva, o momento que se segue à transição ataque-defesa, peço-lhe que comente uma frase: «com a defesa ao homem a eficácia das transições está comprometida porque o posicionamento dos jogadores não será o ideal, porque estará condicionado pelo adversário.»

RC – Claro que tenho que concordar com a frase, se nós pensarmos bem e se fossemos a favor desta metodologia de defender homem a homem, não poderíamos ter a ideia que temos que é, termos a nossa própria identidade. Estávamos subjugados à identidade do adversário e isso não pode acontecer, ou pelo menos na nossa ideia de jogo isso não acontece.

FF – A forma como pretendem fazer a transição defensiva está relacionada com os comportamentos que tem na organização defensiva? Pelo que disse anteriormente, vejo que sim, pretendem uma transição com pressão imediata e depois também gostam de defender alto em organização defensiva. Na minha opinião seria um contracenso se na transição a preocupação fosse recuperar posições recuadas e depois de estar organizados quisessem pressionar alto.

RC – Sim, estamos de acordo.

FF – Um treinador referiu que muitos treinadores treinam organização ofensiva, muitos treinadores treinam organização defensiva, mas esquecem um pouco as transições, daí a maior desorganização das equipas nesses momentos, concorda com isto? Vê que há alguma carência de treino das transições na generalidade das equipas?

RC – Concordo que aconteça isso, porque muitas das vezes o exercício não é pensado. Pensa-se só em atingir determinado objectivo, mas não se pensa nos



contras que isso poderá trazer, e depois descara-se um bocadinho os aspectos negativos.

Quando nós elaboramos um exercício temos que ter em conta os seus prós e os seus contras. É a situação que muita gente faz, um treino à porta aberta e nós vamos ver o treino, e estamos a treinar uma equipa da terceira divisão ou da distrital e vamos ver o treino do Olhanense e dizemos «este exercício é porreiro» só que depois esquecem-se das características, da ideia que o treinador pretende e muitas das coisas não tem nada a ver uma coisa com a outra e vamos aplicar o mesmo exercício e depois não se percebe o porquê das coisas não funcionarem. Porque as características dos atletas são diferentes, porque o sistema é diferente, porque a ideia de jogo é diferente, porque a inteligência do jogador é diferente, porque a leitura, a abordagem que o jogador faz é diferente, por isso é que nós damos muita importância a isto, à organização ofensiva e defensiva e relacioná-las com as transições.

FF – As transições e os aspectos inerentes às transições são operacionalizados em algum dia especial? Existe algum dia que assumem dominância ou têm abrangência em todo o microciclo normal de treino?

RC – Bom, nós nesta fase, estamos numa fase em que não podemos dedicar nenhum dia especial a isso, porque estamos a jogar quase Domingo, quarta-feira, Domingo e temos que recuperar os atletas. Olhando a um microciclo normal, aquilo que nós pretendemos sempre é cada treino ter um determinado objectivo e, no que nos diz respeito, a quinta-feira é o dia que abordamos esses aspectos de uma forma geral. Não posso dizer que é sistemático ser à quinta-feira mas por regra a quinta-feira será o dia em que privilegiamos mais esse tipo de situações, o trabalho de transições.

FF – Procuram que esses comportamentos pretendidos nas transições sejam treinados em interligação com a organização ofensiva ou preferem separar alguns comportamentos. Falou há pouco da mudança de atitude: para haver mudança de atitude, à partida terá que haver um momento em que a equipa



tem a bola, e que a seguir a perde. O que pretendo saber é se fazem o treino desses aspectos que querem para as transições interligados com a organização ofensiva ou se separam mesmo as transições do resto.

RC – Não, não separamos. Estou-me a lembrar de um exercício que costumamos fazer e vai de encontro àquilo que acabaste de dizer. Fazemo-lo de forma interligada, nunca de forma separada. Existem claramente os dois momentos que condicionam isto, que são a perda e o ganho da bola, a mudança de atitude que tentamos incutir no atleta, por isso discordo, pode haver quem o faça, mas na nossa ideia, de forma analítica, nunca.

FF – Alguns treinadores dizem que é mais complicado treinar a transição defensiva ou ataque-defesa, pelo facto de os jogadores gostarem mais de trabalhar com a bola, e por isso a mudança de atitude não ser uma coisa tão espontânea como acontece na transição defesa-ataque. Qual é a sua opinião acerca deste aspecto?

RC – É sempre mais motivante ter a bola do que não a ter! É mais motivante fazer correr o adversário do que correr atrás dela (entenda-se da bola) e a motivação parte daí. Uma equipa que gosta de ter posse de bola como a nossa, não posso dizer que se sinta desconfortável quando não a tem, porque nós somos uma equipa que privilegia ter muita posse de bola, mas também privilegiamos quando a perdemos, recuperá-la o mais próximo possível da baliza adversária e o mais rapidamente possível. Mas no fundo sim, se calhar é mais difícil trabalhar a transição ataque-defesa porque não é inato aos jogadores, é mais «desconfortável» correr atrás dela do que ter a posse de bola! E isso acho que é natural.

FF – Completando a questão anterior, pensa que o momento de perda da posse de bola, se trata de um momento essencial para defender bem? José Mourinho dizia que o conceito de defender bem para ele é pouco em termos de tempo e focar muito no momento de perda da posse de bola. Considera



também que esse momento de perda da posse de bola é um momento chave para se defender bem e, como tal, carece ser treinando insistentemente?

RC – É claro que sim. Existem determinados momentos em que temos que privilegiar essa organização defensiva, a perda da posse de bola tem que ser trabalhada. É inato atacar, atacar é fácil, é ter a bola, é saber o que fazer á bola, claro que muitas vezes pode-se tornar difícil! **Mas respondendo à tua questão, sim o momento de perda tem que ser treinado incessantemente, claro que sim, porque há jogadores que pensam que o futebol é só ter a bola no pé!** Estamos confrontados com diferentes mentalidades... por exemplo, sabemos que existe uma mentalidade diferente do português para o africano, do europeu para o africano, é um conjunto de factores complicado que o trabalho de campo permite compreender isso melhor. Agora, terá que haver uma mentalidade comum em que o grupo está acima de qualquer individualidade.



Anexo 4

Entrevista a Paulo Sérgio Brito

Treinador do Vitória Sport Clube

Complexo de Treinos do Vitória Sport Clube, 16/10/2009

Fernando Festa (FF) – Dentro dos factores de rendimento (físicos, táticos, técnicos e psicológicos), existe algum preponderante na sua metodologia de treino?

Paulo Sérgio (PS) – Na minha ideia não faz sentido hierarquizar a importância de cada um dos componentes, atribuo a mesma importância a cada um deles.

FF – No treino estes factores são contemplados de uma forma integrada ou prefere separar cada componente?

PS – A exigência da competição é integrada em cada movimento executado logo faz todo o sentido que seja treinado dessa mesma forma, integrada. Apenas desintegro os factores de rendimento para proceder a algumas avaliações.

FF – O que entende por Modelo de Jogo? O que é para si jogar bem?

PS – O Modelo de Jogo é o todo, engloba o sistema ou sistemas táticos, princípios e sub-princípios ofensivos e defensivos, modelo de treino (exercício) e até o modelo de jogador a escolher (sempre que possível).

No treino por vezes sectorizamos para chegar ao todo. penso que quando fazemos trabalho por sectores devemos integrar depois para que faça sentido e verificar o produto final.

Atacar com organização (equilíbrio, com coberturas) permite-nos estar melhor preparados para defender no momento de perda da posse de bola e vice-versa



(defender com boa organização permite uma mais facilitada saída para acções ofensivas)

FF – “As situações de risco/golo ocorrem, maioritariamente em situações de transição.” Comente a expressão?

PS – Eu concordo com esta perspectiva uma vez que no momento em que acontece uma transição ofensiva está associado uma menor organização do adversário, que se encontrava em posse e com a equipa projectada em amplitude e profundidade de posicionamento. Assim, as equipas tentam tirar partido destes mesmos momentos assim que recuperamos a posse (através de contra ataques e/ou ataques rápidos) devido ao espaço que dispomos.

FF – Atacar e, em simultâneo, contemplar uma possível perda de bola é para si preparar uma melhor transição defensiva ou não confiar nas acções dos jogadores a nível ofensivo?

PS – É preparar as melhores condições para que se não conseguirmos avançar termos condições para tirar a bola dessa mesma zona, e se a perdermos poder pressionar para a recuperar imediatamente.

FF – E quantos jogadores são necessários para efectuar esse equilíbrio?
Isto é... quantos jogadores, apesar de terem funções no ataque da equipa, não podem incorrer em movimentos muito adiantados para não deixar a equipa descompensada atrás?

PS – Um médio de cobertura e três defesas

FF: Os jogadores que fazem esse equilíbrio são sempre os mesmos? Como os posiciona?



PS – O médio pode variar se estiver a jogar com dois médios de cobertura e. O defesa lateral fica o do lado contrário do corredor em que estou a atacar e os centrais ficam sempre.

FF – A forma como eles estão organizados nos equilíbrios é importante. A eficácia dos equilíbrios não está dependente da forma como defendem (zona, individual ou homem-a-homem)?

PS – O método defensivo praticado tem influência na qualidade dos equilíbrios. As tarefas a desempenhar devem estar associadas a um espaço, a um tempo e não a uma pessoa, qualquer atleta deve saber reagir consoante o tempo e o espaço em que se encontra.

FF – Mourinho refere que “uma equipa com uma filosofia muito ofensiva deve ser ainda mais forte na transição defensiva, caso contrário, pode ter muitos problemas defensivos.” Concorda?

PS – Sim, concordo com a afirmação de Mourinho, inteiramente.

FF – Quais são os comportamentos que pretende quando a sua equipa perde a posse de bola? (Transição Alta, Pressão Imediata ou recuo? Individual, por Grupos ou sectores, Colectiva?)

PS – Devemos também estar preparados para reagir rapidamente, sabendo recuar, fazendo contenção no portador da bola, no fundo não nos deixarmos eliminar condicionando a manobra ofensiva do adversário até podermos recuperar a posse.

FF – A transição é diversa em função da zona de perda da posse de bola, do adversário ou do momento do jogo?



PS – A transição é diversa em função do que foi a decisão do adversário no primeiro momento assim que passou a ter a bola.

FF – E em função do local onde a equipa perdeu a bola? Os comportamentos pretendidos são os mesmos se perderem a bola no terço de terreno mais adiantado e no terço de terreno mais recuado, por exemplo? E em função do momento do jogo? Esses comportamentos também não variam se estiverem a ganhar ou a perder um jogo?

PS – É obvio que esses factores influenciam, há que saber reagir a cada momento do jogo quer tática quer estrategicamente.

FF – Um outro aspecto que diversos autores classificam como fundamental é a «mudança de atitude» nestes momentos de alternância da posse de bola. Qual é a sua opinião?

PS – Se não houver esse *click* deixa de fazer sentido falar em transição.

FF – “Com a defesa ao homem a eficácia das transições está comprometida porque o posicionamento dos jogadores não será o ideal porque estará condicionado pelo adversário.” Comente esta frase.

PS – Concordo inteiramente com esta citação.

FF – Não pensa que, por mais que se preocupe com o equilíbrio defensivo quando ataca, se quando a sua equipa perder a posse de bola for defender homem-a-homem, esse equilíbrio fica comprometido?

PS – Penso que o método defensivo referido é o que menor equilíbrio nos permite porque o nosso posicionamento depende daquele que o adversário adopte.



FF – Os padrões comportamentais que pretende no momento de transição ataque-defesa têm relação com a forma como pretende jogar em organização defensiva?

PS – Logicamente eles têm que estar relacionados. Mas considero que é possível de realizar uma transição com tentativa de pressão alta que se for falhada, tens que saber recuar fazendo contenção, temporizar para que a equipa se reagrupe organizando-se defensivamente em bloco baixo.

FF – O treino é um processo de ensino-aprendizagem entre equipa técnica e jogadores. Os comportamentos a tomar nas transições têm particular foco nos seus treinos?

PS – Sim. Como tudo o resto, eu só treino o que acontece ou penso que acontece em jogo.

FF – Um treinador referiu que muitos treinadores treinam organização ofensiva e organização defensiva mas quase não treinam transições, daí a maior desorganização das equipas nestes momentos. Concorde?

PS – Talvez concorde, mas mesmo treinadas serão sempre um momento crítico.

FF – As transições são operacionalizadas em algum dia em especial?

PS – Operacionalizamos nos treinos de organização táctica com incidência na velocidade.

FF – Isso, reportando-nos a um microciclo normal (domingo – domingo), acontece a que dia da semana?

PS – Na sexta-feira



FF – O treino específico dos comportamentos ligados às transições é interligado com a organização ofensiva ou prefere uma forma mais analítica? Explique.

PS – Sempre integrado ou seja na forma que nos aparece em competição.

FF – Alguns treinadores afirmam ser mais difícil treinar a transição ataque-defesa pelo facto dos jogadores gostarem mais de trabalhar quando têm a bola e por isso a mudança de atitude não é, de uma forma natural, tão rápida como na transição defesa-ataque. Qual é a sua opinião?

PS – Concordo, apesar de por vezes na transição ofensiva logo após a recuperação da bola, haver jogadores que a primeira ideia seja jogar seguro sem que tenha detectado uma excelente possibilidade de sair para o ataque. Na transição defensiva temos que estar super concentrados para estimularmos esse comportamento até que se torne uma boa rotina.

FF – Complementando a questão anterior pensa que o momento de perda da posse de bola se trata de um momento essencial para se defender bem e, como tal, carece de ser treinado insistentemente?

PS – Sim. Quando detemos a posse de bola, avançar pelos corredores laterais até à zona de finalização parece-me o mais seguro. Servirmo-nos do corredor central para mudar o ângulo de ataque e finalizar ou preparar a finalização. O perigo maior adjacente às perdas de bola verifica-se quando estas acontecem em transição ou em zona proibida (corredor central baixo).



Anexo 5

Entrevista a Ulisses Moraes

Treinador do Futebol Clube Paços de Ferreira

Estádio da Mata Real, Paços de Ferreira, 18/10/2009

Fernando Festa (FF) – A primeira categoria no nosso estudo, é os factores do rendimento. Dentro dos factores de rendimento do futebol: físico, tático, técnico e psicológico, existe algum que seja dominante na sua metodologia de treino?

Ulisses Moraes (UM) – Tenho momentos em que dou prioridade a alguns, mas entendo que eles se completam uns aos outros. Tem a ver com os momentos em que há factores que são mais determinantes em função daquilo que é o rendimento e por isso para o rendimento de uma forma geral, todos são valorizados da mesma forma. Consoante o momento, por vezes, há mais necessidade de atacar um dos factores, para podermos de alguma forma tirar esse mesmo rendimento, quando não entendermos que não há necessidade de não mexer neles, trabalhamos-los de forma igual.

FF – Portanto considera todos igualmente importantes, mas em função do momento pode valorizar um em detrimento de outro.

UM – Certo.

FF – Dentro da mesma temática, no treino, esses factores são treinados de uma forma integrada, todos em conjunto dentro do mesmo exercício, ou se por vezes opta por separar algum componente para trabalhar de uma outra forma?

UM – Partimos do princípio que essas componentes devem estar todas interligadas, ou seja, quando nós trabalhamos um exercício devemos tirar dele um conjunto de rendimentos, de ordem física, técnica, de ordem tática e de



ordem de entendimento que tem a ver com os aspectos de confiança através do rendimento psicológico. Portanto nos entendermos que, sem explicar o exercício, sem o fazer entender, nós não tiramos rendimento de ordem técnica, de conhecimento táctico, e provavelmente, nos aspectos físicos não se consegue a aquisição total e portanto eles também têm que estar todos interligados.

FF – O que é que para si é o modelo de jogo?

UM – Duas coisas determinam as minhas ideias: a primeira, o que eu penso sobre o jogo, como é que eu entendo o jogo, depois como é que os meus jogadores têm condições de o interpretar. Tem a ver com a qualidade, com a inteligência, com os factores que eles próprios valorizam no jogo. Se eu tiver jogadores inteligentes e tecnicamente bons mas que não valorizem um conjunto de acções de organização, provavelmente o meu modelo não será bem definido; se eu tiver um conjunto de jogadores que valorizem naturalmente as acções colectivas, mesmo sendo individualmente, tecnicamente bons, poderá definir muito melhor aquilo que é a minha concepção de jogo. E para que isso seja claro, é um factor de princípio trocar um conjunto de ideias e de conhecimento. Eu opto sempre por uma proposta, perante aquilo que me parece, ver se a receptividade e atrair depois dessa resposta da receptividade ser boa, percebe-se se eles são capazes de o fazer. Existe um conjunto de argumentos que pode influenciar aquilo que é as ideias do jogo, para a organização do modelo: o jogo tem um conjunto de factores específicos com um conjunto de características, tem a ver com a região em que estamos inseridos, tem a ver com as características do clube, tem a ver com o escalão onde normalmente joga a equipa e tem a ver com a cultura que naturalmente determina muito da função, sem ser prioritária, mas que determina muito da função daquilo que pode ser o rendimento da equipa.

Com um clube de determinadas características, em que é afectivo, em que é emocional, em que vê o jogo lê o jogo, vê a forma como se ataca e como se defende tão depressa, pode naturalmente um jogo para eles, mais pensado,



mais elaborado, pode criar de alguma forma, algum fantasma na equipa. Então temos que pensar se somos nós que vamos vencer no cansaço, se nos cansamos em relação a isso, se acharmos que temos um conjunto de condições reunidas, para que rapidamente possamos vencer as pessoas no cansaço, a acreditarem no nosso projecto, ou se o nosso projecto se cansa por aquilo que nós não conseguimos alcançar, através daquilo que a mensagem não passa, e que cria de alguma forma, condicionantes barreiras a que o jogo passe.

FF – Pelo que entendo, a sua condição inicial é sempre a sua ideia de jogo, a sua concepção de jogo, depois pode ser maleável aos jogadores que tem disponível, às características do clube onde se insere.

UM – Exactamente.

FF – Sem que lhe peça para explicar detalhadamente dê-me duas ou três características essenciais, para que num jogo da sua equipa considere que foi um jogo conseguido, que considere que a sua equipa jogou bem.

UM – Tem a ver com o adversário! Provavelmente, perante diferentes adversários, posso entender que joguei bem de forma diferente. Tem a ver com aquilo que é também a estratégia e aquilo que é o perfil do adversário e de maneira que para cada jogo, embora não alterando os nossos princípios e as nossas ideias temos que, naturalmente em termos estratégicos fazer ajustamentos. Se nós entendermos que aquilo que nos leva a estar mais perto de ganhar o jogo no plano estratégico criam-se algumas nuances, algumas situações que marcadamente são contrárias aquilo que pode favorecer o adversário.

Mas partindo do pressuposto que me preocuparia apenas com a minha equipa, a minha ideia de jogo passa naturalmente pelo jogo elaborado pensado e apoiado, com uma estrutura em que jogo sempre, com menos erro possível na condição do passe e do deslocamento. O deslocamento é fundamental para



que o passe seja perfeito através da elaboração da posse e da circulação do jogo eu entendo que posso criar desequilíbrios com a mobilidade. No entanto, procuro ter sempre a equipa articulada de tal forma que ela se mantenha equilibrada e este é o meu pensamento de jogo, que utilize a bola com objectividade para chegar ao golo. Esta é a minha ideia principal, sobre aquilo que é a organização do jogo, se o jogo tem que ser organizado de forma diferente e se eu tenho que fazer chegar à baliza do adversário de forma diferente para conseguir o golo, depois naturalmente tem a ver com cada jogo, mas estes factores para mim são fundamentais – ter a bola e ter como princípio de organização a mobilidade. Esta mobilidade determina naturalmente a qualidade do movimento com a capacidade de ter a bola em função dos apoios frontais. Penso que é uma das formas de ter a bola, se queremos criar desequilíbrios é a sua mobilidade nos espaços mortos do jogo. Então trabalhamos muito em função dos espaços mortos e devemos trabalhar muito a mobilidade para encontrar esses espaços mortos, e através desses espaços mortos, criar o menos erro possível no passe para continuarmos a ter a bola e criarmos um conjunto de factores de desequilíbrio. Esta é uma ideia fundamental para a elaboração do jogo, na minha opinião, quando não tivermos a bola, temos que ser uma equipa, naturalmente, tão capaz de encontrar a redução desses espaços mortos ao adversário, e por isso tem que ser uma equipa que saiba na sua organização defensiva, a sua transição para defesa é uma equipa que tem que ser tão equilibrada e racional nos espaços a ocupar quando tem a bola como quando não a tem.

FF – No fundo já responde a uma questão a seguir, que é a questão da divisão do jogo por momentos, já me falou da organização ofensiva, defensiva e das transições, o que pergunto é: se os princípios comportamentais, os seus princípios de jogo estão interligados?

UM – É evidente. A ocupação do espaço para mim é fundamental, então quando deixamos um espaço ele tem que ser ocupado, quando queremos encontrar um espaço temos que criar condições para o ter. É através do



momento de desmarcação e é através do momento da criação do espaço que permitem a entrada no espaço de outro homem, é através da articulação da defesa, na transição que naturalmente os espaços preenchidos, de ocupação, de equilíbrio, de compensação de cobertura, que em função do plano de recuperação defensiva ele se constrói também. Na mesma ocupação racional do espaço e do equilíbrio a ocupação do espaço é fundamental para reduzirmos ao adversário qualquer zona morta ou qualquer capacidade dessa mesma utilização, porque para mim, eu entendo quanto melhor conseguirmos criar espaço para o saber utilizar, mais determinantes somos no aspecto ofensivo, ora se eu entendo desta forma, entendo que de forma contrária se soubermos, primeiro, utilizá-lo, preenche-lo no processo defensivo, estamos equilibrados e uma equipa desequilibrada no processo defensivo é uma equipa insegura, uma equipa que no processo ofensivo não sabe aproveitar o espaço é uma equipa desarticulada e que se desequilibra no momento da perda de bola, e portanto, o criar espaços e aproveitá-los é tão importante como o espaço que o adversário pode aproveitar e nós não permitirmos que isso aconteça.

FF – Atribui grande importância às transições? Tal como para os outros momentos elabora princípios bem definidos e treina-os?

UM – As transições têm muito a ver com os desequilíbrios no jogo. Hoje cada vez mais é fundamental criarmos através de acções rápidas, o desequilíbrio, apanhar o adversário desorganizado.

Eu defendo que para se poder estar perto de ganhar um jogo, no momento de recuperação da bola, foi um factor antecedente que o permitiu: a desorganização do adversário, ora seja nós a desorganizar o adversário, para depois estarmos perto, em situações rápidas, ou de dar continuidade em contra-ataque ou em ataque rápido. Isso determina totalmente aquilo que é a nossa capacidade objectiva se depois daí não tivermos condições, no momento em que cai a bola, de sermos rápidos nessa mesma decisão, naturalmente temos que passar para outra fase, que é a fase do momento em que sabemos



manter a bola, e em que criamos através da transição errada um outro momento de jogo. Então o momento da transição cada vez mais é fundamental, uma equipa saber parar o jogo do adversário o mais rápido possível como mais rapidamente possível após a recuperação da bola, o inicia. Eu acho que é fundamental ter este conceito, e este conceito treina-se mas acima de tudo, muitas das vezes treina-se e fala-se sobre ele, e mostra-se, e portanto há um conjunto de matéria que, não só no treino, mas que muitas das vezes o audiovisual e uma boa explicação ajudam muito. Muitas das vezes aquilo que percorremos, não conseguimos ver o que estamos concretamente a fazer, mas se depois conseguirmos ver por imagens e se talvez com uma boa explicação conseguirmos uma conclusão maior do nosso trabalho, portanto estes dois factores têm que andar sempre ligados.

FF – Expressão de um treinador: “Actualmente as situações de perigo e de golo ocorrem maioritariamente em situações de transição.” Outros treinadores incluem também as bolas paradas. Qual é a sua opinião sobre isto?

UM – É preciso naturalmente ter jogadores com essas características que saibam interpretá-lo e, naturalmente, além de saber interpretar e ter jogadores com essas características, é fundamental treiná-lo. Mas não tenho dúvidas nenhuma, hoje, que o preenchimento e a ocupação do espaço, o encurtamento do campo no processo defensivo, vai permitir que haja alguma criação de espaço após a recuperação da bola, e que é importante defini-lo. O que é importante actualmente é saber aproveitar esses espaços e por isso eu entendo que a equipa que os melhor souber interpretar, naturalmente, vai criar oportunidades mais flagrantes e mais claras de golo.

FF – Atacar e ao mesmo tempo contemplar a possível perda de bola é para si estar a incutir nos jogadores um espírito de fracasso, ou é já estar a preparar a transição defensiva, ou seja, pensa logo na transição defensiva no momento em que tem a bola, ou só depois de a perder?



UM – Penso naturalmente quando tenho a bola, que caso a perca, como é que estou equilibrado para a poder recuperar o mais longe possível da minha baliza.

FF – Contempla, portanto, um equilíbrio defensivo mesmo quando está a atacar...

UM – Claro! Tem que haver jogadores que, apesar de fazerem parte do processo ofensivo porque temos a bola são fundamentais no equilíbrio.

FF – E quantos jogadores acha necessário, não entrarem na mobilidade ofensiva da equipa para salvaguardarem esse equilíbrio?

UM – Normalmente o equilíbrio tem a ver com aquilo que também é o desequilíbrio organizativo do adversário, se o pudermos conhecer antecipadamente podemos contemplar isso de forma mais apurada. Naturalmente, da forma como o adversário se equilibra também pela defesa, se defende com muitas unidades, provavelmente é uma equipa que nos vai criar mais problemas e é uma equipa que nos obriga a meter mais unidades, mas encontramos como resposta, que o meio termo é uma boa base de equilíbrio. Se pudermos não partir a equipa e equilibrá-la sempre com um processo de organização em que entram tantas unidades em ataque, como aquelas que se posicionam para defesa, nós pensamos que mantemos o equilíbrio também aí.

FF – Em termos dos jogadores que o executam, à partida varia, ou são os mesmos? São os jogadores que ocupam determinados postos específicos, ou também procura que haja alguma mobilidade nesses jogadores que ficam no equilíbrio?

UM – Tem que se ter em conta que um dos factores de desequilíbrio, é a capacidade de poder pensar o jogo, desequilibrando-o através de unidade que criam a surpresa, por isso muitas das vezes utilizam-se os laterais. Quanto aos



médios não existe especificidade, só um homem para defender no meio campo, ou dois. Eles são capazes de o fazer, atacar e defender de uma forma, qualquer um deles, sejam 3 ou 4 no meio campo, como os laterais se pretendam tenham essa capacidade de desequilibrar. Para mim o ideal era que pudéssemos ter centrais que soubessem fazer a primeira fase de construção e que fossem equilibrados pelo homem que no processo defensivo e na organização defensiva, no meio campo, tem funções de muito maior equilíbrio. Portanto eu entendo que os factores de desequilíbrio são fundamentais, se tivermos aptidão para ela através de outros jogadores de unidade defensiva de maior repetição.

FF – O aproveitamento dos momentos de transição para criar situações de finalização, ou seja, a facilidade que às vezes acontece em criar situações de perigo através das transições implica necessariamente que a equipa que perde a bola nesse momento tem menos qualidade na transição defensiva?

UM – Isso tem muito a ver, na minha opinião, com a inteligência com que se interpreta modelo de organização estratégico para o jogo. Há equipas que defendem com muitas unidades e que defendem mal, e que naturalmente saem bem para o contra-ataque e para o ataque rápido, utilizam bem a transição, para ataque e há equipas que naturalmente o fazem muito bem, e ocupam muito bem o espaço, reduzem muito bem o espaço no processo defensivo e têm menos qualidade em sair para o ataque rápido e para o contra-ataque. Isso naturalmente é um factor que tens que ter em atenção quando encontramos equipas que mesmo com poucas unidades são perigosas em ataques rápidos e em contra-ataque, na transição, mas que são decisivas, muitas vezes não tem a ver com o número de jogadores que metemos no ataque, mas tem a ver com a qualidade das decisões que tomamos nessas unidades que metemos em ataque. E eu penso que esse é um factor determinante e que, não é preciso muitas vezes, alguns jogadores terem muitas oportunidades para fazer golo e não é preciso muitas vezes as equipas terem muitas oportunidades com muitos elementos em ataque, para também



serem decisivas em finalizar. Tem muito a ver naturalmente, com a apetência, com a capacidade que reúnem alguns elementos estrategicamente posicionados para que após a recuperação da bola sejam decisivos.

FF – Uma frase de José Mourinho: “uma equipa com uma filosofia muito ofensiva deve ser ainda mais forte na transição defensiva, caso contrário pode ter muitos problemas defensivos.” Qual é a sua opinião?

UM – Eu entendo que sim, naturalmente, se há uma liberdade para poder haver algum desequilíbrio nas unidades que metemos em ataque, não podemos achar que uma equipa que se mantém equilibrada, e que é capaz de parar o ataque do adversário durante 90 minutos. Então, eu entendo que essa frase para mim, se ajuste.

FF – Partindo para as questões mais particulares da sua equipa, quais são os comportamentos que pretende que a equipa realize quando perde a posse de bola? Pretende uma transição alta com pressão logo sobre o adversário, o recuo dos jogadores, se faz pressão imediata, essa pressão é feita individualmente, por grupos, por sectores, colectivamente...

UM – Isso depende muito dos jogadores que temos, se tivéssemos os jogadores que idealizamos, eu diria que gostaria que, onde perdesse a bola, de procurar recuperá-la o mais rápido possível. Esta é a minha filosofia, se tenho jogadores capazes de o fazer, procuro fazê-lo em qualquer circunstância, a menos que a organização do adversário determine que para mim, é um erro estratégico. Ora se tiver jogadores que após a perda de bola, o seu instinto, a sua reacção primeira seja recuperá-la, se tiver uma equipa preparada para isto, capaz de responder a isto, eu não vou recuar os meus jogadores e pedir-lhes que façam perto da minha baliza, o que podem fazer longe dela. Para mim, se o vou fazer, se estou ao alcance de o fazer, se os obrigo a fazer uma coisa, para a qual eles não estão preparados para fazer vou confundi-los. Eu tenho as



ideias claras dentro do jogo, eu defendo essa forma, mas se for mais proveitoso estrategicamente fazer de outra forma, isso é outra coisa!

FF – À partida então, pretende que essa pressão seja feita onde perder a bola, com a equipa toda em aproximação?

UM – Sim. Naturalmente é uma situação que se trabalha, que temos de focar um conjunto de determinadas pressões sobre o portador e os homens que poderão estar em condições de receber a bola. Existe sempre quem faça uma cautela defensiva e que provavelmente pode fazer algum arrastamento e alguma maior profundidade, em função de alguma situação que possa correr mal, mas por norma, procuro que a grande maioria faça logo uma pressão imediata, não sobre o portador da bola, mas quem possa estar em condições de a receber também.

FF – E esta transição é feita de uma forma diferente em função da zona em que perdeu a bola, é diferente se for feita nos corredores laterais ou no central? É diferente dependendo do adversário, se joga contra o Porto ou contra o Leiria? E é diferente em função do momento de jogo, se está a ganhar, se está a perder?

UM – Diferencio. A minha opinião é que não posso fazer sempre da mesma forma, por um conjunto de factores que tem a ver com o valor do adversário, onde é que jogamos e outro factor que não podemos ignorar, é que além de duas equipas existe a terceira que vive em função de alguns aspectos emocionais, que reage em função deles e que é mais ou menos pressionável. Portanto hoje nós tomarmos uma decisão em consciência, temos que encontrar um conjunto de factores, se jogarmos em nossa casa, o que é que isto pesa em função daquilo que a terceira equipa pensa, qual é a sua reacção no mesmo jogo, contra outra equipa num estádio diferente. Depois naturalmente aquilo que mais pesa é a qualidade do adversário que, em função de uma pressão alta, tem qualidade suficiente para sair da pressão.



FF – E quanto ao local de perda, falou há pouco que...

UM – Nos corredores laterais, é onde pretendo naturalmente parar o jogo ao adversário. Porque provavelmente na zona central, onde a pressão é feita e exercida de forma diferente, entendo que ela se torna muito menos eficiente e eficaz do que, se conseguirmos levar o jogo do adversário para os corredores laterais. Aí, na primeira sua fase de construção, pará-lo obriga-lo a jogar em profundidade na pior das hipóteses, porque podemos ter um jogo frontal e termos a capacidade de ganhar mais vezes do que perdê-lo. Por isso entendo que temos de obrigar o adversário a levar o jogo para os corredores laterais e aí para-lo completamente ou obriga-lo a errar.

FF – Pelo que vi, disse que pretende uma pressão rápida, se assim for possível, pelos seus jogadores. Diversos autores consideram a mudança de atitude um ponto muito importante no momento de perda de posse de bola. Também valoriza esse aspecto?

UM – Pois, é evidente que a atitude com que nós após a perda da bola, reagimos determina a qualidade da transição, porque a atitude existe, pode é não ser apropriada para o momento. Se a atitude que nos temos é mais passiva do que aquilo que se exigia para o momento da perda da posse de bola, eu provavelmente não tenho uma equipa preparada para recuperar logo a bola e tenho que preparar a equipa para reagir em função daquilo que ela é capaz. Nós somos lentos a reagir, se temos mais características na equipa de jogadores que são mais lentos na forma como reagem, temos que os por a pensar e a reagir mais rápido, mas se eles nunca vão ser tão rápidos como pretendemos provavelmente temos que ser suficientemente inteligentes para que, em termos estratégicos, passemos a parar ligeiramente o jogo quando estivermos mais organizados e para cortarmos mais linhas de passe ao adversário.



FF – Concorda com esta frase: “Com a defesa ao homem, a eficácia das transições está comprometida porque o posicionamento dos jogadores não será o ideal porque estará condicionado pelo adversário”?

UM – Essa frase não é anormal para mim, não é descabida, mas também não concordo inteiramente. Na minha ideia, entendo que se tivermos uma boa ocupação de espaço e se conseguirmos reduzir o espaço independentemente dos movimentos do adversário provavelmente vamos encontrar o adversário com deficitárias condições de entrada de bola. Mas há momentos e há zonas em que naturalmente se transformam num misto de zona/homem e eu entendo que é elas se completam muito melhor do que funcionando só de uma forma. Por isso entendo que há zonas do terreno e há momentos no jogo em que é determinante o homem, mas é fundamental podermos reagir de uma forma colectiva com esse misto de, em determinados espaços, haver um espaço misto zona/homem, do que só haver zona em todo o espaço do campo e só homem também, eu entendo que ela tem que ser mista.

FF – O treino constitui-se como um processo de ensino por parte da equipa técnica, e aprendizagem por parte dos jogadores. Os comportamentos que pretende realizar nas transições têm particular foco no seu treino?

UM – É evidente. Esse é um dos factores, de vários que é preciso trazer à equipa, e dotá-la para que se instale uma determinada filosofia, uma ideia de jogo, e naturalmente tem que ser treinado. Por muito que os jogadores sejam determinados no ataque rápido, na transição para ataque, temos que trazer ideias, sobretudo ideias colectivas e acções que, sendo individuais, se transformam rapidamente em colectivas. Assim, estas treinam-se de uma forma colectiva, que muitas vezes, tem a ver com jogadores que não participando nesse processo, dão segurança para que ele se repita mais vezes. Manter o tal equilíbrio e a tal capacidade de poder transportar para ataque rápido e introduzir em ataque alguns elementos em segurança, portanto isto tem que se treinar. Depois naturalmente também é evidente que há um



conjunto de acções que são de improviso que o avançado por vezes tem e que no aspecto individual ele acaba por realizar e que naturalmente também temos que dar esta liberdade.

FF – O mesmo se verifica no treino da transição defensiva?

UM – Exactamente.

FF – Um treinador referiu que muitos treinadores treinam a organização defensiva, muitos treinadores treinam a organização ofensiva, mas são um pouco deficitários no treino de transições. Dai a maior desorganização das equipas nesses momentos, pela sua experiência, pelo que conhece, concorda com este depoimento ou tem uma opinião diferente?

UM – Quem sou eu para falar deles, eu tenho é que falar sobre mim.

FF – Sim, mas pelo que já viveu, e pelo que conhece do futebol...

UM – Esse é um dos problemas que eu entendo que o resultado determina muito, e é evidente que não há outra história, o resultado determina muito o que tu vales como treinador, independentemente do que tu trabalhas. Agora eu entendo e defendo que, quem trabalhar bem, está mais perto de ganhar mais vezes. A transição para a defesa, como disse e como defendo é tão importante como a transição para ataque. Se descurarmos o seu treino provavelmente teremos a equipa mal preparada para poder reagir rápido á perda e ao ganho da posse de bola e as transições serem deficitárias. Muitas vezes acontece que, ataca-se mal na área do adversário e acaba-se por ter uma transição deficitária para defesa, e o adversário correr quase 100 metros e nós não termos capacidade de o anular. E por isso também entendo que é fundamental o treino destes aspectos.



FF – Pelo que vejo, valoriza de igual forma o treino de organização e das transições. A transição ou os comportamentos que pretende nas transições são operacionalizados em algum dia especial do seu microciclo normal de treino ou têm uma abrangência semanal?

UM – Não tenho dia específico para o fazer mas procuro que seja no dia em que nós entendemos trabalhar a velocidade.

FF – À partida num microciclo normal, Domingo a Domingo será à sexta-feira.

UM – 48 horas, 50 horas antes, 60 horas no máximo. Como sabes podemos jogar Domingo às 16 ou Domingo à noite. Estamos a falar de algumas horas, que tem a ver depois com o número de repetições que utilizamos, mas é nessa unidade de treino que faço naturalmente as transições para ataque com transições para defesa, se entender que é importante ou fundamental nesse dia também trabalhar as duas acções.

FF – E esse tipo de treino específico dos comportamento das transições, normalmente fá-lo interligado com os momentos de organização (defensiva e ofensiva) ou prefere de uma forma mais analítica?

UM – Tem a ver com os momentos de assimilação do grupo, se está naturalmente preparado e nós sentimos que está muito bem em recuperação defensiva e na sua organização para transição, nós entendemos que se calhar vamos dar neste momento um pouco mais de importância ao aspecto que entendermos estar mais deficitário. Por exemplo, entendi que hoje trabalharia os aspectos de transição para ataque e que entendo que há um conjunto de acções que esta equipa faz razoavelmente bem, que é a transição para defesa, tem elementos que se posicionam bem e que ocupam bem o espaço. Por outro lado, focamos mais nas transições para ataque, porque lhe queremos dar mais importância, porque achamos que vai ser um dos factores determinantes para



Domingo. Costumo fazer muitas vezes sem oposição e depois com oposição, partilhando os factores mais perto daquilo que é a realidade do jogo.

Mas costumo fazer naturalmente algumas vezes separado, sem oposição e depois vou-lhe acrescentando unidades, quer no processo defensivo, quer no processo para ataque.

FF – Contempla então as duas formas.

UM – Sim.

FF – Para terminar, alguns treinadores consideram ser mais difícil treinar transição ataque-defesa pelo facto dos jogadores gostarem mais de trabalhar quando têm a bola, e por isso a mudança de atitude quando perdem a bola não é tão natural e tão rápida como acontece quando a ganham. Concorda com isto?

UM – Não. Que isso é verdade, é, mas cabe-nos a nós trazer acções e exercícios que naturalmente sejam apelativos para eles poderem se motivar e valorizar os momentos em que não têm a bola. Habitualmente só se tem tendência a aplaudir um golo, mas não se aplaude, uma boa transição na recuperação rápida e eficaz o mais longe possível da baliza. Cabe-nos a nós dar tanta importância a uma como a outra e fazer-los perceber que aquele factor foi tão determinante que evitou provavelmente que o adversário pudesse ter feito o golo na nossa baliza.